

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARILEIDE DO CARMO AMORIM ARRUDA

**A EDUCAÇÃO INFANTIL DAS CRIANÇAS PANTANEIRAS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO CHUMBO EM POCONÉ – MT**

CÁCERES-MT

2021

MARILEIDE DO CARMO AMORIM ARRUDA

**A EDUCAÇÃO INFANTIL DAS CRIANÇAS PANTANEIRAS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO CHUMBO EM POCONÉ – MT**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora professora Dra. Jaqueline Pasuch.

CÁCERES-MT

2021

Observações:

- 1) A ficha catalográfica será elaborada pela(o) bibliotecária(o) a partir das informações da **folha de rosto** e do **resumo** final da dissertação, os quais deverão ser enviados pelo mestrando ao e-mail da secretaria do PPGEdU para a confecção da ficha catalográfica;
- 3) Esta ficha será impressa no verso da segunda folha da dissertação, e não é contada para efeito de formatação de paginação das seções;
- 4) Os dados da ficha catalográfica oficial devem ser colocados nesta caixa de texto.
- 5) Essas observações devem ser apagadas, cedendo lugar aos dados da ficha catalográfica.

MARILEIDE DO CARMO AMORIM ARRUDA

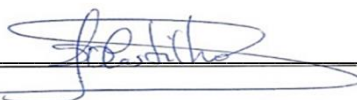
**A EDUCAÇÃO INFANTIL DAS CRIANÇAS PANTANEIRAS NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO CHUMBO EM POCONÉ – MT**

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Educação.

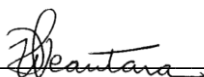
BANCA EXAMINADORA



Dra. Jaqueline Pasuch (Orientadora – PPGEdu/UNEMAT)



Dra. Suely Dulce de Castilho (Membro Externo – PPGE/UFMT)



Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (Membro Interno – PPGEdu/UNEMAT)

APROVADA EM: 24/08/2021.

Dedico este trabalho in memoriam, à minha mãe Carmelita Rainha de Amorim, às minhas filhas, Gabrielly Natacha Amorim Roduit e Grazielly Adriany Amorim Roduit, às minhas irmãs, Marizeth de Amorim Campos, Valdirene Gonçalina de Amorim Campos Pereira, Joseane Amorim Duarte, ao meu irmão Magno de Arruda, ao esposo Odair Roduit, à minha família e amigos que estiveram comigo percorrendo o caminho em prol da realização deste projeto de vida.

De maneira especial dedico às crianças pantaneiras quilombolas da comunidade do Chumbo de Poconé-MT.

Agradeço,

A Deus pela vida, saúde, pelas maravilhas que tem me proporcionado e por me conceder a realização de mais um projeto de vida a conclusão do Mestrado;

Especialmente, à minha orientadora Jaqueline Pasuch. Quero expressar aqui minha eterna gratidão e admiração pela pessoa que és como mulher, mãe, militante e companheira de luta. És minha inspiração na luta pela educação infantil que hoje também é minha bandeira de luta. Obrigada por fazer parte dessa conquista, por ser luz no meu caminhar!

Às professoras Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, Léa Tiriba e Suely Dulce de Castilho por terem recebido e lido com carinho nosso texto dissertativo cujas contribuições foram de fundamental importância, mostrando-nos os caminhos a serem seguidos para que pudessemos tecer os fios que se entrelaçam nas análises da dissertação e pela participação na banca de defesa.

Aos queridos professores/as, funcionários/as do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNEMAT que, de uma forma ou de outra, contribuíram com a minha formação acadêmica e a constituição deste texto dissertativo.

Ao município de Poconé-MT, terra pantaneira e de pessoas hospitaleiras.

À Secretaria Municipal de Educação de Poconé, por disponibilizar a licença para qualificação profissional para o curso de mestrado.

À equipe de profissionais do “CEI Vovó Teófila”, diretora Rosiane Cândida e a coordenadora pedagógica Jusiane Luiza de Lima e professoras, por nos receber e permitir que a pesquisa fosse realizada na instituição.

Meu carinho e reconhecimento à Sr.^a Eliana Silvestre pelas merendas deliciosas feitas com muito amor e carinho para as crianças do CEI Vovó Teófila.

Às funcionárias da limpeza e equipe de apoio administrativo do “CEI Vovó Teófila”.

Às crianças do “CEI Vovó Teófila”, que com a alegria emanada delas vivenciei diversas brincadeiras, ricas trocas de experiências e pude conhecer várias histórias de vida, e com elas esperar dias melhores.

Aos Anciãos da comunidade, em especial ao Sr. José Atanázio de Lima (Sr. Juca), Sr. Benedito Santana Rodrigues Cunha e dona Ana Luiza de Almeida Lima, verdadeiros guardiões da história e da cultura da comunidade quilombola do Chumbo e parceiros da instituição de Educação Infantil.

Aos queridos irmãos Marizeth, Valdirene, Joseane e Magno, pelo carinho, amor, amizade e companheirismo, juntos me deram forças para chegar até o fim desta conquista e que vocês trilhem o mesmo caminho e tão logo possam ingressar no Mestrado, contem sempre comigo.

Ao meu esposo Odair Roduit, por acreditar em mim, pois foi a primeira pessoa que me disse “você vai passar no seletivo do mestrado”, gratidão!

À minha avó materna Maria Osvaldina (in memorian), que aos 85 anos, com muitas limitações, sentia minha ausência e quando eu voltava para casa ficava feliz da vida. A sua partida no decorrer deste caminhar de formação foi sentida e as saudades serão eternas.

Ao meu querido e amado pai de coração, João Carolino de Campos! Gratidão pelo carinho que tem por mim.

Ao sogro, Adão Paulo Roduit (in memorian), sua partida tão brusca durante este caminhar de minha formação foi sentida e as saudades serão eternas, e a sogra, Terezinha Spesia Roduit, por ajudar a cuidar das minhas filhas na minha ausência durante o curso do Mestrado.

Aos tios e tias, em especial a tia Isa e tio Erasmo por estarem sempre presentes e me ajudando, olhando as minhas filhas durante as minhas ausências.

Aos cunhados e concunhada, agradeço pela compreensão na ausência em reuniões familiares.

Aos primos e primas pelo carinho recebido durante este caminhar.

Aos meus sobrinhos Maycon, Ryan, Elizeth, Kênia e a sobrinha afilhada Rayane meus tesouros, por compreenderem a minha ausência.

Aos queridos afilhados e queridas afilhadas, Eliane Carolina, Lucimeire, Rayane, Rosaica Kellen, Thiago e Wender, pela compreensão da minha ausência principalmente em datas especiais.

Aos compadres e comadres,

Às companheiras e companheiros de trabalho da Escola Estadual Frei Carlos Vallete e do CMEI Prof^a Antônia Augusta Leite Ferreira em Poconé-MT;

Aos meus queridos amigos e amigas, por compreenderem a minha ausência em alguns momentos de celebração e convívio;

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação, André, Bruna, Cátia, Daniel, Dominique, Elaine Hoffman, Elaine Mamoré, Elen, Enorê, Eva, Evelyn, Fabiane, Giovana, Guilherme, José Geraldo, Jucélia, Juliana, Laura, Lucas, Marcelo, Mike, Oscar, Pedro, Rosângela Rocha, Rosângela Gomes, Samara, Suéle, Valdicéia, pelas oportunidades de aprendizagens e alegrias, durante as aulas e em instantes de descontração.

O carinho de muitas pessoas que fazem parte da minha vida está guardado em meu coração e foram fundamentais para a realização deste Curso de Mestrado.

Muito Obrigada!

*(...) que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica
nem com balanças nem com barômetros etc.*

*Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo
encantamento que a coisa produz em nós.*

(MANOEL DE BARROS)

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “A Educação Infantil das Crianças Pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo de Poconé - MT” tem como objetivo compreender as significações das relações pedagógicas específicas ao desenvolvimento da constituição da identidade coletiva pantaneira/quilombola das crianças matriculadas no Centro de Educação Infantil Vovó Teófila. Buscou identificar quais elementos da cultura quilombola e pantaneira as crianças da educação infantil vivenciam em seus cotidianos e como são significados no desenvolvimento das práticas pedagógicas. Parte do princípio de que a Educação Infantil consiste em um direito de todas as crianças brasileiras de 0 até 6 anos de idade. A pesquisa de abordagem qualitativa, na perspectiva teórico-metodológica “Rede de Significações” (ROSSETTI-FERREIRA et. All. 2004) foi realizada no Centro de educação infantil Vovó Teófila na Comunidade Quilombola do Chumbo no município de Poconé-MT, no período de fevereiro a outubro de 2020, dividido em três etapas complementares: observação participante com registros em caderno de campo, filmagens e fotografias; análise do Projeto Político Pedagógico da Instituição de Educação Infantil; e realização de entrevistas com professores/as, coordenadora pedagógica, diretora escolar, profissionais de apoio pedagógico e anciãos da comunidade. Os sujeitos da pesquisa foram a diretora, coordenadora pedagógica, professoras, funcionárias do apoio administrativo, 128 crianças da educação infantil, 03 anciãos da comunidade. Os principais teóricos que possibilitaram a tessitura de uma rede de significados atribuídos à educação infantil das crianças quilombolas/pantaneiras foram: Bakhtin (1981, 1997, 1999), Barbosa (2008), Blabla (1998), Castilho (2011, 2019), Ceswell (2010), Charlot (2000, 2011, 2013), Ferreira (2014), Freire (1996, 2000, 2006), Hall (2006), Libâneo (2008), Minayo (2010), Moura (1997), Munanga (2006), Pasuch (2005, 2012), Piaget (1987), Tiriba (2016, 2018), Valsiner (1987,1997). Vygotsky (1991; 1993), Wallon (in Werebe & NadelBrulfert,1986), e, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), Base Nacional Comum Curricular (2018), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola (2012), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2009). As informações nos mostram o tão importante é se trabalhar a diversidade com as crianças na educação infantil para que desde pequenas elas se sintam amadas, se amem e começam a desenvolver o sentimento do pertencimento bem como o respeito a sua origem e a sua identidade. É perceptível a preocupação e a luta coletiva da comunidade por políticas públicas que garantam uma educação infantil de qualidade para todas as crianças matriculadas em escolas quilombolas. Esta pesquisa é de grande relevância social e acadêmica, muito contribuirá com futuras pesquisas sobre educação infantil quilombola.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Crianças Pantaneiras. Crianças Quilombolas. Identidade.

ABSTRACT

The present research, entitled "Children's Education of Pantaneira Children in the Quilombola Community of Chumbo de Poconé - MT" aims to understand the meanings of specific pedagogical relationships to the development of the constitution of collective Pantaneira/Quilombola identity of children enrolled in the Children's Education Center Vovó Theophilia. It sought to identify which elements of quilombola and Pantanal culture children from early childhood education experience in their daily lives and how they are meant in the development of pedagogical practices. It assumes that Early Childhood Education is a right for all Brazilian children from 0 to 6 years of age. The qualitative approach research, in the theoretical-methodological perspective "Meanings Network" (ROSSETTI-FERREIRA et. All. 2004) was carried out at the Vovó Teófila Child Education Center in the Quilombola do Chumbo Community in the municipality of Poconé-MT, in the period of February to October 2020, divided into three complementary stages: participant observation with records in a field notebook, footage and photographs; analysis of the Pedagogical Political Project of the Child Education Institution; and conducting interviews with teachers, pedagogical coordinator, school director, pedagogical support professionals and community elders. The research subjects were the director, pedagogical coordinator, teachers, administrative support staff, 128 children from kindergarten, 03 community elders. The main theorists who made possible the weaving of a network of meanings attributed to early childhood education of quilombola/pantaneira children were: Bakhtin (1981, 1997, 1999), Barbosa (2008), Blabla (1998), Castilho (2011, 2019), Ceswell (2010), Charlot (2000, 2011, 2013), Ferreira (2014), Freire (1996, 2000, 2006), Hall (2006), Libâneo (2008), Minayo (2010), Moura (1997), Munanga (2006), Pasuch (2005, 2012), Piaget (1987), Tiriba (2016, 2018), Valsiner (1987,1997). Vygotsky (1991; 1993), Wallon (in Werebe & NadelBrulfert,1986), and National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (2009), Common National Curriculum Base (2018), National Curriculum Guidelines for Quilombola Education (2012), Curriculum Guidelines Nationals for the Education of Ethnic-Racial Relations and for the teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture (2009). The information shows us how important it is to work diversity with children in early childhood education so that from an early age they feel loved, love each other and begin to develop a sense of belonging as well as respect for their origin and identity. The community's concern and collective struggle for public policies that guarantee quality early childhood education for all children enrolled in quilombola schools is noticeable. This research is of great social and academic relevance, it will greatly contribute to future research on quilombola childhood education.

Keywords: Early Childhood Education. Pantanal Children. Quilombolas Children. Identity.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado.

ALCOOPAN – Álcool do Pantanal

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEB – Conselho Estadual de Educação.

CEI- Centro de Educação Infantil

CFB – Constituição Federal Brasileira.

CINDEDI- Centro de Investigações em Desenvolvimento Infantil

CNE – Conselho Nacional de Educação.

CNSAC- Comunidade Nossa Senhora Aparecida do Chumbo.

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

ECA – Estatuto da criança e do Adolescente.

ERER- Educação das Relações Étnico Raciais

FCP- Fundação Cultural Palmares

FMTEI- Fórum Mato-grossense de Educação Infantil

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

MIEIB – Movimento Inter fóruns da educação infantil no Brasil.

MT – Mato Grosso.

UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso

UNESCO- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization/ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

PPGedu- Programa de Pós Graduação em Educação.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

PME- Plano Municipal de Educação

REDSIG- Rede de Significações

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

SINTEP - Sindicato dos trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso.

SISMUP – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais.

SMECEL – Secretaria de Educação, Esporte e Lazer.

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UNEMAT - Universidade do estado de Mato Grosso.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNIVAG – Centro universitário de Várzea Grande.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Filtros Aplicados Com Descritores Entre Aspas.....	43
Quadro 2 - Pesquisa relevante	44
Quadro 3 - Comunidades Quilombolas no Estado de Mato Grosso.....	47
Quadro 4 - Infraestrutura do CEI Vovó Teófila.	69
Quadro 5 - Número de Crianças por Turma na sede	75
Quadro 6 - Demonstrativo de locais de residência das crianças que estudam na sede do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.....	75
Quadro 7 - Demonstrativo de Profissionais do quadro de 2020 no Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.....	79

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Fotografia da Entrada da Cidade de Poconé – MT.	45
Imagem 2 - Mapas, à esquerda mapa do Brasil com destaque no Estado de Mato Grosso e a direita mapa de Poconé e seus limites.	46
Imagem 3 - Foto Aérea de Poconé	46
Imagem 4 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário.....	46
Imagem 5 - Portal de Entrada do Pantanal	50
Imagem 6 - Cavalhada de Poconé	51
Imagem 7 - Dança dos Mascarados	51
Imagem 8 - Ancião Sr. Juca e dona Ana, com instrumentos musicais da cultura pantaneira quilombola.....	54
Imagem 9 - Igreja Católica de Nsa. Sra. Aparecida, padroeira da Comunidade.....	55
Imagem 10 - Entrada da Comunidade Quilombola do Chumbo	55
Imagem 11 - Imagem Externa do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.....	64
Imagem 12 - Imagem do Parque Infantil do CEI Vovó Teófila.....	70
Imagem 13 - Profissionais da Educação do CEI Vovó Teófila /2020.....	80
Imagem 14 - Mulher Negra e Bonecas de Pano Abayomi confeccionadas pelas professoras e crianças do CEI Vovó Teófila.	94
Imagem 15 - Hora da refeição	99
Imagem 16 - Chuveiro que as crianças a partir de 3 anos utilizam para o banho.	99
Imagem 17 - Prof ^ª Vanda Rosa e o Ancião Sr. Juca Cantando Siriri.....	104
Imagem 18 - As Crianças da turma de 5 anos.	106
Imagem 19 - Crianças realizando atividades Psicomotoras.	113
Imagem 20 - Ancião Sr. Juca conversando com as crianças	115
Imagem 21 - Ervas Medicinais no Quintal dos Anciãos Sr. Juca e dona Ana	119
Imagem 22 - Anciãos Sr. Juca e Dona Ana mostrando às crianças ervas medicinais e sementes.	119
Imagem 23 - Confecção de Brinquedos	120
Imagem 24 - Crianças e professora turma 2/3 anos de idade	121
Imagem 25 - Crianças visualizando formigueiro	122
Imagem 26 - Kombi.....	125
Imagem 27 - Crianças desenhando Formigueiro.....	126

Imagem 28 - Organização das Mochilas	126
Imagem 29 - Professoras com proteção de segurança contra o Covid 19 entregando apostilas para as mães.....	131
Imagem 30 - Crianças brincando nos espaços internos do CEI	133
Imagem 31 - Crianças brincando nos espaços externos	134
Imagem 32 - Crianças manifestando alegria e sorrisos.	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. A TESSITURA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA REDE DE SIGNIFICAÇÕES	33
1.1. Desenrolando os fios que compõem os caminhos metodológicos da pesquisa.....	33
1.2. Metodologia de Análise de Dados.....	39
1.3. Entrevistas Semiestruturadas	40
1.4. Procedimentos éticos da pesquisa	41
1.5. Recurso fotográfico	41
1.6. Pesquisa Etnográfica.....	42
1.7. A Educação Infantil Pantaneira/Quilombola na produção científica	42
2. POCONÉ, A CIDADE ACOLHEDORA DO PANTANAL	45
2.1. A formação administrativa do Município de Poconé	49
2.2. A Comunidade Quilombola do Chumbo.....	54
2.3. Significações conceituais: os quilombos e a identidade quilombola.....	58
3. A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CHUMBO: O CEI “VOVÓ TEÓFILA”	64
3.1. Vovó Teófila, um breve relato da sua história.....	65
3.2. O CEI Vovó Teófila: espaço e tempo, fazeres e saberes no período da pesquisa	68
3.3. A Formação Continuada das Profissionais da Educação do CEI “Vovó Teófila”	80
3.4. Significações do processo de formação continuada no CEI “Vovó Teófila”.....	84
3.5. Significações do Projeto Político Pedagógico do CEI “Vovó Teófila”	89
4. A Educação Infantil das crianças pantaneiras quilombolas no Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.....	93
4.1. Período de Adaptação: a inserção das crianças na Instituição.....	95
4.2. A hora do banho	99
4.3. Atividades lúdicas realizadas nos espaços internos e externos durante o período de adaptação.	101

4.4. Vivenciando as práticas cotidianas na turma de 5 anos A/B matutino e vespertino ...	106
4.5. Vivenciando as práticas cotidianas na turma de 2/3 anos A/B matutino e vespertino	120
4.6. O Brincar para as Crianças Pantaneiras/quilombolas do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.....	131
4.7. Entre crianças e anciãos: encontros geracionais socializadores da cultura quilombola e pantaneira na comunidade escolar.....	136
4.8. As crianças pantaneiras quilombolas e as músicas que alegam seus cotidianos no CEI Vovó Teófila.....	147
4.9. Entrelaçando as significações e tecendo a RedSig.....	152
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	170
ANEXOS	180

INTRODUÇÃO

O presente texto dissertativo intitulado “A Educação Infantil das Crianças Pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo em Poconé-MT” é fruto dos estudos realizados no Curso de Mestrado em Educação (PPGEDU/UNEMAT, 2019-21), na linha de pesquisa “Formação de Professores, Políticas e Práticas Pedagógicas”. Teve como objetivo geral compreender as significações das relações pedagógicas específicas ao desenvolvimento da constituição da identidade coletiva pantaneira/quilombola das crianças matriculadas no Centro de Educação Infantil vovó Teófila com os seguintes objetivos específicos: Observar as interações das crianças entre si e das crianças com os adultos na Instituição de Educação Infantil em estudo; Observar e compreender os modos de vida pantaneiro/quilombolas das crianças na comunidade quilombola do chumbo; Observar e identificar nas práticas pedagógicas as ações específicas relacionadas ao processo da constituição da identidade infantil pantaneira /quilombola; Observar e entender como tem sido inseridas as questões culturais e educacionais junto às crianças no cotidiano escolar.

Inicialmente, concordamos com a concepção de educação desenvolvida por Bernard Charlot (2011), em entrevista concedida aos Cadernos de Educação, a saber:

A educação é o movimento pelo qual a criança se hominiza, se socializa, entra em uma cultura; e se singulariza, torna-se sujeito. Isso tem muitas consequências. A educação não é um bem público, a educação é um direito antropológico – mais importante ainda que um bem público. A questão diretividade/não diretividade é uma pseudoquestão, porque não há educação sem movimento interior do sujeito, e não há educação se esse movimento interior não encontra no mundo um patrimônio já construído pelas gerações anteriores. (CHARLOT, 2011, p.16-17).

Neste estudo, destacamos a importância da educação na vida das crianças, especialmente, as crianças da Comunidade do Chumbo, um território quilombola localizado no município de Poconé, região Pantanal de Mato Grosso. Compreendemos que a educação infantil, primeira etapa da educação básica brasileira, é um direito cidadão das crianças e de suas famílias, assim como a infância como tempo da vida cujo único dever é viver em plenitude, socializar-se, conhecer o mundo, conviver com os outros, entender diferenças, constituir seu caráter e a sua identidade individual e coletiva, brincar e interagir, construir sentidos e significados, vivenciar experiências ricas em aprendizagens.

O interesse pela temática da presente pesquisa surgiu a partir do ano de 2013 quando, devido às experiências da pesquisadora na área da educação, com turmas da educação infantil, ensino fundamental, EJA, em escolas da zona urbana e do campo. Eu tive a oportunidade de trabalhar na Secretaria Municipal de Educação, na função de Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil e auxiliar a equipe de Educação Especial, experiência que mobilizou um processo reflexivo quanto a função de educadora e a levou para o campo da pesquisa. Assim, no próximo item, procuramos tecer fios da memória de vida em seus aspectos pessoais e profissionais, com a intenção de criar e apresentar as significações desta pesquisa.

Fios que tecem a trajetória de vida da pesquisadora

É com imensa emoção que eu apresento¹ relatos dos fios que entrelaçam a minha vida, minha trajetória enquanto criança, estudante, professora e militante na luta pela educação como direito das crianças. Trago comigo a descendência afro-indígena herdada dos meus avós maternos. Sou filha de uma mulher trabalhadora que iniciou sua vida profissional como empregada doméstica e mais tarde se tornou funcionária pública. A Sr.^a Carmelita Rainha de Amorim Arruda, nossa saudosa mãe, teve quatro filhas e sou a primogênita. Somos quatro irmãs professoras, somos filhas da escola pública.

Nasci e morei na comunidade Vagágua, localizada na zona rural do município de Poconé-MT, distante cerca de 07 km do centro da cidade. Lembro-me que na comunidade havia a casa da vovó, a casa da mamãe, da tia Miqui e da tia Nhanhã. Eram casas feitas de pau a pique com barrotes de terra, cobertura de sapé ou palhas de acurí, o chão era de terra batida. Com o tempo, algumas casas de barrotes foram substituídas por adobo e hoje tijolos. Na parte dos fundos, um pouco distante das casas, estava uma das roças do vovô, onde todos plantavam. Uns plantavam arroz, outros milho, feijão, cana de açúcar, abacaxi, mandioca. Cada um cuidava daquilo que plantou, depois se reuniam para colher, e faziam trocas de produtos. Antes de chegar na roça tinha uma vala, como se fosse um cercamento de terra, uma marcação de propriedade que existe até hoje, mas em pequena dimensão. Recordo que os quintais das casas tinham várias árvores frutíferas, tais como: mangueira, pequi, mamoeiro, goiabeira, cajueiro, pé de algodão, pé de ata, plantas floridas e medicinais.

¹ Neste item desenvolveremos a escrita na primeira pessoa do singular devido a tessitura apresentar as memórias das vivências da pesquisadora.

Todas as famílias criavam porcos, galinhas, além dos animais de estimação. Naquela época, por volta de 1979, não havia luz elétrica nos sítios, só nas grandes fazendas próximas da comunidade, assim, nossa iluminação era feita com lamparina, lampião ou vela, e os produtos perecíveis como carnes eram mantidos secos ou na lata de banha de porco. Os alimentos que tínhamos acesso era “de tudo um pouco”, carne fresca de boi, carne seca, carne de bichos caçados, peixes, ovos, verduras e legumes que eram produzidos na roça.

Na comunidade Vagágua vivi a infância, brinquei de boneca de pano, boneca de sabuco do milho, subi em árvores, nas mais difíceis possíveis, como o pé da pitomba. Acreditem, consegui subir até em pé de mamão! Mas, infelizmente, não foram só alegrias, pois uma infância bem vivida acumula memórias de momentos tristes, como quando eu caí no poço, embora fosse tampado com madeira ou mais tarde quando cai do pé de caju e quebrei o braço, sendo tratado com recursos da natureza, com melado feito da casca da árvore aroeira. Foi passado sobre o braço e apoiado em um pedacinho de tábua, enrolado com tecido grosso, tendo o mesmo resultado que o gesso, hoje em dia. Recordo que a minha queda no poço ensinou a mim e as outras crianças a não se aproximarem dele sem que houvesse um adulto por perto, assim como os cuidados em subir nas árvores.

Eu, meus primos e primas tivemos a experiência de irmos à roça com o vovô, aprendemos a plantar e colher arroz, feijão, melãozinho, banana, milho, melancia, abóbora e também fomos muito ao rio e aprendemos a pescar e a contar uma boa história de pescador. Trago das minhas memórias o anoitecer com meu avô, onde nos reuníamos entre os netos e netas para contar histórias, algumas eram verdadeiras, outras só histórias mesmo. Ele contava de uma tal Maria que virava porca espinha, contava de um casal que virava bicho, falava também de uma sereia que aparecia no rio onde ele ia pescar, falava que tinha um pé de pequi que as pessoas que iam lá ouviam choro de criança. O vovô nos ensinou a olhar para o céu para ter a noção da hora, nos ensinou que na “semana santa” devemos cobrir as imagens dos santos, ensinou também que tomar chá de ervas, cascas e raízes fazem bem a saúde e cura doenças, que o guaraná ralado caseiro é fortificante. E a minha avó amava tecer rede, esse era feito manualmente no tear, com fios de algodão produzido por ela. Essas redes eram para família e para vender. Ela também fazia coxonilho de lã e pelego, os quais eram vendidos para os cavaleiros, que compravam e levavam para as fazendas no Pantanal. A vovó também era considerada uma “doceira de mão cheia”, fazia deliciosos doces de laranja, limão, mangava, figo, manga e melado de rapadura.

Na minha infância brincamos muito - há como brincamos! - brincávamos de casinha, piquenique, jogávamos bola feita de roupas velhas enroladas em uma sacola, subíamos no pé do caju e pé de pitomba, lá de cima saboreávamos seus frutos, fazíamos gangorra com os cipós das árvores e nos sentíamos livres e felizes!

Na casa da Vovó era o lugar que tinha “o poço” e esse servia água para todos os moradores da comunidade, ele era cuidado como um bem muito precioso e ficava bem tampado com madeira. O poço ficava quase na beira da rua e sempre tinha o balde amarrado na corda e um copo para atender aqueles que por ali passassem com sede. Na época da seca, percorríamos uns 2 quilômetros até o sítio vizinho para pegarmos água que vinham no balde e nesse balde, colocávamos folhas de marmelada para evitar que o líquido caísse. Era pesado para o nosso corpo infantil, mas era importante a nossa participação no atendimento das necessidades essenciais em família, assim aprendemos os valores culturais da nossa existência em comunidade, um território pantaneiro povoado por pessoas que traziam em suas histórias a experiência do ser quilombola.

Na nossa comunidade acontecia a festa de São José, onde, logo pela manhã, era oferecido o biscoito com chá. Vinham pessoas de várias comunidades vizinhas e festejavam, cantavam e dançavam o siriri e o cururu, as roupas sempre floridas e rodadas, a bebida oferecida era o licor de leite, a comida era típica da região: Maria Isabel, feijoada, sarapatel. A festa era animada e não havia briga, era só alegria. Eu guardo com carinho essa memória de infância!

Próximo aos 6 anos de idade tive o primeiro contato com a escola. Fui juntamente com os primos e primas participar das aulas no “coleginho”. Era assim que chamavam a nossa escola, a mais próxima da comunidade onde eu morava. Nessa escola eu e as outras crianças com a mesma idade participávamos como “alunos ouvintes”, pois naquela época, em 1981, a matrícula era permitida a partir de 07 anos. Mesmo sem matrícula eu ia feliz para a escola, participava das aulas, e quando terminávamos de fazer as atividades, todas as crianças se reuniam para brincar em um campo aberto em frente à escola. Atrás desse campo aberto havia uma baixada, um lugar de muita água e que tinha peixes. Por ali, encontrávamos muitos pássaros pantaneiros como tuiuiú, garça branca, araras, tinha alguns pés de ipê roxo, cambará, acurí, bocaiuva, muitas mangueiras. Na época da chuva as águas chegavam pertinho do coleginho.

A escola atendia matrículas até a 4ª série, funcionava no período matutino, em sistema multisseriado², com isso as crianças das comunidades precisavam acordar cedo. Na minha família ninguém saía de casa sem se alimentar. O vovô falava “tem que fazer o quebrar torto”, nome dado à comida da manhã que poderia ser “um ‘junta’ do que sobrou na janta”, um bolo de fubá assado no fogão à lenha na panela de ferro com a brasa embaixo e sobre a sua tampa ou, ainda, outros alimentos colhidos na nossa própria roça.

Após essa refeição matinal reforçada, seguíamos pela estrada que era longa, aos poucos, íamos encontrando com outras crianças, às vezes saía uma briga que logo se resolvia. Juntas seguíamos ouvindo diversos sons da natureza, o cantar dos pássaros, o barulho do vento, caminhando ora por estrada aberta, ora por corredor da cerca, fugindo das vacas, onde passávamos algumas fazendas, chácaras e outras comunidades. Pelo caminho encontrávamos capivaras, tatu. Passávamos por uma pequena ponte, embaixo tinha água limpa e corrente dava para ver os jacarés e pequenos peixes como o lobó. E, assim, em meio às conversas, risadas, cantos e brincadeiras, nem percebíamos a distância que tínhamos que percorrer e logo chegávamos à escola, que se localizava na comunidade Capão do Angico. A professora nos acolhia e logo cada um ia para o seu lugar nas cadeiras que eram de madeira, tipo banco da igreja, onde nos sentávamos juntas, umas quatro crianças por banco. A escola tinha uma sala de aula grande que era agrupada com a área que servia como refeitório e a cozinha, também tinham dois banheiros. A professora era muito querida, dava atenção para todas as crianças, pegava na mão de quem não conseguia escrever e após terminar as atividades, ela brincava conosco dentro da sala ou no campo aberto em contato com a natureza. Tudo ali era muito bom e prazeroso.

A escola também acolhia as missas da comunidade, a catequese e a festa da padroeira. Contava com a participação da professora, das famílias, das crianças e moradores da comunidade local e vizinhas. A viola de cocho, o mocho, o ganzá eram os instrumentos utilizados para animação das festas, tão logo iniciasse já saía o desafio nas trovas do cururu e as músicas do siriri e cururu, elementos da cultura local.

Em 1983 minha mãe me matriculou em uma escola na cidade, todos os dias, eu e meu tio Lucilo íamos para a escola juntos, exceto em dias de chuva, pois na estrada havia várias poças d’água, o que dificultava o trajeto. Era uma luta para chegar até à escola que ficava

² O ensino em classes multisseriadas é caracterizado pela compactação dos alunos de diferentes séries, níveis de aprendizado e idade, em uma mesma sala de aula, onde geralmente as aulas são conduzidas por um único professor.

distante do sítio da vovó aproximadamente seis quilômetros, para mim era tão longe. Não tinha transporte escolar, com isso, íamos de bicicleta, a pé, às vezes conseguíamos carona de charrete. Estudávamos à tarde, então, logo depois do almoço, já saíamos e percorríamos a estrada sem a companhia de outras crianças, isso me entristecia porque eu estava habituada a convivência de pessoas conhecidas. No caminho para a cidade, víamos muitas árvores e poucas casas, muitos animais como boi, cavalo, vaca, carneiro no pasto e plantações. Conforme íamos andando, ouvíamos barulhos de carros, buzinas, músicas, pouco se ouvia o som da natureza, o cantar de um pássaro. No meio do caminho entre o sítio da vovó e a cidade estava a casa de uma senhora que era benzedeira, lá tinha um salão e nesse salão havia um altar com imagens de santos e entidades da religião africana, sendo nesse espaço que ela cuidava das pessoas doentes e muitas se curavam com remédios caseiros e ervas medicinais. Todos os dias nós parávamos nessa casa para tomarmos água e descansarmos um pouquinho para, então, seguirmos o caminho até a escola.

Eu considerava a nova escola muito grande, pois havia várias salas de aulas, muitos professores/as, crianças e funcionários/as. Recordo-me que levei um susto quando vi tudo isso pela primeira vez e comparava com a escola lá da comunidade que era tão pequenina e familiar. Então, foi preciso me adaptar! Embora a escola nova fosse mais bonita, eu ali passei muito medo. Ouvi muitas histórias que eu nunca havia ouvido lá na escola do campo. Diziam que no banheiro aparecia uma mulher de branco e que tinha uma caveira no quartinho que ficava perto do bebedouro. Quando uma criança não fazia a tarefa ou descumpria as regras, era levada para o tal quartinho, aquele que diziam ter caveira, e nós ficamos na sala tão calados que nem olhávamos para o lado e/ou brincávamos. Minha professora tinha o rosto sério, não gostava muito de sorrir. A sua letra era linda, tinha paciência para nos ensinar, mas se alguém descumprisse as regras, ela ficava muito nervosa. Eu não gostava de estudar nessa escola, tinha muita atividade para fazer, não brincávamos e só saíamos da sala de aula para lanchar e ir ao banheiro. A alegria que eu tinha para estudar estava, aos poucos, se transformando em tristeza, eu queria mudar de escola e me libertar desses medos. Contudo, me lembro que nesse mesmo ano aprendi a ler e escrever e a minha letra era redondinha, igualzinha à da professora e nunca precisei ir para o quartinho “ver caveira”.

Na metade deste mesmo ano 1983, eu e a minha família mudamos para a cidade. Então, eu ia a pé para a escola que ficava distante uns 2 quilômetros da minha casa. A maioria desse percurso era feita pelo asfalto e havia casas e muitas crianças indo para escola, alguns a pé e outros de bicicleta. É interessante destacar que nesta escola todas as crianças estudavam

uniformizadas, tinha uma carteira para cada criança e raramente se sentava em grupo. Saíamos da sala de aula apenas para ir ao banheiro e para lanche. Eu sentia falta de brincar! Ficava contando os dias para chegar ao final de semana e ir para o sítio da Vovó e brincar com os primos e primas, onde brincávamos de escolinha e eu passei a ser a professora, as outras crianças diziam que eu sabia mais porque estudava no Poconé, ou seja, na cidade. Como era legal a nossa escolinha, ela ficava embaixo de um pé de figueira com muita sombra, o quadro era um pedaço de tábua e escrevíamos com carvão, depois foi trocado por um pedaço de quadro verde de madeira e eu levava toquinhos de giz da escola. Os alunos eram os meus primos e primas, eu a professora muito atenciosa, mas que também chamava atenção das crianças tinha um caderno que anotava os conteúdos a serem trabalhados, que eram as vogais, nomes, numerais, cantávamos lindas musiquinhas e tínhamos até o horário do lanche, era muito legal. Às vezes, saíamos para passear no quintal da vovó e brincávamos bastante com brinquedos produzidos pelas próprias crianças e brincadeiras diversas como cantiga de roda, queimada, piquenique e outros. Cabe destacar o modo de falar poconeano, onde desde pequenas, as crianças apresentam o sotaque arrastado, isso é uma característica identitária do falar pantaneiro. Um dos exemplos é a palavra “Pantanã” referindo-se ao Pantanal.

No ano seguinte, 1984, vivenciei outras práticas em outros espaços. Eu fui estudar a 2ª série em outra escola, na qual, estudei até concluir a 8ª série. Nessa escola também encontrei histórias arrepiantes, como “a loira no banheiro”, que “alguém assobiava”, mas não se via ninguém. Também me deparei com algumas professoras que não gostavam de sorrir e de brincar. A gente obedecia às regras ou ficava de castigo. Essa prática de castigo era comum nas escolas nesse período. Alguns professores não faziam questão de estabelecer laços de afetividade com os alunos. Nesta escola a prática cultural era muito forte, a escola realizava as atividades festivas, contava com a participação dos alunos, alunas, famílias e comunidade escolar. As apresentações culturais eram por conta dos/as estudantes que dançavam o siriri em trajes bem coloridos, o lambadão e outras danças culturais, as comidas típicas, os licores não faltavam nas festas.

A partir da 2ª série do ensino fundamental foi despertando em mim a vontade de ser professora, mas eu não queria ser aquela professora que não gostava de sorrir, que não brincava com os alunos na sala. Eu queria ser a professora que conseguisse estabelecer laços de afetividade com as crianças, como eu fazia quando estava brincando de “escolinha”, e me recordava como era bom brincar na escola. Em especial, naquela escola do campo perto da casa da minha avó.

Em 1992 conclui a 8ª série e aí a pergunta que eu mais ouvia era: - E agora você vai estudar o que? Tínhamos duas opções: Magistério ou Contabilidade. E eu não tinha dificuldade para responder, pois eu queria ser professora.

Motivada pela ideia de ser professora, no início de 1993, fiz o teste para cursar o Magistério. Para minha alegria passei e me matriculei. Encontrei professores maravilhosos, afetuosos e foram 3 anos de muitos aprendizados, onde, a cada dia, eu me identificava mais com o curso. Fiz os estágios e me apaixonei ainda mais pela profissão. Conclui o curso em 1995. Estava animadíssima e com muita energia para gastar. Então, logo comecei a substituir as professoras nas escolas, e tive outras oportunidades. De 1995 a 1996 trabalhei na Prefeitura Municipal de Poconé - MT, oportunidade em que conheci muitas pessoas e adquiri novos aprendizados. Desenvolvi minhas atribuições com responsabilidade e eficiência. No entanto, o que eu queria mesmo era exercer a docência.

Em 1997, em conversa com minha mãe, decidimos que estava na hora de cursar o ensino superior, então me inscrevi no vestibular para Ciências Sociais, fui aprovada e logo mudei para a capital Cuiabá e iniciei os estudos. Foram 3 anos “puxados”, onde eu trabalhava em uma loja de materiais para construção no período diurno e no período noturno estudava. Aprendi muito, superei medos, tabus, me desafiei e conquistei espaços, sendo que a cada dia me constituía enquanto acadêmica e profissional.

No segundo ano da faculdade comecei a lecionar em uma escola em Várzea Grande-MT, cidade vizinha de Cuiabá-MT. Era uma viagem da minha residência até a escola, mesmo assim, não desisti. Continuei na rotina da escola direto para faculdade e retornava para casa por volta das 23h00min horas. Fazer o que gostava fazia bem para o corpo e mente, por isso, o cansaço logo passava.

Na minha vida, tudo que eu consegui foi por meio de muito esforço, força de vontade, fé e persistência. No final de 1999, conclui o curso de Ciências Sociais. A colação de grau foi no início do ano 2000, foi um dia de misturas de sentimentos, alegria porque era um sonho realizado e tristeza porque minha família não estava completa, nesse momento tão importante, faltou minha mãe, minha incentivadora, ela faleceu em outubro de 1999. Na cerimônia de colação de grau foi feita uma homenagem para os pais falecidos, mesmo que *in memórian* ela estava presente.

Com a dor da perda da minha mãe, em fevereiro de 2000, retornei à minha terra natal, a querida Poconé-MT, e logo quis trabalhar. Então, participei do processo de contagem

de pontos da rede estadual de ensino e comecei a lecionar na escola que eu estudei da 2^a a 8^a série do ensino fundamental. Quanta alegria, eu ser professora ali naquela escola em que estudei e criei o desejo de ser uma professora que faria a diferença! Passei de aluna a professora. Trabalhei 3 anos com as turmas da 5^a a 8^a séries.

Também no ano 2000 consegui trazer para o município a primeira turma de especialização presencial, com o Curso de “Interdisciplinaridade na Educação Básica”, eu juntamente com 60 professores, concluímos o curso e saímos dali com energias renovadas e ideias para serem colocadas em prática em sala de aula.

Devido ao processo seletivo da rede estadual, no ano de 2003, eu fui trabalhar em outra escola localizada no bairro vizinho. Nesse mesmo ano, senti vontade de cursar Licenciatura em História, cursei em forma de complementação pedagógica no Centro Universitário - UNIVAG e em doze módulos concluí o curso.

Diante das poucas vagas para contrato temporário nas escolas estaduais urbanas, em 2004, recebi um convite para um grande desafio, trabalhar as disciplinas de matemática e física com turmas do 1^o e 3^o anos do Ensino Médio, em uma escola do campo. Confesso que tive medo, mas encontrei lá uma equipe muito acolhedora, que me motivava constantemente. Em 2005, permaneci na escola e fiquei lá até 2014, por ser uma escola do campo, tinha muita carência de professor, lecionei para turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Com estas turmas eu descobri o dom para trabalhar com crianças pequenas. Trabalhávamos felizes, com amor, sem passar medos para as crianças, juntos estabelecíamos regras e brincávamos muito. Em 2007, trabalhei com alfabetização de jovens e adultos no primeiro segmento. Também foi uma experiência que me enriqueceu, proporcionou a mudança na minha prática pedagógica, e me provocou a cursar a licenciatura em Pedagogia, foram quatro anos de muitos aprendizados.

Ainda em 2007, a Prefeitura Municipal de Poconé-MT lançou concurso para professores, eu participei desse processo com título de magistério, pois ainda não havia concluído a pedagogia, fui aprovada e tomei posse em uma escola do campo localizado em uma comunidade quilombola que atendia crianças da comunidade local, comunidades circunvizinhas e assentamento. Assim que tomei posse, fui conhecer a escola. Era uma escola pequena com duas peças, sendo 1 sala de aula e uma cozinha, com energia elétrica, porém, a água não era encanada e tinha que pegar no poço. A turma funcionava de forma multisseriada do 1^o ao 5^o ano e, na frente da escola, tinha um espaço enorme com grama nativa.

No dia 19 de março de 2007, acordei bem cedinho, me aprontei e fui à escola para receber meus novos alunos. Neste longo caminho até a escola, muitas coisas me vieram à lembrança de quando eu estudava em uma escola do campo multisseriada. Chegando à escola, abri as portas, janelas, recolhi meus materiais pedagógicos, organizei as carteiras em círculo e coloquei um bombom em cada carteira. Fixei meu olhar em direção à estrada e logo os avistei. Lá vinham eles, de longe eu percebia a alegria das crianças, umas correndo, outras caminhando, tinham tamanhos e idades variados. Assim que iam chegando, eram recebidas com enorme sorriso e abraços, depois se acomodavam em uma carteira. Após a acolhida, fui fazer as matrículas das crianças. Ao todo, tinha 16 crianças incluindo um de 04 e outro de 05 anos. Para essas crianças abaixo de 06 anos completos não tinha a ficha de matrícula. Quando me deparei com essa situação, pedi para as duas crianças ficarem e participarem da aula, pois mais tarde, eu iria verificar a situação junto à Secretaria Municipal de Educação.

Ao final da aula, me dirigi até a Secretaria Municipal de Educação e conversei com a Secretária de Educação, falei que na minha turma havia crianças de 04 e 05 anos. Ela me respondeu que a matrícula era obrigatória a partir dos 06 anos de idade, questionei o que fazer com os pequenos? Insisti até que ela me disse “você pode recebê-los como alunos ouvintes sem matrícula”. Nossa! Isso me fez recordar minha infância, lá em 1982, quando fui para escola e, também, fui recebida como aluna ouvinte sem direito a matrícula!

Então, logo pensei, agora é a hora de fazer diferente, lutar pela matrícula dessas crianças, pois é direito assegurado na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil- DCNEI. A criança é um sujeito de direitos e, entre esses direitos, está o direito à educação pública e de qualidade. Então, fui à luta para garantir esse direito, foram várias visitas à Secretaria Municipal de Educação Cultura e Lazer - SMECEL e, passados aproximadamente umas três semanas, a Secretária comunicou que eu poderia matricular as duas crianças em outra escola, desde que fosse urbana e que atendesse a educação infantil (Pré-escola), e que eu deveria explicar que eles ficariam comigo lá na escola da comunidade. Acabei aceitando essa proposta, pois como podia eu, a professora, não os aceitar na sala de aula. Ao serem informados da decisão, os olhos daquelas crianças brilhavam de alegria, estavam estudando, tendo contato com letras e números, brincando, vivenciando diferentes realidades.

Essa nova realidade de sala multisseriada me desafiou ainda mais. Por muitas vezes me perguntei: - Meu Deus, como darei conta de alfabetizar, de brincar e cuidar das crianças,

da limpeza do espaço e fazer a merenda para as crianças? Como eu estava cursando Pedagogia, conversava muito com os colegas, com o orientador do curso, trocávamos experiências e assim a minha prática pedagógica melhorava a cada dia. Senti a necessidade de fazer outra especialização em Psicopedagogia para compreender e buscar suporte de como trabalhar com crianças que apresentavam muita dificuldade para aprender, que se distraíam com facilidades e eram muito agitadas.

Com essa especialização desenvolvi habilidade para fazer Avaliação Psicopedagógica, a qual faço, sempre que solicitado. Trabalhei nessa escola quatro anos, tive um bom relacionamento com as famílias e as crianças. Esses quatro anos me proporcionaram conhecimentos e superações, aprendi com as dificuldades encontradas no cotidiano escolar, onde o processo de formação não era permanente, recursos pedagógicos pouco se tinha, mas a nossa criatividade era tanta que utilizávamos os recursos vindos da natureza onde as crianças viviam o dia a dia. Assim, estávamos valorizando os espaços e a realidade das crianças. Busquei orientações em alguns autores, como: Paulo Freire, Vygotsky e Piaget, que foram essenciais no desenvolvimento da minha prática pedagógica.

Com o passar do tempo, no ano de 2009, a escola do campo foi desativada, devido a um processo de polarização da rede municipal. Com isso, a Secretaria Municipal de Educação nos encaminhou para a escola urbana mais próxima, lá, as crianças foram inseridas nas turmas de acordo com a idade/série. Nesta ocasião, assumi uma turma de 05 anos (educação infantil). Para esta turma, na escola da cidade, já tinha ricos e variados materiais pedagógicos, brinquedos e livros em coleção e uma maleta, para as crianças da educação infantil. O livro era grande, colorido, de fácil manuseio, mas, o conteúdo, totalmente fora da realidade local das crianças. Perguntei à coordenadora sobre esses livros, se era obrigado seguir, ela disse que sim. Inclusive, esses livros eram seguidos por todas as instituições de educação infantil, sendo urbana ou do campo. Fiquei perplexa com isso, mas, tive que seguir o livro e para contextualizar, eu fazia uma interlocução, um paralelo com a cultura pantaneira. Mas isso era uma prática minha, com a minha turma.

Foram graças às experiências vividas nas escolas do campo, escolas urbanas, e principalmente, a experiência com a educação infantil, que foi possível, no período entre 2013 e 2016, trabalhar na Secretaria Municipal de Educação na função de Coordenação da Educação Infantil e auxiliar a equipe de Educação Especial. Nesse período, tive uma atenção especial quanto à formação do/a professor/a e sua prática pedagógica.

Ainda no início de 2013, em conversa com a ex-secretária de Educação, ela me informou que havia um Fórum bem participativo onde as lutas eram em defesa da educação infantil. Então, fui pesquisar e logo consegui as informações sobre o Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil - MIEIB. Diante desse novo desafio, fui participar do Fórum Mato-grossense de Educação Infantil – FMTEI, vinculado ao MIEIB, para buscar orientações de como melhorar a prática em andamento na educação infantil do município de Poconé-MT. Na minha primeira participação, já tive o privilégio de ouvir a palestrante Prof^ª Dr^ª Jaqueline Pasuch que foi muito precisa na sua fala quanto aos direitos das crianças. Após a palestra, eu e minha colega de trabalho procuramos por ela e fomos muito bem recebidas e orientadas, conversamos sobre livros e apostilas na educação infantil. A Prof^ª Jaqueline disse para procurarmos inserir uma nova metodologia e eliminar uso de livros e apostilados e nos convidou para participar do fórum.

No dia seguinte, reuni com a Secretária Municipal de Educação e passei para ela o que eu havia ouvido. Então, começamos a planejar uma nova prática pedagógica para a educação infantil no Município de Poconé-MT.

Após quatro semanas, nos reunimos com os gestores das Instituições de Educação Infantil, tivemos uma longa conversa e propusemos a eliminar o uso de livros didáticos e apostilados e aderirmos à prática pedagógica mediatizada por Projetos Pedagógicos, a fim de que pudéssemos realizar um trabalho que possibilitasse a construção da identidade, autonomia e de uma vida saudável, com respeito à diversidade, a valorização do meio ambiente e formação da cidadania e a interação social.

A nova proposta foi bem recebida pelos gestores. Em seguida, ampliamos a reunião para com os profissionais da educação infantil, apresentamos a nova proposta que foi aceita e juntos, fomos construir a proposta pedagógica, o projeto político pedagógico e os projetos pedagógicos de cada instituição de educação infantil do município. Para tanto, nos apoiamos nas Orientações Curriculares Nacionais para Educação Infantil, nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, mediante compreensão quanto à realidade local da criança e utilizamos o livro Projetos Pedagógicos na Educação Infantil (2008), das autoras, Maria Carmen Silveira Barbosa e Maria da Graça Souza Horn.

A partir de então, mensalmente, passamos a participar do Fórum de MT/MIEIB, com grupo de gestores e professores em busca da melhoria na prática pedagógica. Semestralmente, realizávamos grandes encontros da educação infantil para realizar, além da troca de experiências, também a participação de palestrantes renomados na educação infantil.

Os/as professores/as não recebiam uma formação de forma contínua, então fomos escrever uma proposta para a formação continuada que foi apresentada aos pares e colocada em prática.

Nesse período em que estive na Secretaria Municipal de Educação, tive um olhar diferenciado para duas instituições de educação infantil do campo, cada uma com suas especificidades. Uma instituição localizada no Distrito de Cangas e outra na Comunidade Quilombola Chumbo. Esse olhar diferenciado era para que as crianças do campo, pantaneiras, quilombolas, ribeirinhas, de comunidades tradicionais, de morrarias e de assentamentos pudessem ter o mesmo direito da criança da cidade e que pudessem estudar a sua realidade, respeitando a dimensão do pertencimento, da identidade, da territorialidade e reconhecimento de sua cultura e ancestralidade.

De acordo com as DCNEI:

a criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, CNE, 2009).

É importante considerar a realidade das crianças poconeanas, de cada creche ou pré-escola do município, respeitando as suas especificidades e de suas famílias e o contexto sociocultural de que fazem parte. A educação infantil deve proporcionar à criança situações significativas, experiências pedagógicas que trabalhem a construção da identidade, da autonomia, de uma vida saudável e fortalecendo o princípio do respeito a diversidade.

Em 2015, eu fiz parte da equipe que finalizou a escrita do Plano Municipal de Educação de Poconé, e participei ativamente na escrita das metas e ações da educação infantil. Em 2017 aconteceu Audiência Pública para revisão do Plano Municipal de Educação - PME, eu estava lá lutando para garantir os direitos da Educação Infantil.

De 2015 a setembro de 2018, estive como Presidente do Conselho Municipal de Educação. Foram inúmeras ações realizadas. Uma das mais importantes foi solicitar a ampliação do atendimento da criança da educação infantil da área urbana e do campo, garantindo seus direitos previstos em Lei, inclusive, fazer valer a Lei nº 12.796 de 4 de abril de 2013.

Em 2017, com a mudança de gestão municipal, retornei para a sala de aula, optei por continuar com a educação infantil, pois tenho um imenso amor por essa primeira etapa da educação básica e compreendo que o desenvolvimento integral das crianças contribui muito para o seu aprendizado, desenvolve suas experiências, suas capacidades motoras, afetivas e o relacionamento social. Pois, o contato das crianças com outras crianças e com os professores transformam-se em relações de ricos aprendizados.

Ao longo do tempo venho contribuindo com a educação infantil na docência, assim como, palestrando nas instituições, oferecendo oficinas, participando do FMTEI - MIEIB, pois compreendo que a luta é constante, independentemente de estar em um cargo ou não. Ainda em 2017, eu fiz o concurso público da Rede Estadual de ensino e fui aprovada tomando posse em julho de 2018.

Diante do exposto, venho tecendo meu caminho, desenrolando os nós que aparecem e buscando me fazer presente nos espaços de luta em defesa da educação, militando no MIEIB, Sindicato dos Servidores Públicos Municipais - SISMUP e Sindicato dos Trabalhadores da Educação Pública- SINTEP. Estes espaços ampliaram meus horizontes e vem me constituindo como pessoa agente de transformação e contribuindo para formação dos meus pares.

Eu continuei indo em busca dos meus objetivos. Em 2018, participei do processo seletivo para o Mestrado em Educação na Unemat, na linha de pesquisa Formação de Professores. Fiquei extremamente feliz com o resultado satisfatório. E estou exatamente no aqui e agora, cursando o mestrado e pesquisando sobre uma temática que já me provocou muitas inquietações que é sobre a educação infantil do/no campo, com suas especificidades.

Fios que tecem os fazeres da pesquisa

Esta pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa, na perspectiva teórico-metodológica da “Rede de Significações – Redsig”, entendida como uma ferramenta para auxiliar os pesquisadores nos procedimentos de investigação, com vistas ao desenvolvimento humano. “A perspectiva da Rede de significações propõe que o desenvolvimento humano se dá dentro de processos complexos, imerso que está em uma malha de elementos de natureza semiótica”. (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2004).

A pesquisa é subsidiada pelos pressupostos da “Rede de Significações – Redsig” e em consonância com o pensamento de Castilho (2015), foi indispensável por admitir o olhar por outro ângulo sobre a inserção social, política e educacional dos moradores das comunidades quilombolas, de forma a considerá-los como fazedores do conhecimento e possuidores de histórias e práticas culturais próprias, assim como sujeitos de direitos.

Castilho (2011) destaca ainda que a pesquisa qualitativa pode ser compreendida como a mais adequada em se tratando da vida cultural das pessoas e à percepção deles em relação à realidade Quilombola. Declara também que, para a busca de significados, faz-se importante um envolvimento com os pesquisados que permita observar, enxergar, facilitar a expressão livre dos sujeitos e compreender a realidade da comunidade, na qual, os pesquisados estão inseridos, seus valores e sua organização escolar, uma vez que, nesse tipo de abordagem, estão envolvidas a empiria e a sistematização progressiva do conhecimento, até que a compreensão da lógica interna do grupo seja desnudada.

A pesquisa empírica foi realizada no período de fevereiro a setembro de 2020, no CEI Vovó Teófila, localizada na comunidade quilombola do chumbo, um território pantaneiro com inúmeras riquezas naturais e culturais, com uma diversidade humana que reside nesse contexto. Foram sujeitos da pesquisa as 08 professoras da CEI “Vovó Teófila”, a equipe gestora (01 secretária escolar, 01 coordenadora pedagógica e 01 diretora), 03 funcionárias, 128 crianças de 06 meses a 6 anos de idade e 03 anciãos da comunidade.

Inicialmente, nos aproximamos ao ambiente de pesquisa para compreender os aspectos que compõem as significações da educação infantil das crianças pantaneiras/quilombolas, onde realizamos as seguintes ações: estudos de levantamento bibliográfico; observação participante; entrevistas com professoras, equipe gestora, funcionárias, anciãos; e roda de conversa com crianças e anciãos da comunidade. Após produzirmos os dados de pesquisa, passamos ao momento de reflexões e análises, os quais resultaram no texto dissertativo que ora apresentamos.

Fios que entrelaçam a composição do texto dissertativo

O texto da dissertação foi organizado do seguinte modo: iniciamos com texto introdutório que traz a apresentação, trajetória da infância a fase adulta da pesquisadora, enquanto estudante e

profissional, suas inquietações que teceram elementos que compuseram o ponto inicial das ideias aqui entrelaçadas e embasamento teórico, assim, a dissertação está dividida em 4 seções:

A primeira seção apresenta a tessitura teórica metodológica da Rede de Significações desenhando os fios que compõem os caminhos metodológicos da pesquisa e a Educação Infantil Pantaneira/Quilombola na produção científica.

A segunda seção traz o lócus de investigação, apresentamos breve contexto sócio-histórico do município de Poconé-MT, da Comunidade Quilombola do Chumbo, evidenciamos os elementos significativos da cultura pantaneira/quilombola, e significações dos conceitos de quilombo, identidade e quilombola.

Na terceira seção apresentamos a Escola de Educação Infantil da Comunidade Quilombola Chumbo, CEI Vovó Teófila, sua fundação, breve contextualização sócio-histórica da patrona da Instituição. Apresentamos quadros demonstrativos com informações sobre quantas crianças são atendidas, de que lugar elas vem? Quantos quilômetros percorrem para chegar até a escola infantil, significações da formação continuada e do projeto político Pedagógico.

A quarta seção evidencia a educação infantil das crianças Pantaneiras/Quilombolas, apresentamos o cotidiano infantil na instituição, período de adaptação, atividades realizadas nos espaços internos e externos, o brincar, cantar, as histórias e estórias contadas pelas professoras e anciãos também como as crianças vivenciam a infância nesta escola infantil, o entrelaçamento das análises e as significações na Rede de Significações e as Considerações Finais.

1. A TESSITURA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA REDE DE SIGNIFICAÇÕES

*Do novelo emaranhado da memória,
da escuridão dos nós cegos,
puxo um fio que me aparece solto.
Devagar o liberto,
de medo que se desfaça entre os dedos.*
José Saramago (1985).

Esta dissertação de mestrado procura evidenciar a arte de tecer palavras, olhares, gestos, sensações, saberes e significações de um linguajar peculiar, onde vão emergindo fios que nascem das mãos das mulheres quilombolas, prontas para o entrelaçamento no tear das redes que embalam os bebês e suas mães, as crianças pequenas e seus brinquedos, os adolescentes e seus desejos de vida, os adultos e seus descansos, os anciãos e a sua sabedoria. A cada fio perpassado, a cada instrumento de pesquisa elaborado, tornamos presentes as narrativas da memória da pesquisadora, a tessitura de uma rede colorida que embalou a constituição da sua própria identidade quilombola e pantaneira. Metaforicamente, a arte de tecer uma rede exige um conjunto de ações, fazeres e saberes dos sujeitos da pesquisa para compor sua tessitura, desde o momento em que a tecelã planeja e executa o tipo e a função da sua rede até o entrelaçamento dos fios que, com todo o carinho e técnica, vão se transformando no objeto de estudos.

1.1 Desenrolando os fios que compõem os caminhos metodológicos da pesquisa

O presente estudo caracteriza-se pela pesquisa de abordagem qualitativa. Conforme Creswell (2010, p. 26) o método qualitativo é “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Também Minayo (2010, p. 57), define o método qualitativo como:

[...] o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. [...] as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.

Nesse sentido, apoiamo-nos na perspectiva teórico-metodológica da “Rede de Significações – RedSig”, entendida como uma ferramenta para auxiliar os pesquisadores nos procedimentos de investigação com vistas ao desenvolvimento humano. “A perspectiva da Rede de significações propõe que o desenvolvimento humano se dá dentro de processos complexos, imerso que está em uma malha de elementos de natureza semiótica”. (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2004).

A perspectiva teórico-metodológica da RedSig é articulada e construída em torno das pesquisas e discussões, diálogos entre pressupostos teóricos e estudos empíricos, elaborada inicialmente pelo Grupo de Pesquisas CINDEDI³ no campo da psicologia do desenvolvimento humano e, posteriormente, na área da Educação Infantil. De cunho teórico e empírico, a perspectiva da RedSig propõe a tessitura de uma “rede” de configuração semiótica para que possamos compreender os elementos que estão emaranhados na teia do desenvolvimento humano, através de suas mútuas e contínuas transformações, sendo elas: físicas, cognitivas, culturais e sociais. De acordo com as autoras, “o contexto em que a criança vive o meio social, o espaço de experiência da pessoa representa assim um meio (instrumento, recurso) para o seu desenvolvimento”. (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2004, p.26).

A RedSig propõe que se analise e apreenda como o processo de desenvolvimento humano ocorre nas diversas relações que as crianças estabelecem: sendo criança/criança, criança/adulto, criança/professora e criança/escola. Os fenômenos de seu entorno, assim como a natureza dos quais ela participa, as inter-relações em diferentes aspectos e a inter-relação desses e de outros sistemas em diferentes espaços também devem ser apreendidos de modo a compreender as leis fundamentais que regem sua organização.

Para Zilma Moraes de Oliveira (2011b, p.22), pesquisa integrante do CINDEDI:

A constituição do ser humano acontece em vários momentos de sua vida e através das relações que estabelece com as outras pessoas, sejam eles, familiares, amigos, colegas ou pessoas desconhecidas. Ocorre desde que os bebês nascem, rodeados por essas relações significativas que auxiliam na dinâmica do desenvolvimento pleno.

(Oliveira, 2011b, p.22)

A RedSig propõe que, ao analisar o desenvolvimento infantil, devemos sempre considerar o lugar, o momento e os sujeitos que estão envolvidos no acontecimento, para que possamos compreender e interpretar os episódios vividos pelos sujeitos da pesquisa. Sugere que se trabalhe com o momento ocorrido no “aqui/agora”, das brincadeiras desenvolvidas

³ CINDEDI – Centro de Investigações em Desenvolvimento Infantil, vinculado à USP de Ribeirão Preto, coordenado pela equipe da Profa. Dra. Clotilde Rosseti-Ferreira.

pelas crianças, ou seja, na hora do banho, na chegada à instituição, no período do almoço, do sono, nas relações e inter-relações estabelecidas pelas mesmas, descrevendo cada detalhe dos papéis e contra papéis, os quais vão se constituindo e se entrelaçando nas interações das crianças, na construção das culturas que por elas são interpretadas e modificadas, constituindo-se como sujeitos históricos e culturais.

Nesta perspectiva, as múltiplas dimensões temporais devem ser analisadas e compreendidas, sendo que quatro tempos se encontram interligados e inseparáveis. Eles são definidos pelo grupo do CINDEDI (ROSSETTI-FERREIRA, et al, 2004, p.27 e 28) da seguinte maneira:

O tempo presente, ou micro genético, envolve as situações do aqui-agora e constitui o nível dialógico das práticas discursivas interpessoais, as quais se dão em um tempo e lugar presentes. Nesse tempo, as várias vozes ativas pelas memórias sociais dos outros três tempos tornam-se presentes e combinadas.

O tempo vivido, ou ontogenético, refere-se a vozes de experiências vividas em nossas práticas discursivas. Elas são socialmente construídas durante os processos de socialização sendo compartilhadas com parentes, amigos e colegas que passaram por experiências e contextos similares. Esse é o território do *habitus* (Bourdieu, 1989), isto é, das disposições adquiridas resultantes da afiliação a grupos sociais específicos e a linguagens sociais múltiplas.

O tempo histórico, ou cultural, é o *locus* do imaginário cultural, socialmente construído durante períodos relativamente longos em uma determinada sociedade. É a escala de tempo das formações discursivas e ideológicas. Elas compõem o interdiscurso ou rede coletiva de significações disponíveis para as pessoas darem sentido aos vários fenômenos de nosso mundo.

O tempo prospectivo, ou orientado para o futuro, integra expectativas individuais e coletivas, proposições e metas. É também estruturado por formações discursivas e ideológicas, assim como por motivações e desejos individuais ou compartilhados, antecipações e planos, os quais delimitam e/ou impulsionam, de vários modos, as ações e as interações presentes.

É importante observar que essas quatro dimensões temporais se complementam umas às outras, através de suas inter-relações, confrontando, contrapondo, sustentando e transformando-se. Elas se encontram articuladas na “Matriz Sócias Histórica” que permeia o dia a dia das crianças, dentro ou fora da escola, através das situações atualizadas no aqui-agora da instituição de Educação Infantil pesquisada.

Quanto ao sujeito, compreende-se que é múltiplo porque são múltiplas e heterogêneas as pessoas com quem interage, é através das relações estabelecidas que o ser humano constrói a si mesmo e o outro com o qual convive, através desta troca de experiências que se dá o processo de construção das identidades pessoais e grupais, ao longo da vida, ou seja, nas “Relações com o Saber” (CHARLOT, 2000) que são construídas desde o nascimento dos bebês e percorrem toda a trajetória existencial.

Como o próprio nome da perspectiva faz alusão, posicionamo-nos no mesmo campo de ideias daqueles que acreditam na natureza discursiva e no caráter semiótico da constituição humana. Esse posicionamento destaca a centralidade das interações nos processos de produção e transação dos significados e sentidos, na construção do ato, na ação de significar (significa-ação), na constituição e no desenvolvimento das pessoas. Considerando a complexidade em que os processos de desenvolvimento humano ocorrem, sendo que a meta tem sido buscar compreender quais e como os vários elementos (interacionais – pessoais – contextuais) participam desses processos. Apesar de compreendermos a indissociabilidade desses vários elementos, nós os temos didaticamente separado, no sentido de explicitar seus fundamentos teóricos de modo a contribuir com o processo de construção do conhecimento pelo pesquisador.

Os principais pilares teóricos desta perspectiva encontram-se em autores sócio-históricos ou histórico-culturais, como Vygotsky (1991; 1993), Wallon (in Werebe & NadelBrulfert, 1986), Valsiner (1987, 1997) e Bakhtin (1981, 1997, 1999). Em função de diversas questões conceituais que têm emergido durante a construção da perspectiva, a interlocução teórica vem se ampliando, passando a abranger autores de orientações mais variadas, tanto da Psicologia do Desenvolvimento, como Social (Brockmeier & Carbaugh, 2001; Bronfenbrenner, 1977, 1996; Bruner, 1997; Gérmen, 1994; Harré & Langenhove 1999; Spink, 1999).

A perspectiva da RedSig ancorada em uma abordagem histórico-cultural, propõe que o desenvolvimento humano se dá através de um processo de construção na qual se constitui em sua relação com o outro e com o mundo.

Na Psicologia, diversos teóricos identificaram as dificuldades, contradições e percalços trazidos pelas palavras indivíduo e sujeito que podem remeter a uma concepção de ser humano enquanto uma unidade, uma essência e, nesse sentido, sugerindo certa autonomia em relação ao seu meio. A partir de uma perspectiva interacional, assentada em um paradigma da complexidade e da interdependência, tem-se optado pelo termo “pessoa”, tentando garantir, na sua utilização, a referência aos indissociáveis processos de co-construção “pessoa-meio”. As características pessoais são construídas na história interacional de cada um e tomam sentido em relações situadas e contextualizadas. O “outro” se constitui e se define por ele/a mesmo/a e pelo outro, ao mesmo tempo em que eu me constituo e me defino com e pelo outro. É nesse inter jogo que se dá o processo de construção das identidades pessoais e grupais, ao longo de toda a vida da pessoa. (ROSSETTI-FERREIRA, et al, 2004).

A partir dos estudos da RedSig, o/a pesquisador/a deixa de ser alguém que possui um acesso privilegiado a uma verdade única e passa a ser alguém com total capacidade de observar e, por meio de um suporte teórico, distinguir, sistematizar, analisar e atribuir possíveis interpretações aos episódios de interações das crianças entre si e com os outros na instituição de educação infantil. Com isso, os fatos são construídos, situados e significados em contexto sócio-histórico específico e devem ser interpretados nesse contexto.

Todo processo de investigação na perspectiva da RedSig organiza-se em três momentos. Primeiramente, o pesquisador necessita realizar um aprofundamento nas leituras teóricas e realizar um balanço bibliográfico no sentido de realizar um delineamento de pesquisas e produções relacionadas à temática da educação infantil pantaneira/quilombola. Ainda neste primeiro momento é necessário que o pesquisador realize uma espécie de “mergulho” no contexto da pesquisa, acompanhando os acontecimentos como um todo e registrando as suas percepções. Esse processo permite-lhe traçar as diferentes configurações das redes, nas quais, as diversas pessoas em interação encontram-se envolvidas e articuladas entre si. (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2004).

As observações participantes foram realizadas nos contextos da educação infantil das crianças da escola de educação infantil da Comunidade Quilombola Chumbo, município de Poconé - MT, nas quais as falas, as reflexões e as impressões foram registradas com cuidado no instrumento “diário de campo”. Assim, a pesquisadora teve uma visão panorâmica e um primeiro delineamento dos sentidos e significados nas situações investigadas, buscando descrever tudo o que percebia a sua volta.

Na perspectiva da RedSig:

Considerando o pressuposto da relação do sujeito com seu objeto de observação, no paradigma da complexidade apontado, para a RedSig, o dado não é “dado” e, sim, o resultado de um processo bastante complexo de construção, o qual ocorre na relação do pesquisador com o evento pesquisado. Nela o pesquisador é visto como participante ativo da situação. (ROSSETTI-FERREIRA, 2008 p. 161).

Neste processo do “mergulho”, as significações são construídas neste fazer tecido por meio das relações entre sujeito e objeto, no qual, emergem os dados que irão estruturar os recortes e as interpretações do pesquisador em relação a situação analisada.

No contato com o objeto de investigação, o/a pesquisador/a é visto/a como participante ativo da situação. Desta forma, ele/a está imerso/a numa complexa e dinâmica

rede de significações que, por sua vez, produz os fazeres do/a pesquisador/a que vai, aos poucos, construindo e estruturando suas interpretações.

Nessa fase o pesquisador deve atuar como um etnógrafo buscando descrever em um “diário de campo” o que está acontecendo a sua volta especificando, em cada episódio registrado, *quem* participou do mesmo e o *que, onde, como e quando* ocorreu tendo sempre em vista seu objeto de estudos e suas perguntas específicas. (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2004 p.31. Grifo destaque das autoras).

Nesse sentido os registros etnográficos das observações foram realizados diariamente no caderno de campo, dando ênfase as atitudes, falas, gestos e expressões dos sujeitos envolvidos e a pesquisadora não fez interferências ou avaliações pessoais.

No segundo momento, utilizamos os seguintes procedimentos: roda de conversa e entrevistas semiestruturadas, seguidas de um roteiro composto por questões que permitiram a compreensão dos significados da educação infantil no contexto de pesquisa, com professores/as, gestores/as e demais profissionais da escola, as famílias das crianças e sujeitos significativos da comunidade.

A análise do Projeto Político Pedagógico foi efetuada de modo que pudéssemos fazer uma relação com as DCNEI (2009), as DCNEEQ (2012) e as Orientações Curriculares da Educação Infantil do Campo (2010), verificando o lugar e as concepções a respeito da criança de zero a seis anos de idade residente em área pantaneiro/quilombola nestas documentações.

No terceiro momento, as informações construídas na pesquisa foram analisadas tomando como referência os procedimentos já adotados. A partir dos registros no diário de campo realizados nas observações participantes, das entrevistas semiestruturadas e das reflexões realizadas por meio das leituras dos documentos, buscamos analisar os sentidos e as significações dadas à educação infantil das crianças pantaneiras/quilombolas, para assim, construirmos aspectos relevantes na construção do texto dissertativo trazendo os momentos trilhados na pesquisa.

Esperamos que a pesquisa sirva como um dos indicadores para a construção de novos caminhos possíveis de serem trilhados na construção de uma educação infantil quilombola no Pantanal Mato-grossense, que valorize a criança como sujeito histórico, social e de direitos.

1.2 Metodologia de Análise de Dados

No processo de análise dos dados, obtém-se a “Rede de significações” que deve levar em conta um conjunto de elementos orgânicos, físicos, interacionais, sociais, econômicos e ideológicos, que interagem dinâmica e dialeticamente, compondo uma rede, a qual, contempla condições macro e micro individuais que estruturam um universo semiótico (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, & SILVA, 2000, p. 282). Para esta pesquisa, a rede de análise de significações inclui as condições: sócio-histórico, culturais, políticas, sociais e econômicas, assim como as narrativas das crianças, pais, professores, diretora, coordenadoras e profissionais do apoio escolar.

Nesta linha metodológica, é importante perceber a significação da educação infantil das crianças quilombolas/pantaneiras, frente a infância no dia a dia, tendo em conta que as narrativas se tornam circulantes, tecidas a partir da convivência com os outros para problematizar e compreender a realidade, tendo a capacidade de se deter nos detalhes curiosos com o “não dito”, enfrentar as limitações, valorizar as práticas cotidianas nas experiências do encontro entre os anciãos e as crianças.

De acordo com os pressupostos da RedSig, o pesquisador trabalha numa perspectiva dialética na qual seus instrumentos e métodos são elaborados na arte de fazer pesquisa. Os dados são construídos num processo de interações humanas. Neste contexto, Lima (2012 p.40) traz a ideia de que:

[...] as interações humanas e os processos de significação são atravessados e circunscritos por elementos pessoais, contextuais e da matriz Sócio-histórica que estão intrinsecamente relacionados, lança ao pesquisador desafios metodológicos no estudo das interações, significações e desenvolvimento humano.

Partindo da ideia de que toda técnica relativa à análise de dados, consiste em uma metodologia de interpretação, ela requer o uso de procedimentos peculiares, no sentido de preparar os dados para a análise, uma vez que esse processo “consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem”. (CRESWELL, 2007, p. 194).

Nesse sentido, a pesquisadora, para realizar a análise dos dados/análise das informações, caminhou no contexto da RedSig, com olhar voltado para os contextos sócio-históricos, culturais, políticos, sociais e econômicos, considerando as narrativas das crianças, pais, professores/as, funcionários/as e anciãos/ãs. A produção dos dados foi realizada por

meio da observação, aplicação de entrevistas semiestruturadas, roda de conversa e registros do diário de campo.

1.3 Entrevistas Semiestruturadas

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa, o foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador.

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Para ambos os autores acima mencionados, se referem às necessidades de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa. Para tanto, Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

As perguntas foram elaboradas com uma linguagem clara de fácil entendimento para que o/a entrevistado/a não tenha dificuldades na compreensão caso apareça alguma dificuldade na compreensão dos questionamentos, então, as mesmas seriam reorganizadas até que se conseguisse o objetivo, sendo realizadas em forma de entrevistas com uso das ferramentas, caderno de campo, celular e mini gravador.

Na primeira semana de março foi realizada de forma presencial a entrevista com a Coordenadora Pedagógica da Instituição e, devido a pandemia da Covid 19, as demais entrevistas agendadas, com a diretora e as professoras do CEI Vovó Teófila, foram realizadas de forma virtual pelo *WhatsApp* e *Email* nos dias 01 e 02 de setembro de 2020.

As entrevistas com três anciãos da comunidade foram realizadas de forma presencial no dia 07 de setembro, seguindo as recomendações do Ministério da Saúde com uso de

máscara, álcool e gel e distanciamento, seguindo a disponibilidade dos entrevistados, em espaços ao ar livre.

As entrevistas foram gravadas, com autorização e consentimento dos entrevistados, e a autorização foi oficializada por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). (ANEXO A).

1.4 Procedimentos éticos da pesquisa

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Plataforma Brasil para análise e parecer. Foram encaminhados para apreciação dos relatores o Projeto de Pesquisa, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização do uso de voz e imagem. Depois de transcorridas todas as etapas exigidas pelo Comitê, o projeto foi aprovado em dezembro de 2019, porém iniciamos a pesquisa de campo em fevereiro de 2020.

Os sujeitos, participantes, foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e assinaram os referidos termos, explicando-se que as informações coletadas no diário de campo, as imagens fotográficas e a gravação de voz seriam utilizadas somente para a finalidade desta pesquisa e que os sujeitos poderiam desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, independente dos motivos.

A pesquisadora e a sua orientadora farão uma socialização dos dados da pesquisa na Comunidade Quilombola Chumbo após a defesa em seção pública da Dissertação de Mestrado, assim como será entregue um exemplar impresso para a CEI “Vovó Teófila”.

1.5 Recurso fotográfico

O recurso fotográfico foi utilizado com objetivo de proporcionar ao leitor uma descrição autêntica da Comunidade Quilombola Chumbo, dos espaços pesquisados e dos sujeitos participantes da pesquisa. Serão apresentadas na dissertação imagens capturadas durante o processo da pesquisa, nas etapas da observação, entrevistas e algumas imagens do acervo da instituição pesquisada.

1.6 Pesquisa Etnográfica

Segundo Jardim, (2013, p.7225), “a etnografia foi importada da antropologia para diversas áreas, tais como a sociologia e a educação. Enquanto em sua origem eram estudadas culturas remotas em seu caráter de não-familiaridade, nos dias de hoje deu-se o oposto: a etnografia começa sua pesquisa por perto em busca de desvelar determinados aspectos daquilo que nos parece familiar”.

Ainda Jardim, (2013, p.7225), “o objeto da etnografia é, para o autor, uma hierarquia estratificada de estruturas significantes, em termos das quais os objetos estudados são produzidos, percebidos e interpretados”. O etnógrafo deve estar em busca dos significados que os investigados atribuem às atividades que praticam. “Mais do que tentar entender o significado atribuído à determinada prática, o esforço é no sentido de entender como os significados se manifestam e constituem um universo cultural particular.”

Para Geertz, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário “o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 15)”.

1.7 A Educação Infantil Pantaneira/Quilombola na produção científica

O balanço de produção se faz necessário para conhecer as possíveis pesquisas publicadas sobre a temática Educação Infantil Pantaneira/Quilombola. Para realizá-lo consultamos *online* o site da CAPES, que é considerado uma ferramenta de busca e socialização da produção científica brasileira. No Banco de Teses da CAPES, tem-se, a disposição, resumos relativos às dissertações e teses defendidas a partir de 1987, fornecidas pelos Programas de Pós-Graduação que se responsabilizam pela veracidade dos dados.

Inicialmente, utilizamos dez descritores: “Educação Infantil Quilombola”; “Infância Quilombola”; “Infância Pantaneira”; “Identidade Pantaneira/Quilombola”; “Identidade Quilombola”; “Identidade Pantaneira”; “Diversidade Cultural e Infância”; “Diversidade e Infância”; “Infância Pantaneira/Quilombola”; e “Educação Infantil Pantaneira/Quilombola”. Todos os descritores foram pesquisados com filtro entre aspas, com o limite temporal entre 2009 a 2019, com a primeira letra da palavra em maiúsculo, na grande área de conhecimento

as Ciências Humanas, Área de Concentração Educação e o Programa em Educação, Pesquisas de Mestrado e Doutorado. Trabalhamos com o período de dez anos, iniciando em 2009 devido à aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL/CNE, 2009).

De acordo com as pesquisas realizadas no banco de dados da Plataforma Capes, apresentamos no quadro abaixo as produções de Dissertações e Teses encontradas, sendo que as Dissertações de Mestrados estão identificadas pela letra M e as Teses de Doutorado identificadas pela letra D.

Quadro 1 - Filtros Aplicados Com Descritores Entre Aspas.

Período 2009 á 2019	Pesquisa Mestrado Doutorado		Grande Área do Conhecimento Ciências Humanas			Área de Concentração Educação			Nome do Programa Educação			Relevantes
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	
“Educação Infantil Quilombola”	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
“Infância Quilombola” D-02	-	-	-	-	-	-	01	-	01	-	-	01
“Infância Pantaneira” D=01	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
“Identidade Pantaneira/ Quilombola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
“Identidade Quilombola” M -09 D-00	-	-	-	-	02	01	02	-	02	02	-	-
“Identidade Pantaneira”	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
“Diversidade Cultural e Infância”	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
“Diversidade e Infância”	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
“Infância Pantaneira/ Quilombola”	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
“Educação Infantil Pantaneira/ Quilombola”	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora, conforme banco de dados: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

Após a leitura dos resumos das pesquisas encontradas, realizamos uma varredura nas Teses e Dissertações, cujos trabalhos fossem relevantes e contribuísse com a temática da pesquisa, tal como apresentamos abaixo:

Quadro 2 - Pesquisa relevante.

Pesquisa Selecionada Como Relevante ao Objeto de Pesquisa				
Descritor – com filtros selecionados	Tipo de Trabalho	Título	Autores	Ano
“Infância Quilombola”	Doutorado	“Ser quilombola”: território, identidade e educação na cultura infantil.	Souza. Marcia Lucia Anacleto de,	2015

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, conforme banco de dados: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

Na sequência, definimos que a pesquisa selecionada como relevante teve como descritor “Infância Quilombola”, sendo que ele apresenta 02 pesquisas, mas somente 01 delas contempla os filtros selecionados do nosso interesse, esta é a Tese de Doutorado da Marcia Lucia Anacleto de Souza (2015), intitulada “Ser quilombola”: Território, identidade e educação infantil na cultura infantil. Ela discorre sobre a infância quilombola vivida por crianças de uma comunidade específica: o Quilombo Brotas localizado em Itatiba-SP.

Assim, concluímos que as produções científicas referentes à educação infantil pantaneira/quilombola não foram encontradas no Banco de Dados da Capes conferindo a nossa pesquisa a responsabilidade pelo seu ineditismo.

Na próxima seção apresentaremos o *lócus* da pesquisa, seus contextos de vida característicos do Pantanal Mato-grossense e os elementos culturais do povo quilombola.

2 POCONÉ, A CIDADE ACOLHEDORA DO PANTANAL

Poconé, Pantanal, palcos pantaneiros onde viveram e ainda vivem pessoas simples, únicas e especiais, verdadeiros personagens e protagonistas que, ao viver a sua própria história, enriquecem a história e a cultura poconeana e pantaneira.

(Zita Eliney da Conceição)

Imagem 1 - Fotografia da Entrada da Cidade de Poconé – MT.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora/2021.

Poconé é conhecida como portal de entrada para o Pantanal Matogrossense. O município se estende por 17.271 km². De acordo com o Censo do IBGE (2010), Poconé apresenta 31.779 mil habitantes, já no censo IBGE (2020), a população cresceu para 33.315 mil habitantes. A densidade demográfica é de 1,9 habitantes por km² no território do município. Poconé- MT se situa a 86 km a Sul-Oeste de Várzea Grande a maior cidade nos arredores e está a 100 km de Cuiabá, a Capital do Estado de Mato Grosso. Situado a 153 metros de altitude, tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 16° 15' 26" Sul, Longitude: 56° 7' 29" Oeste. Veja a seguir a sequência de imagens: Mapa do Brasil destacando o mapa do Estado de Mato Grosso, mapa do município de Poconé e imagem aérea da cidade.

Imagem 2 - Mapas, à esquerda mapa do Brasil com destaque no Estado de Mato Grosso e a direita mapa de Poconé e seus limites.



Fonte: <https://mapasapp.com/brasil/mato-grosso/pocone-mt>

Logo abaixo segue imagem área do município de Poconé e da Igreja Matriz a padroeira da cidade a Nossa Senhora do Rosário.

Imagem 3 - Foto Aérea de Poconé



Fonte: <https://www.sospantanal.org.br/microrregioes-pantaneiras-pocone>

Imagem 4 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Arquivo da pesquisadora, agosto/2021

O mapa do Brasil, conforme a imagem 02 localiza o estado de Mato Grosso pintado de cor vermelha, na divisa com os estados Amazonas, Pará, Tocantins, Goiás, Rondônia e Mato Grosso do Sul. Em Mato Grosso estão localizados alguns municípios que tem comunidades quilombolas, dentre eles, o município de Poconé-MT.

Entre o ano de 2005 a 2016, estão as 71 (setenta e uma) comunidades remanescentes de quilombos certificadas pela Fundação Cultural Palmares em Mato Grosso, conforme o quadro mostra, indicando as suas respectivas localidades.

Quadro 3 - Comunidades Quilombolas no Estado de Mato Grosso

N. Ord.	Comunidades	Municípios
01	Aldeias	Acorizal
02	Baús	Acorizal
03	Água Doce	Barra do Bugres
04	Baixio	Barra do Bugres
05	Morro Redondo	Barra do Bugres
06	Vaca Morta	Barra do Bugres
07	Vermelhinho	Barra do Bugres
08	Vãozinho	Barra do Bugres/Porto Estrela
09	Chapadinha	Cáceres
10	Exu	Cáceres
11	Pita Canudo	Cáceres
12	Ponta do Morro	Cáceres
13	Santana	Cáceres
14	São Gonçalo	Cáceres
15	Aricá-açu	Chapada dos Guimarães
16	Barro Preto Serra do Cambambi	Chapada dos Guimarães
17	Cachoeira do Bom Jardim	Chapada dos Guimarães
18	Cansanção	Chapada dos Guimarães
19	Itambé	Chapada dos Guimarães
20	Lagoinha de Baixo	Chapada dos Guimarães
21	Lagoinha de Cima	Chapada dos Guimarães
22	Abolição	Cuiabá
23	Aguassú	Cuiabá
24	Coxipó-açu	Cuiabá
25	São Gerônimo	Cuiabá
26	Barreiro	Nossa Senhora do Livramento
27	Cabeceira do Santana	Nossa Senhora do Livramento
28	Campina Verde	Nossa Senhora do Livramento
29	Entrada do Bananal	Nossa Senhora do Livramento
30	Jacaré de Cima	Nossa Senhora do Livramento
31	Mata Cavallo	Nossa Senhora do Livramento
32	Ribeirão da Mutuca	Nossa Senhora do Livramento
33	Família Vieira Amorim	Novo Santo Antônio
34	Aranha	Poconé
35	Cágado	Poconé
36	Campina de Pedra	Poconé
37	Campina II	Poconé
38	Canto do Agostinho	Poconé
39	Capão Verde	Poconé
40	Céu Azul	Poconé
41	Chafariz Urubama	Poconé
42	Chumbo	Poconé
43	Coitinho	Poconé
44	Currálinho	Poconé
45	Imbé	Poconé
46	Jejum	Poconé
47	Laranjal	Poconé

48	Minadouro II	Poconé
49	Monjolo	Poconé
50	Morrinhos	Poconé
51	Morro Cortado	Poconé
52	Pantanalzinho	Poconé
53	Passagem de Carro	Poconé
54	Pedra Viva	Poconé
55	Retiro	Poconé
56	Rodeio	Poconé
57	São Benedito	Poconé
58	São Gonçalo	Poconé
59	Sete Porcos	Poconé
60	Tanque do Padre Pinhal	Poconé
61	Varal	Poconé
62	Bocaina	Porto Estrela
63	Comunidade Sesmaria Bigorna/Estiva	Santo Antônio do Leverger
64	Capão de Negro Cristo Rei	Várzea Grande
65	Bela Cor	Vila Bela da Santíssima Trindade
66	Boqueirão-MT	Vila Bela da Santíssima Trindade
67	Vale do Alegre	Vila Bela da Santíssima Trindade
68	Boqueirão, Vale dos Rios Alegre e Guaporé-Porto Bananal	Vila Bela da Santíssima Trindade
69	Capão do Negro	Vila Bela da Santíssima Trindade
70	Manga	Vila Bela da Santíssima Trindade
71	Vale do Rio Alegre	Vila Bela da Santíssima trindade

Fonte: (COSTA, 2017, p. 49-50).

A imagem 02 além do Mapa do estado de Mato Grosso, traz á direita o mapa do município de Poconé-MT pintado de cor cinza fazendo limite ao Norte com o município de Nossa Senhora do Livramento-MT, a Leste com o município de Barão de Melgaço-MT, ao Sul com o estado de Mato Grosso do Sul e ao Oeste com o município de Cáceres-MT. Poconé-MT, onde a formação regional local é diferente, composta pelo pantanal e comunidades quilombolas, a qual contribuem na formação da identidade cultural das crianças da creche Vovó Teófila da comunidade quilombola Chumbo.

A imagem 03 mostra somente a cidade de Poconé-MT em imagem aérea, onde pode-se ver a igreja Nossa Senhora do Rosário, o salão paroquial, a prefeitura, a praça e algumas casas. A imagem não dá vista para todas as casas que formam o espaço geográfico urbano.

A origem de Poconé-MT foi em 1777, quando Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres descobre o ouro em seu solo. O primeiro nome do lugar foi Beripoconé, em referência à etnia indígena que habitava a região. A 21 de janeiro de 1781, o mestre de campo Antônio José Pinto de Figueiredo, a mando do Governador da Capitania, capitão-general Luíz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, lavrou a ata de fundação do Arraial de São Pedro

D'El Rey, e não Arraial de Beripoconé, por ser este nome gentílico e bárbaro, e derivar-se do gentio, que habitou nesta paragem.

O decreto geral do governo regencial, de 25 de outubro de 1831, criou o município com a denominação de Villa de Poconé, voltando o nome antigo, pouco modificado. Neste decreto, ocorreu pela primeira vez a designação de limites em ato de criação de município em Mato Grosso. A 01 de junho de 1863, através de lei provincial, o município de Poconé recebeu foro de cidade. Poconé - MT faz limite com os municípios Nossa Senhora do Livramento, Barão de Melgaço, Cáceres e Estado de Mato Grosso do Sul.

2.1 A formação administrativa do Município de Poconé

O Distrito criado com a denominação de Poconé - MT, por resolução régia de 09-08-1811, no município de Cuiabá. Elevado à categoria de vila com a denominação de Poconé, pelo decreto geral de 25-10-1831, desmembrado do município de Cuiabá. Sede no Arraial de São Pedro Del Rei. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1833. Elevado à categoria de cidade, com a denominação de Poconé, pela lei provincial nº 1, de 01-06-1863.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo decreto-lei estadual nº 208, de 26-10-1938, é criado o distrito de Rio Alegre e anexado ao município de Poconé -MT.

No quadro territorial para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 2 distritos: Poconé e Rio Alegre. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1950. Pela lei estadual nº 662, de 10-10-1953, é criado o distrito de Cangas e anexado ao município de Poconé. Pela lei estadual nº 668, de 11-12-1953, o distrito de Rio Alegre é extinto, sendo seu território anexado ao distrito sede do município de Poconé - MT. Pela lei estadual nº 711, de 18-12-1953, é criado o distrito de Fazenda de Cima e anexado ao município de Poconé. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Poconé, Cangas e Fazenda de Cima.

Na atualidade, o município de Poconé - MT possui 03 distritos sendo Distrito de Cangas e Distrito do Chumbo, onde hoje está a comunidade quilombola Chumbo e, recentemente, criou-se o Distrito da Comunidade do 120. A comunidade Quilombola

Chumbo, *locus* desta pesquisa, pertence ao município de Poconé-MT, e está localizada a aproximadamente 40 km da sede da cidade.

Poconé cidade rosa é considerada a cidade portal da entrada do Pantanal mato-grossense, a maior planície alagada do mundo. O Pantanal é um bioma brasileiro localizado na Região Centro Oeste do Brasil nos Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Muito rico em sua biodiversidade, possui um clima tropical, com duas estações do ano que há uns 10 anos atrás era bem definida cheia e seca. Hoje, devido a inúmeras situações como queimadas, estamos passando por um intenso período seco e não estamos vivenciando o período das cheias. Abaixo segue imagem do Portal da Entrada do Pantanal.

Imagem 5 - Portal de Entrada do Pantanal.



Fonte: Arquivo da pesquisadora foto tirada em 29/08/2021.

As pessoas que nascem em Poconé são denominadas “poconeanos e poconeanas”, também chamados de pantaneiros e pantaneiras. De acordo com o dicionário Wikipedia “Pantaneiro é o **habitante tradicional do ecossistema Pantanal**”.

O pantaneiro descende dos bandeirantes, que no século XVIII, viajavam em canoas, através dos rios Tietê, Paraná e Paraguai. Desde aquele momento até hoje, são homens e mulheres que aprenderam a viver no Pantanal, a respeitar a natureza e suas adversidades, a conhecer o movimento das secas e das enchentes que são responsáveis pela vida na região e não só sobrevivem, mas ancoram as suas principais produções econômicas na agropecuária.

Poconé é considerado um município hospitaleiro, uma terra de muitas tradições que conserva as tradições seculares, como o combate medieval entre Mouros e Cristãos revividos

anualmente na **Cavallhada de Poconé**, sempre nas primeiras semanas de junho, durante as festas de São Benedito. Veja as imagens dessa linda manifestação cultural de Poconé.

Imagem 6 - Cavallhada de Poconé.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, foto tirada em junho/2019.

Outra grande manifestação cultural é a dança dos mascarados com raízes dos colonizadores portugueses e espanhóis, uma grande influência indígena e africana. Ela faz parte da festa do Divino Espírito Santo que ocorre entre os meses de maio e junho.

É uma dança que é praticada somente por homens, eles se vestem de damas e galãs. Suas roupas são de tecido brilhoso e bem coloridos. Veja as imagens:

Imagem 7 - Dança dos Mascarados.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Historicamente, a religiosidade do povo poconeano é um elemento cultural importante, sempre que recebe uma graça é motivo de celebrar em agradecimento ao santo devoto. As comunidades urbana e rural tem um santo padroeiro que também recebe homenagem com festa, música, danças, comidas e bebidas. As festas religiosas dos santos padroeiros variam,

dependendo do contexto e dos grupos que as realizam. Segundo Dantas (2002: 2) a festa revela também “ethos e visões de mundo”, pois o religioso marca a dinâmica dual das relações sociais e da sociedade com os objetos do mundo (GIL FILHO, 1999), que é apreendida pelo evento da procissão.

Essas festas desempenham, na cultura religiosa, papel importante no contexto da sociedade local. Nelas estão presentes anseios, crenças, expectativas e valores. Por isso, nelas tem sentido festejar, o que no dizer de Dantas (2002) possibilita “afirmar identidades, reutilizar tradições e mitos, gerar renda, criar novas formas de expressão, dramatizar situações e afirmações de um grupo cultural” (p.03), delineando a cultura religiosa.

As festas religiosas dos santos padroeiros são eventos coletivos em que, a “sociedade pode ter uma visão não rotineira de si mesma”, conforme explica Dantas (2002: 4). Elas com seus ritos, representados pelas procissões, são categorias que assumem importância na organização social e na cultura da sociedade regional/local.

Por sua representação simbólica, no seu significado e na formação da religiosidade, as festas religiosas constroem uma relação dialética entre realidades ideais e realidades sociais e entre indivíduo e sociedade. As festas católicas são frutos da disposição dos indivíduos para a sacralidade e, ligadas à totalidade social: são portas abertas para os homens entrarem no mundo sagrado, conforme pontua Dantas (2002).

Junto às comemorações das festas de santos estão presentes as danças do Siriri e Cururu. Siriri é uma das danças mais populares da cultura mato-grossense, praticada na cidade e na zona rural, tem presença indispensável nos festejos religiosos. É uma dança que lembra celebrações indígenas. É dançado por homens, mulheres e crianças, numa coreografia bastante variada podendo ser em formato de duas filas uma frente à outra ou em roda. Não tem interpretação definida, acontece em qualquer espaço que seja possível dançar e rodar, nas festas de santo costuma-se dançar no terreiro. A música é simples, fala de coisas da vida, desde o nascimento, a família e a presença de amigos. Tocadores são também os cantadores e quem dança também faz o coro. As vozes entoam alegria e descontração nas canções de festejo. Podemos dizer que é uma dança irresistível para quem vê, logo quer entrar na dança que transmite respeito à vida e o culto à amizade.

O cururu é descrito por Luís da Câmara Cascudo como uma manifestação encontrada nos estados de Goiás, São Paulo e Mato Grosso. Trata-se de uma dança de caráter religioso, provavelmente de origem ameríndia e introduzida nas festas cristãs pelos missionários

jesuítas. Os instrumentos musicais utilizados são viola de cocho e ganzá, tocados por homens que improvisam toadas em tons de desafio. A cantoria mais autêntica da baixada cuiabana pode se apresentar como roda de cantoria e dança. Sua origem é incerta, mas uma das possíveis origens do cururu é que ele teria vindo do bacururu, ou seja, cerimonia ritual dos índios bororós, celebrado entre algazarras e clamores. (RIBEIRO, 1919). Mário de Andrade destaca que “os processos coreográficos desta dança” tem tal e tão forte sabor ameríndio, pelo que sabemos das danças brasileiras com a cinematografia atual, que não hesito em afirmar ser o cururu uma primitiva dança ameríndia, introduzida pelos jesuítas nas suas festas religiosa, dentro do templo. (RIBEIRO, 1919 p.18). Esse costume tradicional é presente até os dias de hoje, sendo praticada pelas classes sociais mais baixas, principalmente nas comunidades tradicionais, sendo dançada nas festas de santo, no terreiro ora próximo ao altar do santo e ora, rodeando o mastro.

Junto às danças, temos os instrumentos musicais viola de cocho e o ganzá, tipicamente pantaneiros, os quais embalam ritmos às danças siriri e cururu. A viola de cocho é um instrumento musical já reconhecido como patrimônio imaterial. Importante se faz destacar que o polo de referência da produção e difusão do universo cultural da viola de cocho está em Mato Grosso.

Renato Almeida (1942:114) menciona que o ganzá seria sinônimo do *caracaxá*, isto é, uma espécie de *maracá* indígena. Marcondes (1977:301) acrescenta descrições diferentes a respeito do ganzá, como: “cilindro de madeira oca de um metro, com pele de boi esticada numa das extremidades”. O ganzá utilizado pelos pantaneiros, é um instrumento cilíndrico e oco. O comprimento é variável, bem como seu volume de preenchimento. Quanto a forma de tocar, o instrumento é segurado horizontalmente, podendo utilizar até as duas mãos, a depender do comprimento do ganzá.

O pantaneiro quilombola, Sr. José Atanázio de Lima (Sr. Juca), e sua esposa dona Ana Luiza são anciãos da comunidade e nos apresenta esses instrumentos musicais. Veja a imagem abaixo:

Imagem 8 - Ancião Sr. Juca e dona Ana, com instrumentos musicais da cultura pantaneira quilombola.



Fonte: Foto arquivo da pesquisadora/2021.

Quanto à culinária pantaneira sua grande influência é de origem indígena, africana e europeia. Em Poconé é possível degustar deliciosas comidas como: Maria Izabel (carne seca com arroz); farofa de banana da terra madura; variados pratos com peixe, sendo frito, ensopado, assado, onde o caldo de Piranha é uma das identidades do pantanal e do pantaneiro; além dos doces como furrundum, rapadura, licores e biscoitos.

O pantaneiro possui relação de respeito com a natureza, dela retira seu sustento como alguns frutos, dentre os quais, o pequi que pode ser degustado com arroz ou como licor. Estes são alguns pratos encontrados na culinária pantaneira.

O povo poconeano é festeiro, não dispensa uma boa festa, e as crianças desde pequenas já acompanham seus pais nos eventos festivos, tanto na cidade como no campo.

2.2 A Comunidade Quilombola do Chumbo

Em 2021, o Município de Poconé - MT completou 240 anos de história. Atualmente, conta com 14 bairros, 72 comunidades (zona rural), 11 assentamentos e 28 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares de 2005 (SEDUC 2008). Assim, a comunidade quilombola campo da pesquisa está certificada pela Fundação Cultural Palmares,

no livro de cadastro geral nº 004, registro nº 333 f 40 Decreto supracitado e Portaria do FCP-Fundação Cultural Palmares nº 6 de 1 de março de 2004.

A Comunidade Quilombola Chumbo está localizada a 95 km do município de Cuiabá, e aproximadamente 40 km de Poconé, nas margens da rodovia MT-451, denominada Adueto Leite, no Km 16. Abaixo segue algumas imagens da comunidade.

Imagem 10 - Entrada da Comunidade Quilombola do Chumbo.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, foto tirada em 28/08/2021.

Imagem 9 - Igreja Católica de Nsa. Sra. Aparecida, Padroeira da Comunidade.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, foto tirada em 28/08/2021.

Para escrever sobre a história da comunidade e compreender os primeiros fios que constituíram e deram sentido a esta comunidade, no âmbito da presente pesquisa, foi realizada uma “roda de conversa com dois anciãos”, Sr. José Atanázio de Lima (Sr. Juca) e a anciã dona Ana Luiza de Lima (esposa do Sr. Juca), no dia 07 de setembro de 2020, interagindo com estes que consideramos guardiões da história e cultura local.

Seu Juca relata que a fundação da comunidade ocorreu pelos descendentes de seu avô Sr. Manoel Metélo, que foi trazido de Minas Gerais para Mato Grosso ainda menino, como escravo para trabalhar na comunidade morraria em Poconé-MT, isso por volta de 1880.

Sr. Juca, emocionado, narra que tudo o que ele nos conta, ele ouviu em sua casa e, graças a sua boa memória, consegue nos contar hoje. Em suas palavras:

O Sr. Metélo era um escravo que trabalhava na senzala e tinha liberdade para percorrer as outras fazendas do “Seu Senhor”. Passou-se alguns anos e ele se tornou homem e nessas idas e vindas em outras fazendas do seu Sr. ele conheceu a minha avó que era escrava na fazenda da Região da Cotia. Se envolveu com ela e teve filhos, inclusive meu

pai. Meu avô tinha duas famílias, uma na fazenda que ele trabalhava, na categoria de escravo, e outra família estavam na outra fazenda do seu senhor, na fazenda Cotia.

Como já estavam dando liberdade para os escravos, meu avô conversou com seu senhor e entraram em acordo que meu avô trabalhasse mais 4 anos e depois ganharia sua alforria. Nesses quatro anos, meu avô Metélo, trabalhou contando cada dia. Teve outros filhos e quando completou os 4 anos, o senhor e escravo sentaram para conversar. Meu avô estava alegre pois ganharia sua liberdade. Mais seu senhor disse que não lhe daria sua alforria. Então meu avô disse para seu senhor cumprir com a palavra, mais nada adiantou a palavra não foi cumprida. O avô Metélo continuava escravo.

Foi então que ele, meu avô, muito revoltado, nessa mesma noite e sozinho fugiu da fazenda e caminhou muito durante a noite no meio da mata pela estradinha de escoteiro. Ele sabia muito bem por onde estava andando. Depois de algumas horas chegou na fazenda Buriti, na casa do Sr. Augusto. Esse fazendeiro o recebeu, perguntou o que havia acontecido e após ouvir o Sr. Metélo, então disse para ele que ficasse lá nessa fazenda e que eles iriam resolver essa situação. Após 4 dias, como não apareceu ninguém para resgatá-lo e o Sr. Augusto juntamente com sua comitiva e o Sr. Metélo, todos armados foram lá na fazenda de onde o avô Metelo fugiu, chegaram lá e cobraram a liberdade do Sr. Manoel Metélo.

Saíram do local com a carta de alforria e retornaram para a fazenda do Buriti. Lá passados dias, um senhor por nome de Tobias ofereceu a terra nessa região, que hoje é a comunidade chumbo, vendeu 250 hectares de terra, aí o avô Metélo, falou que não tinha como pagar e o Sr. Tobias, disse: - Você me paga com serviço e mercadoria, você planta e me paga com o que colher. Assim ele fez e depois de alguns anos meu avô deixou a roça e veio morar neste lugar que era só mata. Meu pai, um dos filhos também veio pra cá, vieram outras pessoas lá do capão de negro que hoje é o bairro Cristo Rei da cidade de Várzea Grande.

Era só parente que foram vindos para cá, de início era aproximadamente umas 20 famílias depois foram casando e aumentando moradores.

O Sr. Juca também comenta que ouvia dizer que nesse lugar havia muita alegria, tinha festas de santo e muito cururu, pois o vô Metélo gostava muito de festa de cantar cururu, era muito solicitado para ir cantar em outras comunidades. Ele enfatiza que tem muito orgulho deste lugar, de sua origem e que aqui vivem descendentes do seu avô que foi escravo e comprou estas terras que antes era chamado de Guanandi e pagou com parte de sua colheita da roça e com suor de seu trabalho.

Neste sentido Santos (2008), afirma que:

Os quilombos em Mato Grosso, historicamente em sua composição populacional, foram caracterizados pela presença de negros [...] não somente na condição de escravizados, mas também, de alforriados que preferiram viver nas regiões de quilombos: comunidades negras rurais formadas por ex-escravos e libertos. Esses quilombos se constituíram de terras compradas por irmandades, terras abandonadas pelos grandes proprietários, terras de santo, terras herdadas dos senhores e por produto do antigo sistema de sesmaria. (SANTOS, 2008, p. 107).

Exatamente desta forma, como Santos (2008) enfatiza, os quilombos que aconteceu a colonização nas terras de Guanandi que hoje é chamada de Comunidade Quilombola. Todos que ali chegavam podiam morar e constituir família. Não pagavam nem um valor para poder trabalhar a terra, que era de uso comum a todos para plantio e criação de pequenos animais. As casas eram de pau a pique e todos viviam bem, não tinha roubo, não tinha desordem.

De acordo com Costa (2017), os quilombos em Mato Grosso têm as suas histórias individuais e coletivas de formação social e política vivida pelos seus moradores. Lugares onde flui espontaneamente a relação entre familiares e parentescos tornando uma comunidade. Identificada e reconhecida no campo, essas comunidades confinam com terras de assentamentos e fazendas.

Assim, a comunidade quilombola Chumbo situa-se, historicamente, nesse contexto social e político, do mesmo modo que outras comunidades quilombolas do mundo, do Brasil, de Mato Grosso e do município de Poconé-MT. Portanto, a comunidade quilombola Chumbo com o seu modo de vida, organização social e organização ambiental não está isolada, nem está sozinha na sua existência, resistência e resiliência.

O Sr. Juca nos conta que nasceu na comunidade do chumbo e desde os 7 anos de idade já trabalhava. Ajudava seus pais na roça, plantavam e colhiam, e saia para trabalhar nas fazendas no Pantanal abaixo, pois era um excelente domador de cavalos, já levou muitas rodadas de cavalo, nos mostrou marcas e sinais que tem no corpo adquiridos em seu trabalho na lida na roça e no campo pantaneiro. Sr. Juca casou-se com dona Ana, constituiu família e foi a cada dia se dedicando a lida na terra para o sustendo da família, com isso diminuiu suas viagens para as fazendas no pantanal.

De acordo com o Sr. Juca a Comunidade Chumbo foi fundada em 24 de agosto de 1895, em 2021 completou 126 anos de história, luta e resistência. Ele disse também que na Lei de criação é outra data, então fui em busca da Lei de criação da referida comunidade. De fato, a Lei nos mostra outra data, Lei Municipal nº 1.602 de 13 de dezembro de 2010. Dispõe sobre a criação do Distrito de Nossa Senhora Aparecida do Chumbo. Onde no seu Artigo 3º diz que a Lei entra em vigor na data da sua publicação em 23 de dezembro de 2010, esta é a

data oficial, no entanto a comunidade considera a primeira data em 24 de agosto. Uma outra data importante é o dia 22 de agosto de 2005, data em que a Comunidade do Chumbo recebeu a certidão de Autorreconhecimento, da Fundação Palmares, conforme o art. 1º da Lei nº 7.668 de 22 de agosto de 1.999.

A Profª Jusiane Lima, Coordenadora Pedagógica do CEI Vovó Teófila, em uma roda de conversas realizada no dia 07 de setembro de 2020, afirma que esta certidão foi fruto de muita luta da comunidade liderada por professores do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila, da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, de moradores da comunidade com fundamental apoio do seu pai Sr. José Atanázio de Lima (Sr. Juca).

Para compreendermos o *lócus* da nossa pesquisa é de suma importância aprofundarmos alguns conceitos relativos à dimensão quilombola e a histórica luta deste povo.

2.3 Significações conceituais: os quilombos e a identidade quilombola

De acordo com Ney Lopes, a expressão quilombo vem sendo sistematicamente usada desde o período colonial. Ney Lopes afirma que “quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos que vem sendo modificado através dos séculos” (...) Quer dizer acampamento guerreiro na floresta, sendo entendido ainda em Angola como divisão administrativa” (Lopes, Siqueira e Nascimento 1987: 27-28).

Kabengele Munanga, ao recuperar a relação do quilombo com a África, afirma que o quilombo brasileiro “é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos”.

Freitas (1982) assegura que no Brasil, no regime escravocrata, os quilombos insurrecionais também eram grupos étnica e culturalmente heterogêneos, abrigavam negros, negras e crianças de diferentes nações africanas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica em seu artigo Art. 3º define quilombos como:

I - os grupos étnico-raciais definidos por auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica;

II - comunidades rurais e urbanas que:

a) lutam historicamente pelo direito à terra e ao território o qual diz respeito não somente à propriedade da terra, mas a todos os elementos que fazem parte de seus usos, costumes e tradições;

b) possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória.

III - comunidades rurais e urbanas que compartilham trajetórias comuns, possuem laços de pertencimento, tradição cultural de valorização dos antepassados calcada numa história identitária comum, entre outros.

Entende-se que os negros foragidos se organizavam em lugares distantes de difícil acesso, constituindo um lugar de refúgio e resistência, e esse lugar que recebe o nome de quilombo era uma forma de representação da resistência, sobrevivência e luta contra a opressão sofrida pelos negros e seus descendentes e ali viviam praticando sua cultura.

São considerados quilombos contemporâneos, aquelas comunidades negras rurais, formadas após o período escravocrata, e ou reconhecidas após a aprovação do Artigo n. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal do Brasil-1988, que garantiu aos negros o título definitivo das terras que ocupavam. (CASTILHO, 2011).

Ainda de acordo com Castilho (2011), essas comunidades não são homogêneas e estão agregados com pessoas por laços de casamento ou de compadrio de amizade, e também fazendeiros, que acabavam grilando ou comprando terras nesses espaços quilombolas. Essas comunidades recebem o nome de comunidade quilombola por estar dentro de um território de quilombo.

Moura (2007) salienta que atualmente pode-se conceituar os quilombos contemporâneos da seguinte maneira:

Como comunidades negras rurais habitadas por descendentes de Africanos escravizados que mantém laços de parentescos e vivem em sua maioria de Cultura de subsistência em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo os habitantes dessas comunidades. Valorizam as tradições culturais dos antepassados religiosas ou não recriando-as no presente possuem uma história comum e tem normas de pertencimento explícitas com consciência de sua identidade são também chamadas de comunidades remanescentes de quilombos terras de preto terras de Santo ou Santíssimo. (MOURA, 2007, pág.12).

Sendo assim, as Comunidades Quilombolas atuais são frutos de vários processos como:

Fugas com ocupação de Terras Livres falidas ou abandonadas, geralmente isoladas, compra de propriedades por escravos alforriados doações de terras para escravos por proprietários de fazendas em reconhecimento ao trabalho e dedicação prestados à

ele, doações feitas por ordem religiosa, pagamento por prestação de serviços em guerras oficiais etc. (ANJOS, 2009 p. 27).

Contudo, compreende-se que quilombolas são grupos com preponderância de população negra rural ou urbana que se intitula a partir das relações com a terra ou parentesco o território a ancestralidade e as tradições e práticas culturais próprias.

De acordo com Moura (1997), os modos de viver dos quilombolas são próprios de um grupo de origem africana e afrodescendente, materializados por meio de crenças, da agricultura familiar, mineração, arquitetura, tecnologia de construções e culinária que configuram uma identidade própria. Ainda que seus registros sejam relativamente recentes e marcados por processos históricos contemporâneos, o que os une são o território pertencente ao coletivo, valorização da ancestralidade, da memória coletiva, das línguas reminiscentes, dos marcos civilizatórios, das tecnologias e formas de produção do trabalho, dos acervos e repertórios orais; dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país.

Tal perspectiva vem ao encontro da percepção de Ferreira (2014) que colabora com a compreensão quanto à educação quilombola ao declarar sua visão em relação à educação indígena, ao afirmar que:

O que se coloca é que o fenômeno da coletividade prepondera em diferentes contextos e usos desses recursos [...]. Não há uma massificação e uma obrigatoriedade criadas pelas circunstâncias da presença desses recursos o que se revela são *malhas e tramas* da permanência coletiva e partilhada dos povos [...]. Com as *malhas* não se perde as características originárias que são da vida coletiva, e com as *tramas* aceita-se, acomoda-se para a inserção na perspectiva de fazer parte de um universo global, com destrezas, ressignifica-se o contexto que tem o *bem viver* e as relações da coletividade e da natureza como rearranjos que tecem a vida e que organizam a *resistência cultural*. (FERREIRA, 2014, p.93).

O Decreto 4.887/2003 institui o autorreconhecimento, atingindo não só aqueles quilombos históricos, organizados por escravizados.

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (BRASIL, 2003)

A constituição da identidade quilombola se dá por um grupo de indivíduos ao compartilharem significados e objetos simbólicos, como língua, história, religião, interesses,

gostos e cultura, em oposição aos que não partilham e se coloca, portanto, no lugar de alteridade.

Então, ser quilombola e reconhecer-se como quilombola remanescente de escravos, é não perder suas raízes e, sobretudo, é ter orgulho de sua ancestralidade, de sua identidade.

Para Cavalheiros e Stadtler (2010), a identidade compreendida como resultado da confluência de forças sociais que operam sobre o indivíduo e na qual ele próprio se constrói pode ser entendida como produto de sua ação ou ainda da sociedade. Que a ascensão de uma identidade permite ao indivíduo colocar-se de forma diferente perante a sociedade, individualmente ou como grupo, nessa esfera é essencial a possibilidade de ser diferente de outros setores da sociedade. Denominar-se ou reconhecer-se como quilombola resulta de uma identidade construída socialmente em um contexto que demarca relações de poder e em que resistem a uma posição estigmatizada desde a escravidão até à atualidade.

Fleuri destaca que o maior desafio apresentado pelo tempo presente consiste em se “respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos.” (FLEURI, 2002, p. 497).

Podemos inferir que um dos aspectos fundamentais que surgem quando se fala sobre às temáticas relativas às diferenças socioculturais diz respeito ao racismo. Nesta seara, estão as diversas compreensões e enfrentamentos da discriminação, dos estereótipos, do preconceito, dos processos de inclusão/exclusão social e institucional das pessoas diferentes.

Este movimento de enfrentamento e luta, contudo, não se trata de algo simples ou fácil. Trata-se de uma discussão complexa uma vez que “os mesmos argumentos desenvolvidos para defender relações mais justas, dependendo do contexto e do jogo político em que se inserem, podem ser ressignificados para legitimar processos de sujeição e exclusão.” (FLEURI, 2002, p. 499).

Em nosso país, o debate relativo ao racismo e ao preconceito se faz cada vez mais emergencial. Porém, em função da natureza do nosso processo colonizador pelo qual passou o povo brasileiro e pela maneira como a história tem sido evidenciado há mais de quinhentos anos, tal debate, apresenta-se ainda mais perpassado de conflitos. É possível constatar que em uma perspectiva histórica, o ocidentalismo dos currículos escolares vem “coisificando” negros e indígenas, apresentando-os em imagens quase sempre estereotipadas ou produzindo sua invisibilidade.

Bhabha (1998) destaca que o aspecto de imposição colonizadora da realidade social no Brasil causa e reflete um estereótipo que pretende prender o outro em um dado local, evidenciando a fundamental estratégia do discurso colonial. Esse estereótipo social que prende o outro em uma posição de inferioridade alcança o desenvolvimento do processo cognitivo por parte de um grupo social, o que significa que as pessoas que fazem parte de um determinado grupo internalizam a simbologia que abarca a estereotipia, cristalizando-a e reproduzindo-a ao longo da história.

Nesta direção, a partir do instante em que essas pessoas, de comum acordo, solidificam uma imagem estereotipada, o preconceito assume a capacidade de materializar e absolutizar os valores que são traduzidos em mecanismo de negação da alteridade⁴. Podemos afirmar que o mito da democracia racial brasileira consiste em outro fator que auxilia o desenvolvimento de processos de tensão em relação ao debate racial em nossa sociedade, de forma a torná-lo característico.

Tomando por base o mito da democracia racial, temos que as relações entre as pessoas, instituições e segmentos étnico-raciais no Brasil se deem de forma destituída de conflitos. Tal dimensão impossibilita o desenvolvimento do debate, exclui as questões urgentes que devem ser discutidas e nutre as diferenças identitárias entre os grupos, afiançando a existência de hierarquias anteriores e o *status quo*⁵.

Na atualidade, temos visualizado a ação do passado histórico do negro como mecanismo de produção de novas configurações de racismo pela sociedade e que acabam por colocar o negro em um ciclo de perpetuação do racismo, dificultando sua luta pela mudança de condições de atuação e conseqüentemente a tomada de decisões dos poderes públicos.

Mais do que nunca precisamos ter a clareza de que:

O encontro radicalmente democrático entre sujeitos e grupos diferentes implica o desenvolvimento da escuta do outro, aliada a uma capacidade de autocrítica. Mais do que uma atitude de comiseração e solidariedade para com o outro, a interculturalidade implica uma revisão radical das perspectivas socioculturais, políticas e epistemológicas que mobilizam a interagir com o outro. (FREURI, 2014, p. 101).

⁴ A palavra alteridade possui o prefixo alter, do latim, e significa se colocar no lugar do outro, na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e no diálogo com o outro. A prática da alteridade se conecta aos relacionamentos tanto entre indivíduos, como entre grupos culturais, religiosos, científicos, étnicos, etc. Na relação alteritária estão sempre presentes os fenômenos holísticos da complementaridade e da interdependência, no modo de pensar, de sentir e de agir, onde o nicho ecológico, as experiências particulares são preservadas e consideradas, sem que haja a preocupação com a sobreposição, assimilação ou destruição destas (DUSSEL, 2006).

⁵ Expressão do latim que significa “estado atual”.

Nesta direção a escola se apresenta como *locus* privilegiado de transformação da realidade e a Educação Infantil na mesma perspectiva se apresenta como o espaço de rompimento deste círculo vicioso do racismo que em pleno século XXI ainda persiste.

3. A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CHUMBO: O CEI “VOVÓ TEÓFILA”

Esta é a nossa querida Creche! O Centro de Educação Infantil Vovó Teófila!
O único Centro de Educação Infantil localizado em comunidade quilombola.
Recebemos crianças de vários lugares, das comunidades quilombolas,
Comunidades tradicionais, fazendas e assentamentos.
Aqui elas estudam, brincam e aprendem a respeitar a diferença e ter orgulho da sua
origem e também visitam a Vovó Ana e o Vovô Juca.
Eu amo trabalhar aqui!

(Profª Jusiane Luiza de Lima - Coordenadora Pedagógica/ Março-2020)

Imagem 11 - Imagem Externa do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.



Fonte: Arquivo da pesquisadora/2020.

Para escrever a contextualização histórica do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila, contamos com auxílio da gestora Rosiane Cândida e da Coordenadora Pedagógica Jusiane Luiza, onde realizamos uma “roda de conversa” para ouvi-las, registrar e ter acesso a documentos que confirmam as informações que aqui estão escritas.

O Centro de Educação Infantil Vovó Teófila é a única em um território quilombola sua mantenedora é a Prefeitura Municipal de Poconé - MT. Está situado no km 16 da Rodovia Adauto Leite, no Distrito do Chumbo, uma área remanescente de quilombo do município de Poconé/MT.

O CEI Vovó Teófila foi criado sob o Decreto Municipal nº 025/2007 que dispõe sobre a regulamentação das Creches Municipais e dá outras providências, com o nome de Creche Municipal Vovó Teófila, com atendimento ofertado à crianças de 6 meses até 6 anos. Todavia, no ano de 2017, a instituição escolar sofreu uma alteração na nomenclatura e, a

partir de 22/02/2017, pelo Decreto Municipal nº 020/2017 passou a ser denominada como “Centro de Educação Infantil Vovó Teófila”.

Antes de prosseguirmos, faremos uma apresentação da “Vovó Tiófa”, como é reconhecida e denominada pelas pessoas da comunidade local.

3.1 Vovó Teófila, um breve relato da sua história

Este contexto histórico foi possível ser escrito a partir de relatos narrados pelo ancião da comunidade Sr. José Atanázio de Lima (Sr. Juca), sobrinho da Vovó “Tiófa”, a qual, hoje é chamada de Teófila.

A roda de conversa foi realizada no dia 07 de setembro de 2020, em período de pandemia causada pela Covid-19, então utilizamos as recomendações de segurança do Ministério da Saúde, todos os participantes utilizaram máscara facial, manteve-se o distanciamento de 2 metros, higienizamos mãos com álcool gel, assim como as ferramentas de trabalho da pesquisadora: celular; caderno de campo e caneta. Após saborearmos um delicioso bolo de arroz e tomarmos o saboroso guaraná ralado, então eu, o Sr. Juca e a sua esposa Dona Ana, o genro Sr. Adilson e a sua filha Jusiane Luiza, fomos para debaixo do pé de manga, que estava toda encopada e florida. Manga é fruta típica da região, rica em nutrientes e uma fruta muito consumida pelas crianças, adultos e anciãos da comunidade. Sentamo-nos na cadeira de balanço e sentindo a leveza do vento, ouvimos várias histórias contadas pelo Sr. Juca, ele olhava para o horizonte e ia trazendo suas memórias. Algumas vezes gesticulava com as mãos, reproduzindo alguma situação vivenciada. Quando lhe solicitei para nos contar sobre a “Patrona da Creche”, Sr. Juca declara que contará o que ele ainda lembra de quando ouvia sua avó contar e começa a trazer as memórias das narrativas a respeito da “Vovó Tiófa”.

Maria Juvina da Silva, esse era o nome dela, mas as pessoas naquela época quase não eram conhecidas pelo nome e sim pelo apelido, e ela desde pequena era chamada de “Tiófa”. Nasceu aproximadamente no século XIX, no ano de 1885, na Cotia, região da Comunidade Quilombola Mata Cavallo, próximo ao município de Nossa Senhora do Livramento⁶. Era filha de Manoel Metelo de Campos e de Dona Maria Clara Rosa de Lima, seus irmãos foram:

⁶ O município de Nossa Senhora do Livramento-MT fica a 66 km distante de Poconé-MT e, aproximadamente, 60 km distante da Comunidade Quilombola do Chumbo.

Joana de Campos (*in memorian*), José Metelo de Campos (*in memorian*), Jacob Metelo de Campos (*in memorian*), Francilina (*in memorian*), Emiliana (*in memorian*), João Metelo de Campos (*in memorian*), Estevão de Campos (*in memorian*) e Sebastião Rosa de Lima (*in memorian*).

Maria Juvina da Silva, “Tiófa”, passou a sua infância e adolescência na região de Mata Cavalo e na sua juventude mudou-se para a região de Seis Marias de Guanandi, hoje Comunidade Quilombola Chumbo. Nesta comunidade, ela casou-se com Manoel Cesário da Silva e, desse casamento, nasceram cinco filhos: Manoel Sebastião da Silva, Benedito (*in memorian*), Joana (*in memorian*), Efigênia (*in memorian*), Maria da Cruz da Silva (*in memorian*) e Antônio (*in memorian*)⁷. Dos filhos dela, somente o Sr. Manoel Sebastião da Silva, ainda, está vivo, no entanto, não está bem de saúde e já não possui lembranças da sua mãe.

Como professora, eu a pesquisadora, tive a oportunidade de alguns anos atrás trabalhar com o Sr. Sebastião na Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, escola que oferta o ensino fundamental I e II pela rede municipal de ensino e EJA como sala anexa de escola da rede estadual. Essa escola está localizada bem próxima do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila. O Sr. Sebastião era responsável por cuidar do portão, entrada e saída das pessoas, zelava do pátio, sendo sempre muito cuidadoso, principalmente com as crianças e gostava de contar histórias.

“Tiófa” não teve acesso à educação escolarizada, pois à época esta não chegava para as pessoas da região, muito menos sendo pobres e negros. Segundo Sr. Juca, Dona Maria Juvina, era uma mulher trabalhadora e muito organizada, caprichosa e cuidava muito bem da sua pequena casa de barrotes e sapé. Ela era uma pessoa muito conhecida na comunidade, “cozinheira de mão cheia” e sempre era convidada para usar seus dotes culinários nas festas de santos que faziam nas comunidades vizinhas, principalmente na Comunidade do Retiro, além disso, suas atividades eram costurar, fiar, tecer e urdia redes de algodão. Também era conhecida por falar firme com as crianças que estavam ao seu redor e aquelas que estavam desobedecendo em casa, à mãe dizia que ia mandar para Tiófa “dar jeito”, assim todos a obedeciam.

⁷ Os nomes aqui citados que aparecem sem sobrenome é porque o Sr. Juca não tem lembranças dos nomes completos.

O Sr. Juca não soube a data de falecimento da Dona Maria Juvina (Vovó Tiófa), porque na época não era prática tirarem o registro de óbito, e por falta de informação. Então, as pessoas faleciam, se despediam e enterravam nos cemitérios da proximidade.

Após ouvir atentamente os relatos do Sr. Juca, então perguntei a ele qual o motivo que levou a Instituição de Educação Infantil ter o nome Vovó Teófila e não da maneira como as pessoas da comunidade a apelidavam, ou seja, Vovó Tiófa. Foi quando se aproximou da roda a Prof^a Jusiane (filha do Sr. Juca e coordenadora pedagógica da CEI Vovó Teófila), e nos disse ser uma longa história, passando a relatar que:

Como esta região é muito rica em sua variação linguística, nos sotaques e muitos tem o hábito de reduzir a pronúncia das palavras, então para nós é normal vermos e ouvirmos as pessoas principalmente de mais idade pronunciarem as palavras de forma reduzida, por exemplo: Sebastião e dizer Bastião, Manoel-Mané, Pantanal-Pantaná.

Quando abriu a creche foi feito os registros e encaminhados para receita federal, nesses documentos alguns estavam escritos Tiófa em outros Teófila, então a receita federal entendeu que era nosso erro na escrita e validou o que estava escrito Teófila e assim ficou e ninguém foi atrás para corrigir, e na verdade até as professoras mais novas da creche na época, entendiam que de fato o correto fosse Teófila e que o Tiófa era devido o erro na pronúncia e a situação do diminuir a pronuncia das palavras. Então ficou tudo legalizado como Vovó Teófila, e que na verdade deveria ser Maria Juvina da Silva, o nome de registro da patrona. (Roda de Conversa realizado no dia 07/09/2021 com Jusiane Luiza de Lima).

Assim, ficamos conhecendo essa rica história da patrona do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila. Estes relatos me fizeram recordar de uma conversa que tive em 2013 com a Prof^a Maria Rosa, ex-vereadora, ex-Secretária Municipal de Educação, quando conversávamos sobre a nossa raiz, a nossa cultura, esse nosso modo de falar. Ela disse que nasceu, cresceu e estudou na comunidade quilombola Pedra Viva, praticamente dentro do pantanal e no seu meio familiar de convívio o que falavam era “Pantaná”, então para ela isso era normal de se ouvir e quando ela mudou para cidade passou a frequentar outra escola, outros convívios, aí ela ouvia dizer Pantanal, e ela pensava e perguntava onde ficava “esse tal Pantanal”.

Certo dia, em uma reportagem na TV sobre o Pantanal, suas riquezas e seu turismo, onde, naquelas imagens, ela observou a casa onde ela viveu sua infância, foi então que ela entendeu que o “Pantaná”, aquele onde ela nasceu e cresceu é o mesmo “Pantanal”, que é um patrimônio da humanidade, famoso no mundo todo pela sua importância ambiental e pelas suas belezas naturais. Recordo-me que quando ela falou isso eu também voltei às memórias da minha infância, onde ouvia meus avós (minha avó descendente de indígenas e meu avô neto de português que veio escravizado de Portugal), conversavam e os sotaques e pronúncias eram diferentes, mas esse era o que eu conhecia. Ouvi muito falar Pantaná, Raqué, chá, chó, ou seja, os mais velhos falavam e os mais novos aprendiam e reinterpretavam a sua cultura, o seu linguajar.

De minha parte, só fui entender essa diversidade e diferença linguística quando saí do campo e fui morar na cidade. Parece que na cidade, as pessoas falavam outra língua, era tudo muito diferente. Então, aos poucos, no convívio com outras pessoas, principalmente na escola, fui me constituindo enquanto pessoa com a identidade coletiva pantaneira e quilombola. Mais tarde, também enquanto profissional pude perceber e valorizar o quanto essa nossa cultura é única, rica e nós professores e professoras precisamos estar preparados para trabalhar a diversidade cultural, as raízes indígenas e africanas a partir da educação infantil, para que nossas crianças possam conhecer e sentir orgulho de suas raízes históricas, constituindo-se em suas identidades individuais e coletivas.

3.2 O CEI Vovó Teófila: espaço e tempo, fazeres e saberes no período da pesquisa

A etapa educacional que o CEI Vovó Teófila atende é a educação infantil, com turmas de Berçário (6 meses a 1 ano), Maternal I (1-2 anos e onze meses), Maternal II (3 anos), Pré I (4 anos) e Pré II (5 anos e 11 meses), em regime parcial, sendo que a idade mínima permitida é de 6 (meses), exceto para “filhos de mães que trabalham e não tem alguém para cuidar dos bebês” e também alguns casos especiais de “quem necessita de acompanhamento do Conselho Tutelar”, e a máxima de 5 anos e 11 meses, respeitando a data corte de 31 de março, conforme o Parecer nº 02/2018 do Conselho Nacional de Educação e Plano Municipal de Educação/2015.

Quanto ao número de crianças por turma, respeita-se o PME - Plano Municipal de Educação/2015, especificado na página 3, da seguinte maneira:

I- Crianças de 0 até 01 ano: 06 a 08 educandos: 02 professores.

II- Crianças de 01 até 02 anos: 08 a 10 educandos: 02 professores.

III- Crianças de 02 até 03 anos: 10 a 15 educandos: 02 professores.

IV- Crianças de 04 até 05 anos: 15 a 20 educandos: 01 professor.

Quanto a Infraestrutura do CEI Vovó Teófila, elaboramos um quadro que segue abaixo com descrição detalhada:

Quadro 4 - Infraestrutura do CEI Vovó Teófila.

Infraestrutura	Quantidade	Descrição
Sala de Referência	03	A metragem das salas são 20.25 m ² , 27m ² e 24m ² , todas as salas possuem ar-condicionado bem conservado, nas salas de referências das turmas maternal II, pré I e pré II, possuem armários de aço para guardar materiais pedagógicos e brinquedos, suporte para guardar mochilas, caixas para guardar brinquedos, mesa para professora, mesas e cadeiras adaptadas para crianças pequenas, a sala do berçário tem berços, colchonetes, Tv, micro syster. Em todas as salas de referências as caixas de brinquedos e uma caixa com livros infantis ficam no chão de fácil acesso às crianças e os brinquedos que ficam no armário estes ficam na parte de baixo para que as crianças possam alcançá-los.
Secretaria	01	A sala é pequena, nela funciona a secretaria, a diretoria e sala de coordenação pedagógica. Está equipada com 01 computador, 01 notebook, 01 impressora, 01 mesa para computador, 04 cadeiras e 01 ventilador.
Cozinha	01	A cozinha tem uma metragem considerável boa, é bem ventilada, no entanto ela dá acesso direto a lavanderia e livre acesso às crianças. É preciso fazer adequações no espaço.
Lavanderia	01	O espaço da lavanderia precisa de ampliação e ventilação.
Biblioteca	01	Este espaço foi adaptado entre os corredores da cozinha e sala de referência, possui armários e inúmeros livros infantis.
Banheiro para adultos	01	Banheiro precisa de reforma e adequação. É necessária a construção de pelo menos mais um banheiro para uso dos profissionais.
Banheiro para crianças	01	O banheiro possui um espaço amplo, tem 03 sanitários para criança sendo 01 com adaptação para deficiente físico, 03 pias para escovação de dentes, 03 chuveiros para banho, Essa quantidade de sanitários é pouco para atender as crianças que estudam nesta instituição.
Dispensa	01	Este espaço funciona com dupla função, como dispensa e almoxarifado.
Varanda/Área	01	Uma varanda coberta na frente que serve também como refeitório; contém 6 mesas de madeira grandes com bancos de tamanho adequado para criança.
Parque infantil	01	O Parque Infantil fica na parte externa dos fundos da Creche, dispõe de: 01 escorregador, 02 gangorras, 01 balanço, 01 roda-roda. Todos os brinquedos estão apropriados para o uso das crianças de 3, 4 e 5 anos.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora durante a observação em 2020.

A imagem abaixo nos mostra o parque infantil que fica na parte externa nos fundos do CEI Vovó Teófila, onde as crianças estão brincando sobre os cuidados da professora.

Imagem 12 - Imagem do Parque Infantil do CEI Vovó Teófila.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora março/2020.

Nesse período percebi que as crianças utilizam pouco o parquinho e a área externa do fundo. No entorno do parque, há 02 pés de mangueiras bem encopadas, com sombra maravilhosa, 01 pé de caju, 01 pé de laranja, uma plantação de bananeira e mandioca.

Nesse espaço também tem uma pequena horta onde está plantada cebolinha, salsinha e pimentão, esses cheiros-verdes são utilizados nas refeições e a criança não tem participação no cuidar dessa horta. Na época de colheita das frutas, elas são colhidas e consumidas por todos.

Nesse sentido (TIRIBA, 2005, p.18) enfatiza que:

Da mesma forma que defendemos uma perspectiva educacional que respeite a diversidade cultural e promova o enriquecimento permanente do universo de conhecimentos, atentamos para a necessidade de adoção de estratégias educacionais que permitam às crianças, desde bebês, usufruírem da natureza, observarem e sentirem o vento, brincarem com água e areia, atividades que se tornam especialmente relevantes se considerarmos que as crianças ficam em espaços internos às construções na maior parte do tempo em que se encontram nas instituições de Educação Infantil. Criando condições para que as crianças desfrutem da vida ao ar livre, aprendam a conhecer o mundo da natureza em que vivemos, compreendam as repercussões das ações humanas nesse mundo e sejam incentivadas em atitudes de preservação e respeito à biodiversidade, estaremos difundindo uma concepção de educação em que o ser humano é parte da natureza e não seu dono e senhor absoluto. (TIRIBA, 2005).

Dialogando com (Tiriba 2005) reafirmamos o quanto é importante a criança ter esse contato com a natureza para que assim possam aprender a respeitar a natureza e seus elementos.

No que se refere ao abastecimento da água que chega até o CMEI, essa água é encanada e tratada pelo serviço municipal, a água tratada chega para toda a comunidade bem como a rede de esgoto.

As crianças matriculadas no CEI Vovó Teófila são oriundas da própria comunidade e das fazendas, sítios e comunidades vizinhas, sendo tradicionais ou quilombolas, e de assentamentos da reforma agrária, os quais trafegam no transporte escolar. Observamos que, desde pequenas, as crianças passam por várias situações problemas que dificultam o estar na escola de educação infantil, tais como: manutenção dos ônibus; nem sempre os mesmos atendem as condições necessárias para um transporte seguro de crianças pequenas; adequação ao clima, pois no período chuvoso aumenta a dificuldade para trafegar nas estradas pantaneiras, muitas vezes impedindo o acesso do ônibus. As crianças que moram mais próximo da instituição, elas juntamente com seus responsáveis, locomovem-se até o CMEI, utilizando a bicicleta, carro, moto com uso do capacete, alguns seguem a pé com seus responsáveis ou com irmãos mais velhos que estudam na escola ao lado. Algumas mães vêm a pé com seus bebês nos braços e outras mães vem de carro trazendo seus bebês no bebê conforto ou no colo de alguém da família.

Quanto ao transporte a gestora evidencia sua preocupação.

No transporte escolar existe uma grande preocupação por parte da escola e também dos pais, visto que, as crianças da educação infantil são transportadas juntamente com os alunos do ensino fundamental e médio. Em vários relatos dos familiares constam agressões dos estudantes mais velhos nos pequenos e estes familiares por muitas vezes tem medo de mandar os filhos pra creche por medo de eles se machucarem. Esses relatos foram realizados por várias famílias em um estudo na sala do educador que realizamos lá na comunidade Furna. Em relação às condições do transporte precisa melhorar bastante, mas tivemos avanços significativos. Atualmente, os ônibus não quebram com tanta frequência, as manutenções acontecem regularmente. (Rosiane Cândida da Silva, entrevista realizada dia 17.08.20).

Essa preocupação da gestora também é preocupação dos pais, pois todos prezam pela vida e segurança das crianças. A legislação federal não especifica a partir de qual distância mínima entre a residência do aluno e a escola deve ser ofertado o transporte escolar. Por outro lado, a criança e ao adolescente têm direito a estudar o mais próximo possível de sua residência, conforme se infere do artigo 4º da Lei 9394/1996. Cabe destaque que a modalidade da educação infantil, por atender crianças pequenas, deve ser fornecida, sempre que possível, próximo à residência da criança, evitando-se o deslocamento (BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n. 8069/1990, Art. 53).

Algumas crianças são atendidas na escola da sua comunidade como é a realidade das crianças da comunidade quilombola chumbo, outras crianças estudam nesta Instituição por ser a mais próxima da sua residência e outras estudam distante de suas casas e precisam utilizar o transporte. Então, para que se tenha segurança durante esse percurso do transporte da casa até à escola e vice-versa é importante que o poder público contrate o serviço de monitor para cuidar das crianças dentro do ônibus durante o percurso como estabelece a Meta 13 na estratégia 13.5 do Plano Municipal de Educação (PME-2015): “Garantir profissionais de educação na função de monitores no transporte escolar, auxiliando os motoristas e garantindo segurança aos estudantes”.

Nesse sentido a Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012 no Art. 30 diz que:

O transporte escolar quando for comprovadamente necessário, deverá considerar o Código Nacional de Trânsito, as distâncias de deslocamento, a acessibilidade, as condições de estradas e vias, as condições climáticas, o estado de conservação dos veículos utilizados e sua idade de uso, a melhor localização e as melhores possibilidades de trabalho pedagógico com padrão de qualidade.

Nossas crianças têm direito a educação pública e de qualidade bem como direito ao transporte escolar de qualidade com adaptações para atender as especificidades das crianças, e monitor para que elas tenham segurança e preserve as vidas.

De acordo com a gestora, as maiorias das famílias são de baixa renda, sobrevivendo de serviços informais que não geram uma renda fixa ou a garantia dos direitos trabalhistas como Carteira de Trabalho assinada, alguns trabalham em usinas nas outras cidades do estado ou em outros estados do Brasil, outros são funcionários públicos municipais ou estaduais, ou ainda, trabalham em fazendas e chácaras e/ou são pequenos produtores rurais.

O nível de escolaridade das famílias da comunidade escolar apresenta pais e mães analfabetos/as, têm aqueles que, com muita dificuldade, conseguem assinar o próprio nome, outra parte possui apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental, alguns incompletos e outros com anos finais do Ensino Fundamental completo, além de uma pequena parcela com Ensino Médio completo. A minoria são funcionários de carreira que possuem o nível superior.

A religião predominante pela maioria da comunidade escolar é de origem cristã católica e evangélica. Segundo as gestoras, “não se ouve falar em religiões de matriz africana, mesmo diante de todo trabalho que as duas instituições de ensino presentes na comunidade fazem, voltados para valorização da cultura afro-brasileira”. Ainda assim, segundo a

coordenadora “tem alguns pais, são poucos, mas há quem diga que algumas práticas das religiões de matriz africana é macumba”.⁸

Essa situação de religiosidade vivida na CEI Vovó Teófila é o reflexo da educação envenenada que foram passadas de geração para geração pelos pensadores e teóricos racistas cujos objetivos foram inferiorizar a cultura africana e afrodescendente brasileiro. Quanto ao modo de cultuar na religião de matriz africana e afrodescendente brasileiro, para o pensamento racista é ato profano, demonizado e criminoso. As práticas religiosas são julgadas como ações para fazer o mau, as entidades religiosas são denominadas diabólicas.

Desconstruir esse pensamento racista será um dever de todos e não será fácil porque, na sociedade, existe um legado de pessoas racistas, preconceituosas e intolerantes que continuam passando tais ideologias e sentimentos de ódio, raiva, aversão, repulsa e desprezo pelos religiosos de matrizes africanas e afros descendentes brasileiros.

Fica compreensível que a questão racial e religiosa permeia a vida de crianças, independentemente onde elas estejam crianças sofrem racismo, sofrem injúria racial, preconceito e intolerância religiosa. A questão da religiosidade precisa ser discutida e trabalhada na Instituição e na comunidade evitando assim atos preconceituosos e racistas. Esclarecer que a religião afro-brasileira é uma religião como as outras que merece respeito e principalmente desmistificar a palavra macumba de práticas demoníaca.

De acordo com as gestoras, a equipe vem incluindo na matriz curricular do CEI Vovó Teófila a história da África de acordo com a lei 10639/2003 e a historicidade cultural da comunidade que, segundo elas “há alguns anos foi se perdendo pela geração atual”. Neste sentido, estão incluindo as estórias, lendas locais, brincadeiras de rodas, cantigas, brincadeiras tradicionais, vocabulários e dizeres, dentre muitos elementos culturais que “se perderam por não ter sido repassado de pais para filhos”. Para isso, contam com a ajuda dos anciãos da comunidade: Sr. Juca, Sr. Sebastião, Dona Gonçalina, Dona Ana, Sr. Benedito e outros.

Esta escola de educação infantil, por meio dos fazeres e saberes de seus professores, professoras e profissionais de apoio escolar, na voz da equipe gestora, demonstram que “tem orgulho de dizer que são quilombolas, que lutam pelo resgate e valorização da cultura afro-brasileira e que fazem o possível para manter suas tradições”.

⁸Macumba, de acordo com Dicionário online de português dicio: [Antigo], tipo de instrumento de percussão africano.

Macumba é uma espécie de árvore africana e também um instrumento musical.

Nome genérico de cultos afro-brasileiros.

<https://www.dicio.com.br/macumba/>

Nas próximas linhas apresentamos registros da “entrevista com a diretora” (Dia 17.08.20, via WhatsApp), onde ela destaca importantes informações a respeito da educação infantil ofertada nesta comunidade quilombola, localizada em região pantaneira do Estado de Mato Grosso.

A atual diretora da CEI Vovó Teófila, a Sra. Rosiane Cândida da Silva tem 32 anos de idade, é formada em Gestão Pública, porém assumiu por concurso público o cargo de “vigilante noturno” e foi eleita “Diretora Escolar” para mandato no período de 2018 à 2019. Ela explica detalhadamente que:

Em 2017 a portaria da Secretaria Municipal de Educação estabelecia alguns critérios para se inscrever para o cargo de diretora, me lembro que exigia professor pedagogo, caso não havendo ai abria para professores de outras áreas e por último abria para funcionários da educação com nível superior, e foi neste critério que eu pude me inscrever, visto que não havia professores que quisessem se inscrever, então eu funcionária AAE (Apoio Administrativo Escolar) com nível superior me inscrevi e segui para etapa da prova escrita. Fui aprovada e obtive a nota acima da média exigida e fui para etapa final a eleição, fui eleita com aceitação da comunidade escolar. Estou no segundo mandato, desta vez houve mudanças nos critérios para que acontecessem eleições nas Instituições, foi por número de alunos e no primeiro momento a nossa Creche ficou de fora do processo de eleição porque não tínhamos o número solicitado. Então, dias depois abriu-se uma nova inscrição e já era possível a eleição para nossa Instituição, no entanto não houve professores interessados em se inscrever com isso a Secretaria Municipal de Educação me fez o convite para continuar como gestora, após muito pensar aceitei mais esse desafio e propus trabalhar muito mais pelas nossas crianças e pela melhoria na educação infantil. (Rosiane Cândida da Silva, entrevista realizada dia 17.08.20).

Quanto à organização e atendimento das crianças, a diretora afirma que “para fazer a matrícula basta que os pais procurem a instituição, pois a instituição não adota critérios de matrícula”, pois considera como legalmente constituída a educação infantil como direito das crianças. Entretanto, pondera que “as vezes acontece de atendermos mais crianças do que estabelecido no PME, isso para não deixar a criança sem atendimento”. E quando isso acontece “conversamos com os pais e comunicamos a Secretaria Municipal de Educação para que aumente o número de profissional na turma”. Atualmente, o CEI consegue atender toda a

demanda de matrículas existente na comunidade, qual seja: 128 crianças, assim distribuídas por turmas como veremos no quadro abaixo:

Quadro 5 - Número de Crianças por Turma na sede.

Turmas	Número de crianças por turma/2020
Berçário integral/Maternal I	17
Maternal II (matutino)	17
Maternal II (vespertino)	16
Pré I (matutino)	18
Pré I (vespertino)	17
Pré II (matutino)	23
Pré II (vespertino)	20
Total	128

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com registros liberados pela Secretaria do CEI-maio 2020.

De acordo com as informações do quadro 5, o CEI Vovó Teófila atendeu em 2020 um total de 128 crianças oriundas de diversas comunidades e que utilizaram vários tipos de transporte, no entanto o que prevalece é o uso do transporte escolar, veja no quadro abaixo as comunidades que as crianças moram e quantos quilômetros elas percorrem para chegar até ao Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.

Quadro 6 - Demonstrativo de locais de residência das crianças que estudam na sede do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.

Local	Número de Crianças	de Distância aproximada entre a Comunidade ao Centro de Educação Infantil Vovó Teófila
1-Comunidade Local Quilombo Chumbo	69	-
2-Comunidade Quilombola os Cágados	10	12,5 km
3-Assentamento Campo Limpo I	04	49,35 km
4-Assentamento Campo Limpo II	05	51 km
5-Assentamento Favo de Mel	04	46 km
6-Comunidade Saloba	03	12 km
7-Comunidade Quilombola Campina de Pedra	02	21,75 km
8-Comunidade Quilombola Jejum	04	11,75 km
9-Comunidade Água Vermelha	03	31 km
10-Assentamento Furnas I	03	67 km
11-Assentamento Furnas II	04	51 km
12-Fazenda 3 M	02	28,90 km
13-Comunidade Zé Alves	03	20 km
14-Assentamento Cavallo Branco	02	47,25 km
15-Comunidade Alegre	03	14 km
16-Comunidade Figueira	03	49 km
17-Comunidade Santa Helena	03	12 km
18- Zona Urbana	01	40 km
TOTAL	128	

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora - 2020.

Acima já foi mencionado dos profissionais da Instituição e da comunidade escolar quanto a preocupação das crianças no transporte escolar quanto a segurança pois o motorista conduz o transporte com várias funções, a de dirigir, monitorar e cuidar as crianças, isso

diminui sua atenção na estrada o que pode acarretar um acidente, visto que sai muito cedo tanto motorista como as crianças que percorrem longas distancias para chegar até á escola infantil.

Essa preocupação da comunidade escolar quanto a falta do monitor nos ônibus escolares principalmente no meio rural, é uma realidade que precisa ser resolvida como forma de segurança e preservação das vidas das crianças e adolescentes que necessitam utilizar o transporte escolar.

Em continuidade as respostas da entrevista com a diretora, no que tange a participação da comunidade e da família na gestão da escola. *Ela diz que estes “na medida do possível têm uma participação regular nas reuniões e atividades realizadas pela Instituição”. Informa que os pais participam do Conselho Deliberativo da Escola com representatividade. Neste período de Pandemia causado pelo Covid19 os pais tiveram boa participação na Instituição, “não conseguimos atingir 100%, mas 75% com certeza, onde os mesmos compareciam à “creche” para retirar as “apostilas”⁹ para seus filhos/as, isso estabelecido de 15 em 15 dias, com devolutiva mensal”. Alguns compareciam para participar e alguma reunião presencial ou até para perguntar se estava tudo bem.*

Quanto a retirada das atividades estes poderiam ser feitos pelos pais, responsáveis, tios, tias, irmãos mais velhos. Além das apostilas impressas, as atividades também eram enviadas pelo grupo de WhatsApp “para que assim pudéssemos fazer com que o conhecimento chegasse para um maior número de crianças. Infelizmente, não foi possível atingirmos 100% de entrega de todas as apostilas produzidas”. Em cada mês eram produzidas 2 “apostilas”, “mesmo diante de várias dificuldades não deixamos crianças sem as atividades, pelo menos 1 apostila no mês elas receberam”. Para as crianças que moram mais distantes as atividades eram elaboradas em maior quantidade evitando que os pais estivessem presencialmente na Creche, prevenindo possível aglomeração e contaminação pelo vírus.

No que tange às especificidades do calendário da escola de educação infantil, a gestora menciona que:

o mesmo atende as necessidades da Instituição, visto que, a Secretaria Municipal de Educação acolheu a sugestão de elaborar um calendário diferenciado para as escolas do campo. “Nosso calendário tem início na terceira semana de março, logo que finaliza o período das chuvas, pois no período chuvoso fica impossibilitado o trafego do transporte escolar, devido atoleiro e pontes quebradas”. Então, iniciam as

⁹ Apostilas materiais que foram produzidas pelas professoras com “conteúdos” e atividades lúdicas para cada faixa etária, de acordo com planejamento anual, com a proposta pedagógica da Instituição e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

atividades letivas na terceira semana de março, com adesão de alguns sábados e concluem o ano letivo na primeira semana de dezembro. (Diretora: Rosiane Cândida da Silva, entrevista realizada dia 17.08.20).

No aspecto relativo às condições da estrutura física/manutenção e limpeza, ela destaca que:

A estrutura física precisa de uma ampliação, pois, a mesma não possui uma sala apropriada para as crianças do berçário. Também precisamos de uma biblioteca e um refeitório para atender as necessidades de nossas crianças. A manutenção e limpeza do espaço ocorrem regularmente com bons profissionais, dedicados e carinhosos com nossos pequenos. Quanto aos espaços externos temos um quintal grande a limpeza fica por conta dos garis, as árvores frutíferas, são podadas sempre que necessário e também temos um parquinho na parte externa na fundo da Instituição, que todos nós cuidamos da sua manutenção e quando precisa carpir o espaço esse é feito pelos garis. (Diretora: Rosiane Cândida da Silva, entrevista realizada dia 17.08.20).

No tocante ao Projeto Político Pedagógico da Instituição, a gestora argumenta que “A Instituição possui um PPP atualizado e impresso para o fácil acesso ao corpo funcional desta unidade”. Ao ser questionada quanto aos critérios de agrupamento das crianças e o número de turmas e de crianças em cada turma, esclarece que as turmas são agrupadas por idade.

No que diz respeito à organização das experiências com as crianças, mais precisamente, em relação à organização das atividades diárias relativas à existência de rotina planejada com as crianças, a gestora afirma que:

A rotina dá-se no início, na recepção e acolhimento no portão. Em seguida, um momento de socialização dos estudantes com os colegas, professores e funcionários, ora brincadeiras, ora dança e canto. Logo depois, café da manhã e na sequência os professores acompanham as crianças para suas respectivas salas para o encaminhamento das atividades. (Diretora: Rosiane Cândida da Silva, entrevista realizada dia 17.08.20).

Quanto aos materiais disponíveis para as crianças (de 0 a 3 e de 4 a 6 anos), ela explica que:

“temos: livros, jogos pedagógicos, legos, brinquedos”. Em se tratando sobre o uso dos espaços internos e externos da escola, explicita que “os professores preparam atividades externas como: aula campo dentro da própria comunidade; visitas nas residências dos anciãos; faz piquenique; brincadeiras no parque; jogos na quadra poliesportiva; brincam no pátio e também dentro das salas”.

(Diretora: Rosiane Cândida da Silva, entrevista realizada dia 17.08.20)

Em se tratando da organização do sono, banho e alimentação das crianças (de 0 a 3 e de 4 a 6 anos), explica que:

Os banhos das crianças ocorrem após o almoço. Em seguida, os professores organizam as crianças para o sono, colocam canções de ninar bem baixinho para que as crianças relaxem e em poucos minutos adormecem.

Quanto a alimentação as crianças recebem o café da manhã entre 07:15 e 07:30, o almoço inicia as 10h e termina antes das 11h.

O café da tarde é servido entre as 13:15 até as 13:30 e a janta com início às 15:30 e finaliza as 16h. São esses os horários aproximados, as vezes ocorre algum atraso ou antecipação. (Diretora: Rosiane Cândida da Silva, entrevista realizada dia 17.08.20)

Sobre a inclusão de crianças com deficiência, a gestora menciona “*nós tivemos poucos alunos especiais. Tem uns 3 anos que não recebemos crianças com deficiência. Mas, para o atendimento aos que tivemos conseguimos um auxiliar e a instituição tem adaptações no banheiro, na entrada e tem rampas*”.

É possível constatar mediante percepção da gestora escolar que existe a preocupação com o cumprimento das premissas legais que regem a educação Infantil no país e conseqüentemente na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Chumbo em Poconé-MT. Ou seja, a BNCC (2017), preconiza que a Educação Infantil, na perspectiva de uma etapa da Educação Básica, vem consolidando as concepções a ela vinculadas, do educar e cuidar, de maneira a evidenciar o elo entre o cuidar e o educar.

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BNCC, 2017. p. 34)

Somos sabedores de que em se tratando da Educação Infantil, por significativos anos, esta foi vinculada Assistência Social e muito recentemente ao iniciar sua inserção na Educação Básica, se vê diante de um ‘choque’ de paradigmas. Ou seja, a gestão das creches em muito se assemelha as práticas administrativas e pedagógicas das instituições escolares, o que incide na prática da gestão democrática e participativa, diversa da costumeiramente utilizada pela Assistência Social.

Diante do novo contexto de gestão, o papel do diretor, até então desenvolvido nas creches que tinha como essência o cuidado e o assistencialismo, vai aos poucos sendo ressignificado ao exigir que o/a gestor/a desenvolva sua função nas instituições infantis com base em peculiaridades educativas. Nesta direção, constitui-se tarefa do gestor/diretor:

[...] apropriar-se de profundo conhecimento de si próprio e da criança, dominar conhecimentos culturais e científicos, produzir uma visão crítica e política da realidade, gostar da criança e compreender sua forma lúdica e criativa de conhecer, além de desenvolver as capacidades de observação e reflexão, de articulação criativa

e dinâmica entre teoria e prática e de trabalho em equipe. (DIAS, 1997 apud GOMES, 2009, p. 51).

Podemos afirmar que se constitui um desafio para muitos gestores atuar mediante o desenvolvimento de uma ‘cultura de gestão’ que seja colegiada e participativa, de forma a imprimir os contornos próprios da Educação Infantil em especial nas mais diversas especificidades.

Observei que as gestoras, diretora e coordenadora, do CEI Vovó Teófila possuem conhecimentos das legislações vigentes, há respeito no cumprimento das normas e leis, preocupam-se com a formação continuada dos profissionais, com o processo de aprendizagem das crianças, com o cuidar e buscam uma gestão democrática apoiada no diálogo, no companheirismo com demais profissionais da Instituição, crianças, famílias e comunidade em geral.

Abaixo segue quadro demonstrativo dos profissionais que trabalharam na Instituição em 2020.

Quadro 7 - Demonstrativo de Profissionais do quadro de 2020 no Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.

Profissionais do CEI Vovó Teófila ano 2020

Função	Quantidade	Habilitação	Comunidade que reside
Diretora	01	Gestão Pública	Comunidade do Chumbo
Coordenadora Pedagógica	01	Pedagogia	Comunidade do Chumbo
Professoras	08	Pedagogia	5 Comunidade do Chumbo 1 Comunidade Tradicional Santa Helena 1 Comunidade Quilombola Cágados 1 Assentamento
Estagiária	03	Cursando Pedagogia	1 Comunidade do Chumbo 2 Poconé
Tae Merendeira	01	Pedagogia	Comunidade do Chumbo
Tae Limpeza	02	Pedagogia	1 Comunidade tradicional Santa Helena 1 Comunidade do chumbo
Técnica Administrativo	01	Pedagogia	1 Comunidade do Chumbo
Vigia	02	Ensino Médio	2 Comunidade do Chumbo

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora/Março2020.

No total de 13 funcionários efetivos, 2 professoras e 1 funcionária da limpeza são contratadas temporariamente e 03 estagiárias são prestadoras de serviço pela empresa terceirizada. É importante registrar que todas as professoras possuem Licenciatura Plena em Pedagogia.

Imagem 13 - Profissionais da Educação do CEI Vovó Teófila /2020.



Fonte: Imagem arquivo da pesquisadora-março de 2020.

3.3 A Formação Continuada das Profissionais da Educação do CEI “Vovó Teófila”

Sobre a formação continuada dos professores e das professoras Nóvoa (1999) defende uma formação não mais como uma reciclagem, mas uma qualificação para as novas funções da escola e do professor. Dessa forma, a formação precisa trabalhar com ideias autônomas em um processo de constante desenvolvimento profissional. Acrescenta-se ainda que a formação continuada das professoras deve oportunizar o aprofundamento de conhecimentos e o acesso a novos conceitos, que de fato amplie a situação de análise do ensino e venha a contribuir com o desenvolvimento do profissional e da instituição em que este se encontra inserido, pois a escola é o espaço onde as pessoas, individual e coletivamente, interagem com o mundo do conhecimento para conhecer o mundo, é espaço de interação professor/criança, criança/professor e interação com outras pessoas da escola. O professor, a professora serão mediadores das aprendizagens.

Nesse sentido, a escola é um espaço de formação continuada cujos objetos de formação e, por conseguinte, de aprendizagem, surgem das relações que acontecem no próprio cotidiano e a formação continuada das professoras, passa a ser considerada como uma ferramenta que auxilia os educadores no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos.

No dia 07 de março, um sábado letivo, aconteceu a primeira reunião pedagógica do ano letivo de 2020. A pauta da reunião consistia em dialogar sobre a formação continuada dos profissionais do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila, discutir sobre a hora/atividade, planejamento e, na oportunidade, a coordenadora cedeu espaço à pesquisadora para apresentar o projeto de pesquisa.

De início foi feita a acolhida, a coordenadora pediu para rezarmos a oração do Pai Nosso¹⁰, pois é a oração universal, considerando que entre nós temos colega funcionária de outra religião, entre as professoras todas são católicas. Logo em seguida, a coordenadora me chamou à frente, me agradeceu por não esquecer esta Unidade Escolar, que serei sempre bem-vinda e me passou a fala. Então cumprimentei a todos e todas e iniciei minha fala contando um pouquinho da minha história com esta Comunidade, em especial, com esta Instituição e com a maioria dos profissionais que ali trabalham. Emocionei-me ao lembrar como era o trabalho pedagógico no início de 2013, quando se trabalhavam com livros adquiridos de uma empresa de Curitiba. O processo que passamos para deixar os livros e a trabalhar com uma nova proposta pedagógica, os projetos educacionais, onde buscamos fortalecer a formação continuada dos profissionais com encontros semanais e bimestrais com todos os profissionais da educação da rede municipal urbana e campo.

Lembrei ainda das nossas participações no MIEIB, das conversas com a Prof.^a Dr^a Jaqueline Pasuch, para que conseguíssemos avançar em busca da educação de qualidade para todos com respeito as suas especificidades. Expressei minha imensa alegria em estar no CEI como pesquisadora da educação infantil quilombola e ver o resultado da sementinha que aqui plantei em 2013 juntamente com algumas profissionais que aqui estão, estou vendo como a Instituição caminhou a passos largos e está desenvolvendo um belíssimo trabalho. Então parabeneizei a equipe gestora, as professoras e a todos os profissionais desta Instituição e passei a apresentar o projeto intitulado: A Educação Infantil das Crianças Pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo em Poconé-MT.

¹⁰ Todas as professoras são Católicas, no entanto uma das funcionárias do TAE é evangélica. Em respeito a diversidade religiosa se reza o Pai Nosso que é a oração universal.

Apresentei os objetivos do projeto de pesquisa, a metodologia período de realização, será realizada observação participativa, entrevistas, roda de conversas, conversamos sobre a ética na pesquisa, passando a segurança de que tudo que for visto, ouvido na Instituição não será utilizado sem que tenha a devida permissão.

Na sequência, apresentei os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e quem se dispuser em participar da pesquisa que assinasse o termo. Após assinarem agradei a disponibilidade de cada uma em colaborar e que quando tudo estiver finalizado e, com a defesa da dissertação, estarei entregando em mãos da equipe gestora um exemplar da devolutiva da pesquisa, esse é um compromisso que eu Prof^a Marileide e minha orientadora Prof^a Jaqueline Pasuch firmamos com a instituição.

Em seguida, a coordenadora Prof^a Jusiane mais uma vez me agradeceu por querer pesquisar o nosso chão, a nossa terra pantaneira e quilombola e que ficarão felizes em ter retorno da pesquisa, pois muitos que por aqui passaram pesquisaram, e não nos trouxeram cópia da dissertação e nunca mais apareceram.

Passando para outra pauta, a coordenadora fez leitura do texto: A importância da ética e do planejamento. Pediu para cada uma refletir sobre esses dois temas, em seguida, a gestora Rosiane Cândida, cumprimentou à todos presentes, falou dos desafios para este ano de 2020 e pediu para que cada funcionária, e professoras, ali presentes, fizessem uma reflexão sobre o que posso fazer para melhorar a relação interpessoal, melhorar nosso espaço, a prática pedagógica e a formação continuada dos profissionais. Após alguns minutos, cada profissional presente fez suas considerações, contribuíram com sugestões, às quais, foram anotadas.

Após o intervalo para almoço, retornamos ao trabalho e a coordenadora falou sobre os planejamentos, quando serão realizados, sobre a rotina a ser seguido por todos. Pediu para não ficarem presas a xérox, para usarem a criatividade, trabalhem com materiais recicláveis, com os recursos que a natureza nos oferece, com brinquedos, brincadeiras, e pediu para as professoras da pré-escola não ficarem preocupadas em alfabetizar as crianças, pois não é nossa função, elas serão alfabetizadas na escola no 1º ano. Pediu para que as professoras trabalhem e explorem os espaços internos e externos do CEI.

Apresentou o projeto “Educação, Diversidade e Cidadania”, este é o projeto mãe, que norteará nossas práticas pedagógicas. Em seguida, apresentou o subprojeto “Identidade e Autonomia”. Estes devem ser trabalhados através da sequência didática, não pode trabalhar

solto sem sentido, pois tudo tem que ter sentido na vida da criança. Apresentou também uma lista de histórias infantis africanas que serão trabalhadas com as crianças, pois devemos trabalhar sobre nossa identidade, nossa cultura, falar o que é ser quilombola. Pediu ainda para que todos tenham um olhar sensível para nossas crianças, pois temos uma diversidade grande dentro da nossa instituição, e faz-se importante valorizar os conhecimentos que nossas crianças trazem consigo.

A coordenadora falou ainda sobre as parcerias que estão buscando para realizar a formação continuada de 2020, a formação possivelmente acontecerá quinzenalmente sendo dois sábados no mês, com início às 07h30min e término às 16h30min, com intervalo de 1h para o almoço. Que a proposta de trabalho está voltada para o aperfeiçoamento da prática pedagógica do professor para que juntos possamos trabalhar buscando garantir sua identidade e autonomia bem como assegurar seus direitos de conhecer e interagir com os conhecimentos de modo integral sem sofrer fragmentações.

Logo após o diálogo sobre a formação continuada, as professoras sentaram para fazer o planejamento semanal e os trabalhos finalizaram às 16h30min.

Em entrevista realizada com a coordenadora pedagógica, prof^ª Jusiane Luiza de Lima, no dia 04/09, fiz as seguintes perguntas sobre a formação continuada:

Como acontece a formação continuada dos professores e demais profissionais/Periodicidade/Tema/Organização? Em resposta ela afirma que há um tempo nem se falava em formação continuada, raramente acontecia alguns encontros e sem continuidade, que a partir de 2010, tínhamos alguns encontros na secretaria de educação e trimestralmente formação de 2 ou 3 dias sobre organização da equipe pedagógica da empresa licitada para oferecer os livros. A partir de 2013, foi inserida uma nova forma de formação continuada, onde a coordenação da educação infantil da Secretaria Municipal de Educação se reunia com os gestores das Instituições e juntos buscavam as temáticas que vinham de encontro com a realidade de cada Instituição e depois nós gestores reuníamos com os professores e funcionários e concluíamos as temáticas.

A formação ficava sob responsabilidade da coordenadora pedagógica com apoio dos professores e funcionários na realização dos estudos, sendo o compartilhamento dos temas com acompanhamento da coordenação da educação infantil da SMEC. Os estudos aconteciam uma vez na semana com 2 horas de duração. Essas horas eram abatidas na hora atividade dos professores. E no final de cada bimestre aconteciam dois dias de encontros com palestrantes da área da educação.

A partir de 2018 a formação continuada continuou sendo realizado uma vez na semana e buscamos parcerias com outras instituições como Centro Burnier, que vem caminhando conosco há quase 3 anos, com palestras, oficinas, essa parceria vem dando certo. A coordenadora se emociona ao lembrar-se do que estava planejado para este ano de 2020 e não pôde acontecer.

Em seguida, foi feito o seguinte questionamento: a equipe gestora, professores e funcionários possuem conhecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e das Diretrizes da Educação Quilombola?

A Coordenadora afirma que sim, todos os profissionais conhecem essas Diretrizes. Inclusive já fizemos estudos e todos os anos retomamos as leituras, pois são essas diretrizes que norteiam nosso caminho pedagógico.

Ainda no dia 04/09, no período da manhã, continuando as entrevistas, foi a vez de entrevistar a diretora do CEI, Sr.^a Rosiane Cândida, foram realizadas as mesmas perguntas da coordenadora, onde de forma breve ela disse: *a Instituição realiza a formação continuada que contempla todos os profissionais do CEI Vovó Teófila, que para isso conta com parceria dos professores, funcionários, psicólogos, Centro Burnier e a SMEC. São realizados uma vez na semana sob a responsabilidade da coordenadora pedagógica e, juntamente com os professores, selecionam as temáticas e metodologia a ser aplicada.*

E quanto ao conhecimento Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e das Diretrizes da Educação Quilombola, todos os profissionais do CEI, possuem conhecimento e já estudaram essa temática na formação continuada.

3.4 Significações do processo de formação continuada no CEI “Vovó Teófila”

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.
(Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas).

Após ouvir a diretora e coordenadora, no dia 14 de outubro/2020 foi realizada entrevista via WhatsApp e Email, com as professoras e funcionárias, pois devido à pandemia tornou-se difícil para realização da entrevista presencialmente então, juntamente com a orientadora, criamos essa estratégia que nos ajudou a realizar a entrevista, no entanto tivemos pontos negativos como dificuldade no acesso à internet, contudo considerando todas as

dificuldades encontradas, no dia 22 de outubro era o prazo combinado para a devolutiva das entrevistas. Então, recebi o retorno de duas entrevistas de professoras e uma da merendeira. Cabe ressaltar que deixamos livre a participação onde elas poderiam responder ou não, felizmente tivemos retorno e assim, foi possível a transcrição das entrevistas. As questões sobre a formação continuada foram às seguintes.

1- Fale um pouco sobre a formação continuada dos professores e demais profissionais/Periodicidade/Tema/Organização.

2- Os professores e funcionários possuem conhecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e das Diretrizes da Educação Quilombola?

3- A comunidade escolar, os anciãos participam desse momento de formação na Instituição?

Em comum acordo com as professoras e funcionárias, adotamos um codinome relacionado a flora pantaneira para cada uma delas que será mencionado nas entrevistas.

A professora Ipê roxo, afirma: *Eu trabalhei muitos anos em uma escola multisseriada e lá eu só participava de alguns cursos quando era convidada pela Secretaria Municipal de Educação, eu me sentia muito sozinha, estuda por minha conta. Tem pouco tempo que estou compondo o quadro do CEI Vovó Teófila e já consigo sentir a diferença na minha prática pedagógica devido à formação continuada que é oferecida aqui para nós.*

A nossa formação é muito boa, a coordenadora busca parcerias, traz profissionais de outras escolas, psicólogos e nós professoras fazemos grupo de estudos e apresentamos para os demais participantes. Os temas a Secretaria de educação manda alguns como obrigatório e, os outros, nós professoras juntamente com a coordenadora e diretora escolhemos outros temas que vai nos ajudar na sala de aula e os encontros acontecem uma vez na semana, na maioria das vezes, acontece aos sábados. Eu gosto da metodologia adotada, me ajudou muito com o falar em público.

Sobre as Diretrizes Curriculares, nós temos conhecimento, e já estudamos na nossa formação continuada. A comunidade escolar e principalmente os anciãos participam sim de alguns encontros da formação continuada, são convidados para dialogar conosco, trabalham com oficinas nos ajuda com explicações que, depois, nós levamos para sala e trabalhamos com as crianças.

Na sequência segue respostas da professora Ipê branco. *Sou professora há mais de 20 anos, e mais de 90% desse tempo eu trabalhei em escolas multisseriadas, onde eu que fazia de tudo, limpeza, merenda e dar aula. Sempre senti a necessidade de fazer cursos formativos que me ajudassem na minha prática pedagógica. Antes, eu participava somente de alguns encontros que a secretaria promovia e convidava para participar, agora com o fechamento da escola que eu trabalhava então fui para o CEI Vovó Teófila, e encontrei pessoas companheiras que se preocupam com os professores e quer o melhor para nós.*

A responsável pela formação continuada é a coordenadora, no início do ano, a equipe gestora reuni com todos os profissionais e, juntos, selecionamos os temas para estudo e os encontros acontecem uma vez na semana. Quando acontece algum imprevisto ai nossa formação fica para cada 15 dias, aos sábados. Quero dizer também que muito já melhorei minha prática na sala, hoje, eu consigo refletir, voltar no antes e dizer que a formação continuada e o acompanhamento da coordenadora, nos ajuda a romper barreiras e a caminhar num outro caminho.

Antes nós trabalhávamos muito com livro, xerox, principalmente eu que ficava em uma escola sem coordenadora, hoje sou mais feliz com minha profissão, mudei a prática pedagógica, de livros agora trabalhamos com projetos onde nós interagimos e aprendemos com o outro e a criança participa mais das atividades.

Sobre as Diretrizes Curriculares, os professores e funcionários têm conhecimento das Diretrizes e fazemos estudo na formação continuada. Na formação continuada também acontece oficina, minicurso, é nesse momento que os anciãos são convidados para participar conosco. Por exemplo, quando estávamos trabalhando sobre as Ervas, Plantas e sementes medicinais, então estudamos as referências, depois a coordenadora convidou os anciãos seu Juca e a anciã dona Ana, para conversarem conosco sobre a importância dessas ervas e da prática de consumir remédios naturais, aprendemos a fazer alguns xaropes, e conhecemos muitas ervas e suas funções.

Na sequência, segue a entrevista com a funcionária Eliana, a mesma tem seu nome divulgado porque assim autorizou. A mesma declara:

Sou profissional da área 21, da nutrição escolar (merendeira), Trabalho nesta Creche há 17 anos e 11 meses. Foi a partir de 2013 que começou a formação continuada que incluiu todos os profissionais na mesma formação, antes nós da área 21 não participávamos junto dos professores. Agora está melhor, estudamos juntos, nesses momentos discutimos alguns problemas e juntos resolvemos. Eu particularmente gosto de participar da formação, aprendi muita coisa sobre a educação, ampliei meus conhecimentos. É a coordenadora que coordena a formação continuada, juntos

escolhemos os temas e os dias para nosso encontro. A formação é animada. Não fica só na leitura nós temos momentos da prática. Sobre as Diretrizes Curriculares nós já estudamos na formação, mais seria muito bom retomarmos as leituras dessas diretrizes. (Entrevista com Eliana, no dia 14 de outubro/2020).

Continua a servidora:

E sobre os anciãos eles são presença constante na nossa creche tanto para conversar com as crianças como para conversar conosco funcionários e professores. De acordo com os temas estudados na formação continuada aí a coordenadora e a diretora convidam alguns anciãos para participarem conosco ali. Eles explicam para nós sobre o assunto trabalhado, por exemplo, sobre a nossa cultura, comidas típicas, lendas, história da comunidade, plantas medicinais, trabalham oficinas. E assim nós aprendemos muito mais, os encontros são alegres não fica só em leitura. E a gente aprende. (Entrevista com Eliana, no dia 14 de outubro/2020).

É perceptível a alegria e contentamento das professoras quanto à organização da formação continuada e no resultado que vem trazendo para elas na sua prática pedagógica.

É importante que se tenha clareza de que a formação continuada é um processo a ser desenvolvida por toda a carreira docente, que vai sendo, aos poucos, construído e reconstruído, com o propósito de melhoria da prática e por consequência uma melhora da educação.

De acordo com Nóvoa (1992, p.13), a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimento ou de técnicas, mas assim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. A formação vai e vem, avança e recua, construindo-se num processo de relações ao saber e ao conhecimento.

Com esta base de formação ocorre o equilíbrio entre a formação teórica e prática onde o professor desenvolve sua autonomia.

Para Libâneo (2002, p. 42)

O professor deve ser visto, numa perspectiva que considera sua capacidade de decidir e de, confrontando suas ações cotidianas com as produções teóricas, rever suas práticas e as teorias que as informam, pesquisando a prática e produzindo novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar, assim as transformações das práticas docentes, só se efetivam na medida em que o professor amplia sua consciência sobre a própria prática, a da sala de aula e a da escola como um todo, o que pressupõe os conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade.

Contudo, a formação continuada no espaço escolar deve permitir ao professor, adquirir maior consciência das suas ações e amparado pela ciência, ampliar o seu nível de reflexão e

análise que o ajude a compreender os contextos socioculturais e históricos nos quais sua prática pedagógica está inserida.

Neste contexto que dialogamos sobre o conceito de autonomia segundo Freire (1996), como princípio pedagógico para uma educação libertadora e emancipadora. Educação essa que propicie as necessárias condições à professores e educandos no desenvolvimento de sua subjetividade, de representações de mundo, de construção e defesa de argumentos a partir de sua visão de mundo.

Segundo Altet:

A formação não pode mais consistir em uma modelização das tomadas de decisão, mas deve propor dispositivos variados e complementares que desenvolvam o saber-analisar, o saber - refletir, o saber justificar, através de um trabalho do professor sobre suas próprias práticas e experiências (ALTET, 2001, p.34).

De fato, a formação do professor não deve acontecer só por acontecer, para dizer que existe, mas para levá-lo a uma prática social crítica. A formação centralizada numa prática social na ação-reflexão-ação é algo que alimenta a tomada de consciência e de conhecimento por parte do educador. Dessa forma, o professor fará uma autorreflexão de suas ações e, se preciso, seguirá um novo caminhar em suas práticas pedagógicas e o encontro com o saber.

Para Charlot (2000.p.60), adquirir saber permite assegurar-se certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com os outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e assim tornar-se maior, mais seguro de si e mais independente.

De acordo com as três profissionais da instituição entrevistadas todas enfatizam a importância da formação continuada para mudança de suas práticas.

Ainda segundo Charlot (2000 p.78), a relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo com ele mesmo, com os outros. É relação com o mundo como conjunto de significados, mas, também como espaço de atividades e se inscreve no tempo.

Assim as professoras e funcionários vêm realizando e participando de estudos formativos em uma relação com o saber, na relação com o outro buscando refletir e qualificar sua prática pedagógica.

3.5 Significações do Projeto Político Pedagógico do CEI “Vovó Teófila”

O Projeto Político pedagógico (PPP) do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila está sendo reformulada, essa atualização acontece todos os anos. Tal proposta representa a síntese do pensamento administrativo-pedagógico institucional e retrata a trajetória que vem sendo percorrida pela comunidade escolar na consolidação do desejo de uma educação de qualidade.

O referido projeto tem um caráter propositivo, pois, definem concepções e princípios que estão coerentes com a legislação vigente do Plano Nacional de Educação, Plano Estadual de Educação, Plano Municipal de Educação, com a BNCC, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação, Diversidade e com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica e Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil do Campo.

Para a instituição infantil Vovó Teófila, o conceito de educar significa englobar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens sempre de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento da capacidade do ser enquanto indivíduo que vive em grupo com realidades culturais e sociais diferenciadas e auxiliar na ampliação do conhecimento no campo cognitivo, afetivo, emocional, expressão corporal, questões éticas etc.

As atividades de ensino são trabalhadas de forma interdisciplinar, através de projetos, seguindo as orientações conforme a BNCC - Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil, contemplando no Currículo os Direitos de Aprendizagem da criança que são: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se, tendo-a como protagonista na Construção do seu conhecimento.

São os projetos pedagógicos que norteiam a prática do professor em sala, o projeto gerador, “Educação, Diversidade e Cidadania”, e os subprojetos com temas significativos onde construímos conceitos de aprendizagens com as crianças e toda comunidade escolar, são eles: Identidade e Autonomia: quem sou eu, O desafio da educação especial: Educar e incluir, Projeto Meio Ambiente: a) Água Fonte de Vida, b) Mosquito Aedes Aegypti, c) Reciclagem, d) lixo, Folclore, Projeto Literatura Infantil: Nas Asas da Imaginação, Projeto Criança Feliz, Projeto Educação sem Preconceito Racial.

A meta é trabalhar de forma integrada com todos os colaboradores da escola voltada para uma educação libertadora e transformadora. Os trabalhos são desempenhados através dos conceitos do respeito mútuo, solidariedade, diálogo e cooperação.

A proposta de trabalho está voltada para o desenvolvimento integral da criança, garantindo sua identidade e autonomia, bem como, assegurar seus direitos de conhecer e interagir com os conhecimentos, de modo integral, sem sofrer fragmentações.

Outro aspecto importante a mencionar é que as duas instituições escolares presentes na Comunidade Quilombola Chumbo, o Centro de Educação Infantil Vovó Teófila e Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida se constituem em um ambiente de grandes devastações ambientais, devido muitos anos ter funcionado a Usina de Álcool, a comunidade e moradores perderam muito do que a natureza oferece. E recentemente, em algumas fazendas circunvizinhas estão com plantio de soja, e isto, com certeza, causou a extinção de muitas plantas nativas como, por exemplo: mangaveiras, cumbaru, marmelada, jatobá, cajuzinho do mato, e muitas plantas medicinais que eram usadas pelos antepassados como: arnica, avelã, mangava brava, calunga, dentre outras utilizadas para curar diversas doenças.

A usina de álcool (Alcoopan) está fechada há aproximadamente 07 anos e, com isso, deixou-se de plantar cana de açúcar e não foi feita uma recuperação do solo, do ambiente, ficou a degradação. Além disso, as nascentes e pequenos córregos que, antes possuíam águas em abundância, e que alimentavam os primeiros habitantes, que viviam da caça e da pesca, hoje, devido à degradação ambiental e exploração capitalista, desapareceram os animais e peixes. Os córregos também serviam para toda comunidade lavar suas roupas, iam pela manhã e voltavam à tarde, compartilhavam suas cantorias e colocavam a conversa em dia.

No PPP é nítido a preocupação com o meio ambiente e a relação da comunidade com o meio em que vive.

Outro fator muito questionado que aparece com muita ênfase no PPP é a questão do lixo, de acordo com moradores e a comunidade escolar falta sensibilidade e conscientização com os lixos produzidos na comunidade, há muita queimada no período da seca, não há a reciclagem e nem separação dos orgânicos, plásticos e outros. A coleta acontece uma vez por semana pelo caminhão, mesmo assim ainda fica muito lixo espalhado pelos arredores e ruas da comunidade.

Diante disso as duas Instituições de Ensino, em parceria, desenvolvem projetos sobre o meio ambiente, conscientizar para o cuidar e assim não perder o pouco que se tem. Outro

ponto de grande relevância no PPP, é a questão cultural, que assim concebemos ser uma produção histórica seja ela nas relações sociais e prática de um povo.

De acordo com Hall (2006), nos encontramos sempre imersos num processo cultural, onde a cultura não é uma questão natural, mas de ser, estar e intervir na sociedade e no mundo. Percebe-se que a questão cultural ganhou força no currículo que é praticado cotidianamente através dos projetos pedagógicos com auxílio dos anciãos da comunidade, eles não medem esforços para socializar os conhecimentos que herdaram de seus antepassados.

Os elementos significativos que em conjunto formam a educação infantil desta instituição estão presentes: nas músicas, cantigas, estórias locais, lendas, brincadeiras de roda, brincadeiras tradicionais, vocabulários, festas de santo, dança, culinária, plantas medicinais, instrumentos musicais e o zelo para com o meio ambiente.

De acordo com a coordenadora Prof^a Jusiane Lima, em entrevista no dia 03 de março, sobre a cultura, ela afirma que a nova geração sofreu nesse processo de mudanças resultantes do contato com outros grupos sociais, uma aculturação e, o que era próprio do lugar foi deixado de lado, pretendemos envolver no espaço escolar um ensino que agregue aos sujeitos, o reconhecimento do seu “eu”, sua história e tudo que nela se compõe, visto que, “a cultura gera um sentimento de pertencimento e se relaciona com valores, crenças e visões de mundo. Essa identidade cultural representa a memória do povo durante muitos séculos e varia conforme o tempo”.

No PPP, também descreve a situação do resgate cultural, da memória bem como descreve a Lei nº 10639/2003 e 11645/2008 que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana afro-brasileira e indígena. Com a prática dos projetos pedagógicos a questão da cultura afro-brasileira passou a ser trabalhada cotidianamente mudando uma prática de anos que era somente no dia da Consciência Negra. No que se refere a religiosidade afro-brasileira, este precisa ser discutido no PPP para que possam ser inserido no currículo da Instituição.

A proposta pedagógica esta alicerçada no trabalho com projetos, estes contemplam as temáticas identidade, meio ambiente e cultura, durante todo o ano letivo, finalizando com culminância dos trabalhos desenvolvidos, com amostras de penteados, danças e o desfile da beleza negra. Com isso, descontrói, descoloniza e ressignifica a criança negra, pois elas identificam-se com os conteúdos trabalhados.

Para tanto, sabemos que para essa ressignificação é extremamente necessário que o professor e a professora trabalhem esse pertencimento, diante disso, localizo e destacado no PPP como ponto fraco, que a instituição enfrenta alguns obstáculos, devido os professores efetivos que moram na cidade preferem trabalhar na cidade perto de casa, e não aceitam trabalhar nesta Instituição devido à distância, com isso, a maioria dos profissionais são de contrato temporário, o que acaba atrapalhando o desenvolvimento do trabalho pedagógico, acaba acontecendo um rodízio de funcionário e muitos não tem o perfil para trabalhar em comunidade quilombola e, muitas vezes, acabam desconstruindo todo um trabalho desenvolvido. Essa realidade já vem mudando, pois no quadro de profissionais de 2020 já não apresenta número alto de professores contratados a maioria são efetivos e residem na comunidade local e nas comunidades vizinhas.

Outro ponto fraco é no PPP não mencionar sobre a religiosidade afro-brasileira, como determina a Lei nº 10.639/2003, as escolas brasileiras devem inserir no currículo escolar o ensino da cultura afro-brasileira (danças, músicas, culinária, religiosidade e sua história), percebe-se que no currículo praticado a religiosidade afro-brasileira não é abordado. É preciso trazer essa discussão para dentro da Instituição e com a comunidade escolar.

Na CEI Vovó Teófila atende crianças de diferentes lugares comunitários, de diversas cores e raças. E neste espaço as práticas religiosas católicas e evangélicas estão sendo evidenciadas, ficando como superior a outras religiões. Percebe-se que as profissionais desta instituição ainda não perceberam que no CEI pode haver crianças de famílias que praticam outras religiões como as afro-brasileiras. Segundo Moura (2008, p.66), “as crianças estão presentes em todas as tarefas comunitárias, do planejamento à execução e avaliação das atividades, sempre ao redor dos adultos, de ouvidos e olhos abertos, atentas, de uma maneira natural e descontraída”. Desse modo, quando uma criança é de família religiosa de matriz afro-brasileira e não ver sua religião se apresentar em situações cotidianas em que ela está inserida, então ela aos poucos vai matando sua identidade religiosa. Para que isso não aconteça às escolas precisam ser laicas, onde uma religião não sobreponha à outra.

Para o ano de 2020, a comunidade escolar buscou junto à Secretaria Municipal de Educação e Conselho Municipal de Educação, que amarrasse nas portarias de seletivo para contratação temporária, critérios para que o profissional contasse ponto nesta instituição quilombola. Diante disso ficaram no CEI professoras efetivas e contratadas que residem na comunidade, preferencialmente sendo quilombola e depois aqueles (as) que não são quilombolas, mas que residem na comunidade local ou nas proximidades.

4. A Educação Infantil das crianças pantaneiras quilombolas no Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (BRASIL, CNE, 2012, p.6).

O atendimento em creches e pré-escolas como um direito das crianças se concretiza na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação, processo que teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação.

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, na qual se realizam práticas de cuidar e educar de maneira indissociável, é um direito das crianças, dos povos quilombolas e obrigação de oferta pelo poder público para as crianças de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos, que deve ser garantida e realizada mediante o respeito às formas específicas de viver a infância, a identidade étnico-racial e as vivências socioculturais. (CNE/CEB nº 08/11/2012).

Esta escola de Educação Infantil está inserida em território quilombola e recebe crianças de outras comunidades quilombolas, das fazendas, morrarias, comunidades tradicionais e assentamentos.

Para iniciarmos nossa conversa sobre a observação participante, compartilhamos abaixo esta linda imagem de uma mulher negra que está fixado na entrada do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila. Esta imagem nos mostra que nesta Instituição existe um trabalho voltado para a identidade quilombola.

Veja a imagem:

Imagem 14 - Mulher Negra e Bonecas de Pano Abayomi confeccionadas pelas professoras e crianças do CEI Vovó Teófila.



Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora-fev/2020.

Agora vamos mergulhar na observação participante e conhecer um pouco das práticas pedagógicas realizadas no Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.

A etapa da observação participante foi extremamente importante, pois me proporcionou ricas experiências no cotidiano da instituição, onde foi possível compreender e identificar elementos e aspectos significativos que estão presentes na educação infantil ofertada às crianças oriundas de diversos lugares, próximos e distantes. Nesta etapa das observações, o foco também foi observar os seguintes aspectos que estão mencionados como objetivos desta pesquisa:

Compreender as significações das relações pedagógicas específicas ao desenvolvimento da constituição da identidade coletiva pantaneira/quilombola das crianças matriculadas em um Centro de Educação Infantil.

- Observar as interações das crianças entre si e das crianças com os adultos na Instituição de Educação Infantil em estudo;
- Observar e compreender os modos de vida pantaneiro/quilombolas das crianças na comunidade quilombola do chumbo;
- Observar e identificar nas práticas pedagógicas as ações específicas relacionadas ao processo da constituição da identidade infantil pantaneira /quilombola;
- Observar e entender como tem sido inseridas as questões culturais e educacionais junto às crianças no cotidiano escolar;

Sendo assim, a partir das observações, caracterizar as significações da Educação Infantil das crianças pantaneiras/quilombolas na Comunidade do Chumbo.

As ferramentas necessárias para o registro das informações obtidas foram organizadas em duas etapas, sendo a primeira observação do período de adaptação/inserção das crianças na Instituição e a segunda etapa a observação no espaço de referência das turmas, atividades cotidianas, as práticas pedagógicas desenvolvidas dentro e fora do espaço de educação infantil.

4.1 Período de Adaptação: a inserção das crianças na Instituição

Partimos do pressuposto da RedSig que compreende que o período de adaptação/inserção da criança pequena na instituição de educação infantil acontece desde o primeiro contato que a família e a criança têm com a instituição. Segundo Rossetti –Ferreira (et al., 2009, p.53), a adaptação das crianças precisa ser “cuidadosamente planejada para promover a confiança e o conhecimento mútuo, favorecendo o estabelecimento de vínculos afetivos entre as crianças, as famílias e os educadores”.

Com muita alegria e com olhar cuidadoso iniciei a observação a partir dos primeiros dias de aula também conhecido como período de adaptação. No dia 17 de fevereiro, início do ano letivo, saí de casa por volta das 06h15min e com alegria transparente no rosto, peguei o carro e, em companhia de uma boa música, segui pela estrada, percorri aproximadamente 40 quilômetros para chegar até o CEI Vovó Teófila, nesse percurso, passei por várias fazendas, sítios, comunidades e vi algumas crianças aguardando o ônibus para irem à escola e ao Centro de Educação Infantil.

Muitas dessas crianças estavam iniciando, agora, tecer os primeiros fios de sua vida escolar. Após 35 minutos aproximadamente, cheguei ao local e logo procurei a equipe gestora, a qual me apresentou como pesquisadora para as demais funcionárias. Fui muito bem acolhida nesse espaço onde se encontra pessoas queridas que, há alguns anos, tivemos a oportunidade de trabalhar juntas e de pensarmos uma política diferenciada para a educação infantil do/no campo nas suas especificidades.

Após uma longa conversa com a coordenadora, retirei-me da sala da coordenação e fiquei no pátio observando as crianças que ali estavam, umas brincando e outras comendo,

visualizei também alguns símbolos da cultura pantaneira e quilombola, a viola de cocho, o ganzá, um chapéu de palha, quadro com fotos de crianças, professores, anciãos dançando siriri, fixados na parede, tinha também um painel com uma linda mulher negra com roupas floridas, com um pote na cabeça ao lado onde estava escrito “sejam bem-vindos”.

No que diz respeito aos pátios dos espaços educativos, Barros (2018), menciona que:

E, assim, os pátios escolares vêm resistindo como lugares de socialização, de troca, de convívio, bem como de experimentação e exploração, sendo redutos da circulação de saberes, hábitos, costumes, rituais e brincadeiras que fazem parte da cultura da infância e que têm sido transmitidas entre pares por gerações. (BARROS, 2018, p.21).

Faria (2011), complementa a ideia ao afirmar que:

“Se para os educadores o lócus central do processo educativo é a sala de aula, para os estudantes é o pátio. Pois é lá que eles praticam e atualizam o motivo principal que os faz estarem ali, na escola: o encontro com o outro, com os outros” (FARIA, 2011, p. 21).

Neste primeiro dia os bebês e as crianças ficaram só no pátio na parte da frente, ali elas brincaram bastante, os bebês nem dormiram. A partir as 09h30min receberam o lanche e a partir das 10h00min já podiam ir para casa com seus respectivos responsáveis. Ali fiquei até ver todas as crianças do período matutino irem para casa depois me retirei para voltar no dia seguinte.

No período de 18 a 21/02/2020, estive presente no CEI nos dois períodos chegando cedo, aproximadamente, as 06h30min e retornando para casa às 17h00min no mesmo horário das crianças. Dia 18/02 cheguei ao CEI, por volta das 06h30min. Neste horário, estavam às funcionárias que fazem a limpeza e a merenda, senti uma tristeza era um silêncio absoluto. E de repente começam a chegar às professoras, a coordenadora, a diretora, chegaram também às primeiras crianças aquelas que vêm de ônibus e, aos poucos, este espaço começa a ficar alegre.

Fiquei atenta a chegada dos ônibus. Aproximadamente, as 06h40min começam a chegar o ônibus amarelinho, ônibus terceirizado e a Van. Assim que chegou o primeiro ônibus, fiz questão de adentrá-lo e ver como estavam as crianças, elas todas sentadinhas nos bancos de tamanho normal, apesar de se levantarem muito cedo, de terem percorrido mais de 05 quilômetros, em seus rostos não vi sinais de sono nem cansaço, vi sorrisos de contentamento, esperançosos e muita alegria.

O motorista deste ônibus é muito cuidadoso. Ele desceu do ônibus, ficou no chão para descer as crianças nos braços e as entregou para a diretora Rosiane que estava no portão para acolhê-las e, em seguida, foram direcionadas pela secretária até as salas de referência, onde as professoras as recebem com um forte abraço, as crianças guardam as mochilas, sentam-se e cada criança fica a vontade para pegar o brinquedo que quiser. Brincam até que cheguem os demais colegas aqueles que moram mais perto do CEI. Essas crianças que moram perto da comunidade vêm de carro, de moto, bicicleta, a pé, os bebês vêm nos braços da mamãe essas chegam por volta das 07h10min.

No período da tarde, os ônibus utilizados são 01 ônibus amarelinho e 01 ônibus terceirizado. Eles começam a chegar aproximadamente às 12h30min e saem para retorno a partir da 16h:40min.

Nos dois períodos de funcionamento, todas as crianças são recebidas no portão, encaminhadas para sala de referência e, as 07h20min ou 13h20min, todas retornam para o pátio, fazem oração em agradecimento pelo alimento, cantam a música meu lanchinho e deliciam do café da manhã ou lanche da tarde. Após esse momento, as crianças ficam no pátio, tem momento do brincar livre que leva em torno de uns 20 minutos. Logo após, já de forma direcionada, elas se sentam em roda e aguardam a coordenadora Prof^a Jusiane ou outra professora que, de acordo com a escala, coordena esse momento lúdico em coletivo. Traz um bom livro, e brincadeiras legais. Esses momentos são planejados e desenvolvidos pela coordenadora juntamente com as professoras. Depois desse momento, todas caminham para sala de referência onde seguem suas rotinas.

Nesta primeira semana, utilizaram-se muito os espaços externos, às salas de referências, realizou-se diferentes atividades no pátio e fora do espaço escolar, às crianças ficaram pouco tempo na sala de referência. Para Tiriba (2018, p.05), nas salas as crianças ficam emparedadas e, nos pátios, as crianças poderão exercitar a democracia, às sociedades sustentáveis e democráticas, em conexão com a natureza, livres em sua movimentação, potentes na alegria de brincar, criar e revolucionar. Elas têm verdadeiro fascínio pelos espaços externos. Conforme Ferreira (2014, p 92), “o brincar é uma ação que está associada a imitações da vida cotidiana e, às vezes, com o brincar com outros animais que [...] e com brinquedos industrializados, como as bonecas e os carrinhos”.

De fato, é perceptível nas crianças a alegria do brincar nos espaços externos onde elas exploram os espaços e aumentam sua autonomia. Tiriba (2018) enfatiza que os pátios

escolares surgem como espaços privilegiados para fazer da escola um lugar de viver a infância.

Por isso, em nossas escolas se faz necessário à exploração desse espaço tão importante para o desenvolvimento da criança e para que elas, de fato, possam ser crianças.

Nesse sentido Pasuch (2005), contribui afirmando que o sentido de ser criança na escola é “criançar” e o sentido de fazer escola é (re)inventar e (re)criar os fazeres e saberes cotidianamente, conforme expresso no resumo de sua tese.

As crianças do CEI Vovó Teófila, são crianças alegres, espontâneas que sabem explorar seus espaços e viverem suas infâncias com ricas experiências e encantamentos. O pouco tempo que as crianças ficaram na sala de referência, elas receberam um crachá com o nome. Esse foi utilizado por duas semanas como forma de auxiliar a professora e demais profissionais na identificação da criança. Neste período, as crianças não tiveram contato com atividades escritas. Somente atividades lúdicas, organização dos combinados e rotina.

O horário do almoço é a partir das 09h40min, o jantar a partir das 15h30min. Às vezes, apresenta uns minutos de atraso e logo tudo se resolve. As refeições começam ser servidas por escala de idade começando pelos bebês, estes possuem idade superior a 4 meses, então recebem o mesmo alimento que as outras crianças, porém essa comida é amassada com colher, para que elas consigam se alimentar melhor. Nesse momento as professoras contam com auxílio da coordenadora e demais que possam ajudar atender cada bebê. Depois, são servidas as crianças de 2 e 3 anos e finaliza com o atendimento das turmas de 4 e 5 anos. Todas as crianças, após o almoço, tomam água e ficam mais uns 5 minutos por ali, sentados e não correm. Um dia perguntei para uma criança por que quando vocês almoçam ficam sentadinhos e não saem para correr e brincar? Ele me respondeu: - Tia olha, a senhora não sabe que, quando come, depois tem que se sentar ou deitar para a comida abaixar, senão você passa mal. Aí eu respondi: - Claro que sei, e achei isso interessante, pois são saberes que recebemos de nossos antepassados e as crianças estão recebendo esses conhecimentos e praticando. Logo depois, seguem com suas professoras para sala de referência.

O café da manhã e o lanche da tarde não tem obrigatoriedade de seguir um cardápio, o mesmo fica por conta da criatividade da funcionária Eliana que com muito amor prepara deliciosos bolos, bolachas, pão caseiro, suco natural, leite com achocolatado para servir nesse momento. A imagem abaixo nos mostra as crianças e professoras no pátio no momento do café da manhã.

Imagem 15 - Hora da refeição.



Fonte: Arquivo da pesquisadora-março de 2020.

O cardápio para almoço e jantar contemplam alimentos da região, o que facilita a aceitação desses alimentos considerando que elas já consomem esses alimentos em casa. Além da verba que é destinada para merenda escolar, a instituição também recebe doações de alimentos dos pais e amigos. As doações são de frutas e verduras de acordo com período da colheita. A imagem abaixo nos mostra a hora do almoço.

4.2 A hora do banho

Imagem 16 - Chuveiro que as crianças a partir de 3 anos utilizam para o banho.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Entre 11h00min às 11h30min acontece o banho para os bebês e as crianças que tem matrícula integral. As professoras e auxiliares fazem todo o preparo para que esse banho seja um momento importante e descontraído. A instituição dispõe de 4 banheiras para banho, e 3 chuveiros. O banho dos bebês e crianças pequenas até 2 aninhos é organizado em grupo de 4 crianças. Elas entram no banheiro nos braços da professora e auxiliares. Elas brincando falam chegou a hora do banho e os bebês ficam alegres, batem as perninhas, muito fofo isso.

As professoras colocam água na banheira, pegam o sabonete glicerinado e inicia-se o banho e a música também. “Vamos tomar banho para ficar bem cheirosinho ou bem cheirosinha. Lavar a cabecinha, lavar as orelhinhas” e assim vai falando e lavando cada parte do corpinho dos bebês. Em seguida, elas são enxutas e em seus espaços e referência as professoras vestem as roupas nelas. As crianças de 3 anos, em grupo de 2 crianças tomam banho no chuveiro com chuveirinho. As professoras, seguem o mesmo ritual, cantam a música do banho e juntas vão lavando as partes do corpo. Essas crianças por serem maiores, vestem as roupas no banheiro depois seguem para sala de referência.

Após o banho, os bebês e crianças ficam em suas salas de referências, todos com ar-condicionado ligados, ambiente fresquinho. No espaço dos bebês possuem 5 berços, mais 3 colchonetes, 1 televisão, 1 *micro system*. Assim que todos os bebês são vestidos, as professoras colocam música ambiente, deitam cada criança em um berço ou colchonete, desligam as luzes, em seguida, elas cantam várias vezes canções de ninar e logo os bebês vão dormindo e só acordam por volta das 13h15min.

As crianças maiores de 2 e 3 anos ficam juntas no mesmo espaço sala de referência número 2. Nesse espaço também tem ar-condicionado, 10 colchonetes e 1 *micro system*. As professoras colocam as músicas no volume baixinho, cantam canções de ninar para elas dormirem. Caso alguma criança não durma, esta fica em outro ambiente onde brinca, desenha pinta e quando sente vontade, sai caminhando pelo espaço do CEI. Esta rotina é praticada todos os dias.

Conforme Jane Felipe (In: CRAIDY; KAERCHER, 2007, p. 34) o sono não deve ser compreendido da mesma maneira para todas as crianças, cada faixa etária tem um tempo de sono e cada uma possui um ritmo próprio em relação às horas de sono que necessita durante seu período de descanso.

4.3 Atividades lúdicas realizadas nos espaços internos e externos durante o período de adaptação.

Neste período, a equipe gestora e professoras planejaram diversas atividades lúdicas que são realizadas nos espaços internos e externos da Instituição. Diante deste contexto do universo lúdico, a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo, aceita a existência dos outros, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos, desenvolvendo-se integralmente e aprende com o brincar.

Entende-se por ludicidade, as atividades livres com, as quais, a criança tem a possibilidade de escolher o que ela quer fazer. A ludicidade surgiu muito antes da cultura, Huizinga (1996, p. 03), afirma que “o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica”.

A ludicidade é a forma de a criança aprender, desenvolver e apropriar-se da cultura que a cerca de forma bastante prazerosa. Portanto, as atividades lúdicas nunca devem ser impostas, mas a criança precisa ter liberdade para escolher qual atividade ela queira participar e que desperte seu interesse. Muito se discute a ludicidade na educação infantil como um passatempo, como preencher horário. Contudo, foi possível perceber que as professoras planejaram cada atividade realizada durante essa semana, oferecendo opções diferenciadas de atividades lúdicas, para desenvolver a socialização entre as crianças/ crianças e crianças com as professoras.

De acordo com Ribeiro (2013, p.1), o lúdico é parte integrante do mundo infantil da vida de todo ser humano. O olhar sobre o lúdico não deve ser visto apenas como diversão, mas sim, de grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância. É por meio da ludicidade que a criança começa a expressar-se com maior facilidade, ouvir, respeitar e discordar de opiniões, exercendo sua liderança, e sendo liderados e compartilhando sua alegria de brincar de se movimentar.

Neste momento, recorro-me ao caderno de campo, nos meus registros para poder elencar essas atividades realizadas nos pátios do CEI: hora da historinha, recreação no parquinho, cantiga de roda, queimada, músicas infantis. Na sala de referência, nos poucos momentos que ali ficaram elas brincavam com brinquedos, carrinhos, bonecas, bolas, jogos de memória, atividade com pintura. Um fato importante é que não vi crianças assistindo televisão, elas gostam de brincar naturalmente, de explorar os espaços.

Para a criança, o brincar é uma forma de comunicação, que a criança poderá reproduzir seu cotidiano. O ato de brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança de forma prazerosa, facilita a construção da autonomia, da socialização e da criatividade.

O momento da contação de histórias era muito esperado. Tem uma música que a coordenadora Prof^a Jusiane canta para anunciar a historinha.

‘Está na hora da história e a minha cabeça começa a pensar! Como será? Como será? Essa história que eu vou escutar!’

As crianças vibravam, quando a Prof^a Jusiane apresentava os livros, algumas aplaudiam, outras se levantavam para ver as imagens de perto, era um silêncio total para ouvir o que a tia Josi estava contando e depois elas conseguiam recontar com detalhes a historinha ouvida.

Kaercher (In: CRAIDY & KAERCHER, 2001, p.81) afirma que: [...] o ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências, das quais, tomamos conhecimentos através do que os outros nos contam.

As brincadeiras de roda, muito animadas, as crianças seguiam a roda cantando, às vezes pulando e dançando tudo em ritmo de animação. Observei atentamente esse período de adaptação para ver a reação, sensação dos pais, das crianças e dos professores. Tudo ocorreu de forma tranquila, dentro do que consideramos normal.

Teve crianças chorando? Sim. Isso é normal, pois algumas delas estavam experienciando a primeira separação com os pais e ficar longe da mamãe e do papai não é fácil. Diante dos choros que ouvi, teve alguns que me chamaram atenção.

Uma criança chorava alto, queria se soltar dos braços da mãe. Ai a professora foi até a criança. Então, ela logo foi para o braço da professora, ou seja, ela chorava porque não queria ir embora, queria ficar na creche porque ali tinha brinquedos, outra que chorava muito, tinha aproximadamente 8 meses. Diante desta situação emocionei-me, porém, permaneci firme para não chorar ao ver uma criança inocente e tão triste. Ela havia perdido a mãe recentemente, então acontecia o óbvio, ela sentia saudade da mãe, saudade do peito, do carinho. E as professoras estavam fazendo de tudo para amenizar essa dor que ora a criança estava passando. Ela que nunca teve a presença do pai, separou-se dos irmãos, agora está sobre

responsabilidade de uma tia materna que reside na comunidade local e que precisa trabalhar então buscou apoio na creche e prontamente foi atendida.

Teve também algumas mães que ficavam até mais tarde no CEI, para observar o cenário e era perceptível vê-las saindo contente, pois seus filhos estão bem cuidados, sendo educados dentro de um ambiente seguro.

Nesta primeira semana de 17 a 21/02, todos os dias, após o café da manhã e lanche da tarde, aconteceu o momento para leitura deleite com lindas histórias que traziam mensagens educativas, paz, respeito, amor e união. Tiveram muitas brincadeiras, no parque, no pátio, no espaço da quadra, tudo pensado e planejado para elas e por elas, as crianças. Foi apresentado os brinquedos, o parquinho, a biblioteca, os livros e todas as dependências da escola que elas estudam. Aconteceram alguns momentos do brincar livre, contudo, percebe-se que as maiorias das brincadeiras realizadas foram de forma dirigidas.

O brincar livre e o brincar dirigido presentes no cotidiano das crianças como forma de divertimento e socialização das crianças.

No decorrer da semana, já, era possível perceber o desenvolvimento do vínculo afetivo entre a criança com os adultos presentes na Instituição e entre crianças com as crianças. Também foi conversado com as crianças de 2, 3, 4 e 5 anos de forma bem lúdica sobre regras, por exemplo: não pode morder o coleguinha. Se quiser fazer xixi ou cocô deve pedir para a professora levar até ao banheiro. Depois de brincar, ajudar a guardar os brinquedos, lavar as mãos antes e depois das refeições.

No dia 21 sexta-feira, a equipe gestora juntamente com as professoras organizaram um breve momento para conversarem sobre o carnaval que é uma tradição cultural do nosso país. Mostraram imagens, músicas, e também trouxeram informações da nossa cultura, dança do siriri com músicas alegres tão boas para dançar quanto às músicas do carnaval. Neste dia, o ancião sr. Juca foi convidado para tocar e cantar juntamente com a professora Vanda Rosa, aí tocaram a viola de cocho, o ganzá e bateram o mocho, com isso saiu o ritmo do siriri. E foi um lindo momento de divertimento com as crianças.

Foi muito lindo ver as professoras, funcionárias do apoio, equipe gestora e as crianças dançando no pátio, músicas da nossa cultura. Abaixo segue imagens desse momento cultural e de alegria e socialização.

Imagem 17 - Profª Vanda Rosa e o Ancião Sr. Juca Cantando Siriri.



Fonte: Arquivo da pesquisadora-2020.

Foi possível perceber o quanto esta semana foi pensada e planejada com muito carinho para proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para as crianças. Para muitas delas, até então, o seu lar era o único convívio social e, de repente, entram na educação infantil e passa a ter um mundo de possibilidades, interagindo com outras pessoas em um novo ambiente que é rico em conhecimentos.

Em se tratando das observações cotidianas, nos espaços de referências das crianças, de acordo com Rossetti-Ferreira, Amorim & Vitória (1996), (1997); Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira, (2000), os processos de desenvolvimento das pessoas encontram-se situados em contextos cultural e socialmente regulados são constituídos pelo ambiente físico e social, pela sua estrutura organizacional e econômica, sendo guiados por funções, regras, rotinas e horários específicos. Eles definem e são definidos pelo número e características das pessoas que os frequentam, sendo ainda marcados pela articulação da história geral e local, entrelaçadas com os objetivos atuais, com os sistemas de valores, as concepções e crenças prevalentes contribuindo para a construção das relações profissionais, pessoais, afetivas e de poder entre os seus participantes.

Sob a perspectiva da RedSig, os contextos não são considerados nem como pano de fundo onde se dão os processos de desenvolvimento, nem como fatores que impingem determinadas normas ou significações, as quais, as pessoas se tornam assujeitadas. Ao contrário, os contextos são compreendidos aqui a partir da noção de meio, como proposta por Wallon (1986), o qual tem, simultaneamente, duas funções: a de ambiente, contexto ou campo de aplicação de condutas ("milieu"); e a de condição, recurso, instrumento de

desenvolvimento ("moyen"). O meio social, o espaço de experiência da pessoa, representa assim um meio (instrumento, recurso) para seu desenvolvimento.

É nesse contexto que iremos abordar sobre o espaço físico, as rotinas, regras e interações que acontecem dentro desse espaço de referência. A partir da primeira semana de observação já foi possível perceber que a instituição realiza uma proposta pedagógica voltada para os projetos pedagógicos com ênfase na identidade, cultura e meio ambiente.

As observações nas salas de referências foram realizadas nos dias, 02, 03, 04, 05, 06, 09 e 16 de março de 2020 nas salas 2/3 anos e 5 anos nos períodos matutino e vespertino. Nas turmas do berçário e 4 anos não foi possível acontecer às observações participativas porque o CEI fechou portas devido a pandemia da corona vírus e para preservar as vidas das crianças, pais e funcionários. Foram 3 dias em cada turma, inserida nesse contexto das salas de referências, acompanhando e realizando a observação participativa, envolvendo-me nas atividades e brincadeiras, utilizei caderno de campo, celular para fotografar e gravar.

No dia 02/03/2020, a coordenadora Jusiane apresentou-me para as crianças do período matutino e vespertino, como Prof^a pesquisadora. Em uma grande roda, tive a oportunidade de conversar com elas, primeiramente, falei meu nome, disse que estive na Creche na semana passada, perguntei se alguém me viu? A maioria disse que sim, depois passei a falar sobre a pesquisa e que faria visitas nas suas salas. Mostrei meu caderno, onde farei as anotações, meu celular e expliquei que algumas vezes irei escrever no caderno, tirar fotos, gravar vídeos e também brincar. Em seguida, perguntei se elas gostariam de participar da pesquisa e todas elas disseram que sim. Eu, com muita alegria, de imediato agradei e recebi muitos abraços e beijos dessas crianças calorosas e queridas.

Em seguida, continuou a rotina. A Prof^a Jusiane convidou a todos para ficarmos em pé e cantarmos. Perguntou que dia é hoje? Todos juntos responderam: hoje é segunda-feira, então cantaram a música: Hoje é segunda-feira, que dia feliz quanta coisa bonita, o dia nos diz, Menino Jesus toma conta de mim, de mim, do papai, da mamãe, todos nós amém. Depois, cantaram a música, A Barata. Após cantarem, as crianças seguiram com suas professoras para sala de referência.

4.4 Vivenciando as práticas cotidianas na turma de 5 anos A/B matutino e vespertino

Perguntei por que vocês gostam de estudar aqui no Centro de educação Infantil Vovó Teófila? Ai o Antônio disse: estudar aqui na Creche? Eu disse sim! Por quê? Porque aqui é legal, aqui tem brinquedo, tem comida gostosa, têm muitos coleguinhas eu gosto muito daqui. Ai a Katielly completou dizendo, que as professoras são boas e aqui a gente conhece as letrinhas, aprende escrever o nome e respeitar os coleguinhas. (Roda de conversa realizada no dia 03/03/2020).

A turma de 5 anos A matutino, sala 2, possui 12 crianças e 01 professora que é Maria Virginia que mora na Comunidade Cágados. As crianças desta turma vêm das seguintes comunidades: Assentamento Campo Limpo I, Comunidade Chumbo, Assentamento Favo de Mel, Comunidade Saloba, Comunidade Quilombola Campinha de Pedra e Comunidade Quilombola Jujum. Veja imagens da turma de 5 anos A/B.

Imagem 18 - As Crianças da turma de 5 anos.



Fonte: Arquivo da pesquisadora foto tirada no dia 02/03/2020.

Após o lanche da manhã e das atividades direcionadas pela coordenadora no pátio é que as crianças chegam à sala de referência. Ao chegarem já tem uma rotina que começa se organizando para se sentarem na roda, cantar música e iniciar as atividades. Enquanto as crianças se organizavam na roda, eu fui fazendo os registros do espaço interno da sala, as mobílias que são todas adequadas para o tamanho delas.

Na parede tem alguns painéis, do alfabeto, aniversariantes, calendário, as palavras mágicas: obrigada, por favor, painel com números de 0 a 10. Também tem 01 armário para guardar materiais da professora e outro armário aberto para guardar os brinquedos que são organizados em uma caixa grande de papelão que fica na parte de baixo do armário. O caderno de planejamento da professora estava organizado e sobre a mesa, a professora me autorizou a olhar seu caderno, ele estava bem-organizado com objetivos claros.

O educador pode planejar e organizar um espaço infantil de tal modo que este seja coerente e não-contraditório com os seus objetivos. Se o educador descrever claramente seus objetivos para um determinado grupo de crianças, isso o auxiliará a verificar quais as atividades infantis que serão propostas para atingir aqueles objetivos, o que, então, lhe permitirá planejar a organização do espaço educacional para aquele grupo de crianças (ROSSETTI-FERREIRA, et al. 2004, p. 162).

A professora colocou o planejamento em prática e organizando o espaço. No meio da sala se sentaram e fizeram uma roda e, em voz alta, fizeram a oração do Anjo da Guarda. Em seguida, a professora passou para a hora da novidade, onde as crianças contam como foi o final de semana, a Lays disse: Eu fui passear na casa da vovó, lá, eu brinquei de casinha, de escolinha. Ai o Luiz disse: Eu fiquei no sítio mesmo e fui pescar com meu pai. Todas as crianças falaram um pouquinho. Algumas fantasiaram, criaram, viajaram falando que foram em determinados lugares. Outras disseram que só ficaram em casa e, assim, seguiu até todas falarem. Depois a professora convidou-as para cantarem e na hora da música não tem uma sequência a seguir, é tudo espontâneo, a criança que sabe uma música, ela puxa e outras acompanham, cantaram as músicas: O Sapo não Lava o Pé, na sequência, cantaram Pombinha Branca.

Aos poucos, foram retornando para roda e a professora passou para etapa seguinte que consistiu no estudo do calendário, perguntando o dia, mês, ano, nome da nossa cidade, nome da comunidade. Passou para leitura do alfabeto, de forma coletiva, com ênfase nas letras iniciais dos nomes das crianças. Depois, cada criança levantou-se, foi ao quadro e, de forma espontânea, escreve o seu nome.

Terminado esse primeiro momento, a professora introduz o tema da aula intitulado “Quem sou Eu”. Inicia por ela uma breve apresentação, sou Maria Virginia, tenho 45 anos, sou alta, tenho os cabelos pretos cacheados, moro na comunidade Cágados. Gosto muito de comer carne com banana verde, pequi com arroz, paçoca de carne seca e peixe. Ai, ela apresentou o espelho para as crianças e disse: agora cada criança vai se olhar no espelho e falar quem é você e como você é. Aí o Antônio se levantou, foi até o espelho e disse: Eu me chamo Antônio, tenho 05 anos. Meu cabelo é preto e curto. Meus olhos são pretos também. Depois, a Maria Clara olhou no espelho e disse: Sou Maria Clara, meus olhos e cabelos são meio marrons. O Davi disse: Sou meio marrom, meus olhos meio branco meio preto e meu corpo também e assim foi dando sequência até todos falarem. A professora disse: Todos nós somos lindos e lindas e temos que gostar de nós como somos. Agradecer a Deus pelo cabelo, pelos olhos, por tudo.

Depois, a professora passa para elas um papel escrito “Quem Sou Eu”, onde cada criança deveria desenhar como ela é. Algumas foram se sentar na cadeira, outras, preferiram ficar no chão e assim fizeram a atividade. Após terminarem, cada criança explicou seu desenho. Apareceram desenhos com cabelos azuis, verdes, pretos, amarelos, isso porque as crianças estão no processo de conhecimento das cores.

As 10h, as crianças começam a se organizar para o almoço, saíram em fila da sala, dirigiram-se até o banheiro para lavar as mãos e seguiram para o refeitório. Almoçam, terminando o almoço, elas aguardam uns 5 a 10 minutos por ali, tomam água, depois foram ao banheiro higienizam os dentes, as mãos, em seguida, retornam para sala de referência com a professora onde brincam com os brinquedos disponíveis ou criam uma brincadeira e, assim, vão brincando até que seus responsáveis chegam. As crianças guardaram os brinquedos que estavam brincando e seguiram para casa.

No período vespertino, eu estive presente na turma de 05 anos B que tem como referência o mesmo espaço dos 5 anos A. Esta turma possui 12 crianças. Destas, 11 são da Comunidade do Chumbo e 1 da comunidade dos Cágados. A professora também é a Maria Virginia. Às 12h30min, os ônibus começaram a chegar. Os motoristas descem as crianças e as encaminham para as professoras que estavam no portão que as encaminhou até a sala de referência para guardar as mochilas. Logo depois, elas retornaram para o pátio. As 13h20min, todas as crianças já estavam presentes, cantaram a música “Meu Lanchinho”. Após a música degustaram um delicioso bolo de fubá com suco de goiaba e em seguida fizeram uma grande roda e se sentaram no pátio e a querida tia Josi, toda contente, convidou as crianças para cantarem, veio uma criança e puxou a música “Sapo Cururu”.

Terminando essa música, veio outra criança até o microfone e disse: Vamos todos cantar a música do “Jacaré do Pantanal”. Esta música é muito divertida. As crianças cantam e imitam o jacaré, balançam o rabo e mergulham no rio imaginário para nadarem igual o jacaré que é um dos símbolos do nosso Pantanal Mato-grossense. Terminando esse momento, elas se organizam e seguiram até a sala de referência, seguem a rotina. Sentam-se na roda e com a professora, em voz alta, fizeram a oração do Santo Anjo do Senhor. Depois, a professora seguiu a metodologia da turma de 5 anos matutino, perguntou como foi o final de semana, vocês passearam? Todas as crianças falaram um pouquinho o que fizeram no final de semana, em seguida, elas cantaram a música o “Borboletão”.

Dando continuidade às atividades, a professora passou para o estudo do calendário perguntando o dia, mês, ano, nome da nossa cidade, nome da comunidade. Passou para leitura

do alfabeto de forma coletiva com ênfase nas letras iniciais dos nomes das crianças. Depois, cada criança levantou-se para ir ao quadro e, de forma espontânea, escreveu o seu nome.

Em continuidade, foi realizada a introdução do tema da aula “Quem Sou Eu”, iniciou por ela a apresentação e o menino Bruno deu continuidade, o Bruno disse: Eu sou o Bruno, tenho 5 anos, sou criança, gosto de jogar bola e moro aqui mesmo no Chumbo. Foi linda a apresentação do Bruno e de todas as crianças. Finalizando as apresentações, a professora entregou a elas um papel escrito “Quem Sou Eu”, onde cada criança deveria desenhar como ela é. As crianças se sentaram na cadeira colocaram as folhas sobre as mesas e fizeram a atividade.

Após terminarem, cada criança explicou seu desenho que ficaram uma obra de arte e, depois colocaram no varal pedagógico. As 15h50min, as crianças começam a se organizar para jantar, saíram da sala em fila, caminham até o banheiro, lavam as mãos e seguiram para o refeitório. O jantar foi arroz branco e carne com banana verde, que estava uma delícia e ouvi muitas crianças pedindo tia quero “repete”. A banana verde veio diretamente da roça, doado pela professora Maria Catarina. Terminando o jantar, as crianças ficaram ali por 5 minutos, tomaram água, seguiram para o banheiro para escovar os dentes e lavar as mãos. Em seguida, foram para sala de referência e terminaram de colocar as atividades no varal, brincaram e aguardaram seus responsáveis. Na saída, fui até ao pátio para ver de que transporte elas seguiam para casa. Algumas seguiram de ônibus, outras, de bicicleta, de moto, a pé, no braço da mamãe. As crianças despedem-se dizendo “Até amanhã”.

E no dia seguinte, 03/03, cheguei cedo ao CEI, observei as crianças chegando sendo recebidas pela coordenadora Prof^ª Jusiane. Terminando o café da manhã, as crianças se sentaram em roda no pátio e aguardaram a coordenadora, que cumprimentou as crianças e disse: Hoje, eu trouxe uma linda história para vocês e será preciso muita atenção. Quando ela disse isso, às crianças ficaram atentas querendo saber qual seria o livro. A tia Josi apresentou o livro “Ninguém é igual a ninguém” das autoras: Regina Otéro e Regina Rennó. Ela contou a história, mostrou as imagens e depois conversaram sobre o que ouviram.

A tia Jusiane disse que todos nós somos diferentes. Pediu para cada criança olhar para si e depois para o coleguinha. Disse ainda que precisamos respeitar as pessoas e que temos que nos amar como somos. Nesse momento, ela chamou a professora Maria Virginia e disse: Olhem aqui para nós e vejam se somos iguais, As crianças responderam: Não, vocês são diferentes. Ai o Bruno falou: uma tem o cabelo curto e outra o cabelo comprido. Tia Josi é

pequena e professora Maria é grande e todas as crianças conseguiram compreender a mensagem da história e respeitar os coleguinhas, a professora, a mamãe, o pai.

Em seguida, as professoras encaminharam suas turmas até as salas de referências, eu segui com a turma de 05 anos A, chegando à sala acomodei-me junto às crianças, acompanhei toda rotina inicial. Sentadas na roda, a professora cantou com as crianças a música: “A Casa” de Vinícius de Moraes.

Depois, fez a leitura deleite do livro “Os 3 Porquinhos”. As crianças ouviram atentamente. Em seguida, a professora fez algumas perguntas sobre a história, quem são os personagens principais? De que é feito a casa deles? E as crianças iam respondendo. Nessa sequência, foi inserido o tema da “aula” intitulado “Onde eu Moro”. Ela perguntou: os 3 porquinhos tinham moradia? E nós também temos nossa moradia, nossa casa. Por exemplo, eu sou Maria Virginia, moro na comunidade Cágados, minha casa é feita de tijolo, as paredes são pintadas de verde.

Assim, as crianças foram entendendo e cada uma ia falando na sequência. A Katielly disse: Eu moro lá no sítio e aqui no Chumbo também e minha casa é de tijolo e bem grandona. O Antônio disse: Eu moro no Assentamento Campo Limpo I e minha casa é de madeira e de tijolo e assim todas as crianças falaram, detalharam a casa e depois foram desenhar e pintar suas casas. Trabalharam a pintura com lápis de cor, giz de cera, algumas utilizaram tinta guache, pincel e as produções ficaram lindas.

Enquanto os desenhos pintados com tinta guache secavam, as crianças foram brincar na sala de referência. Nesse momento, aproximei-me e comecei a brincar com elas, aí formamos uma roda depois perguntei: vocês gostam de estudar aqui na Creche? Todas responderam que sim! A Katielly pediu para mexer no meu cabelo, eu deixei e seguimos conversando. Perguntei por que vocês gostam de estudar aqui no Centro de Educação Infantil Vovó Teófila? E elas foram respondendo, algumas disseram que na Creche tem muita coisa legal. Outros disseram que na Creche ensina ler e escrever, e que na Creche tem muitos brinquedos e coleguinhas.

Depois continuamos brincando de salão e, logo, a professora chamou para sentar-se na roda e cada criança pegou seu desenho, sentou-se na roda e a professora pediu para explicarem os desenhos. As crianças foram incentivadas para a autonomia, explicaram onde moram, dando detalhes de suas casas, se é de tijolo, de madeira, de adobo. Terminando as apresentações, às crianças juntamente com a professora foram colocar as atividades no varal. Às 10h:15min saíram para almoçar, o almoço foi carne com arroz, farofa de banana e feijão. É

comida típica da nossa região e as crianças gostaram muito. Ao retornarem para sala de referência, foram terminar de colocar nas atividades no varal, guardaram os brinquedos e os pais começaram a chegar.

No dia 03/03, período vespertino, a partir das 12h30min, as crianças chegaram e seguiram a rotina. As 13h30min todas as crianças já haviam chegado. Foi realizada a oração ao Papai do Céu agradecendo o alimento. O café da tarde foi servido às 13h30min. Neste dia, deliciaram do pãozinho caseiro com leite e achocolatado. Assim que foram terminando o café já foram se sentando no pátio para ouvirem a coordenadora Prof^ª Jusiane. Ela cumprimentou as crianças e repetiu a metodologia utilizada no período anterior.

A tia Jusiane disse que todos nós somos diferentes. Pediu para cada criança olhar os seus dedos das mãos e ela disse: Viu? Nossos dedos também são diferentes. Agora olhem aqui para mim e a Prof^ª Ágna, e perguntou somos diferentes? As crianças responderam sim. Então agora olhem para vocês e agora olhem para o coleguinha. Viu como somos todos diferentes? Disse ainda que precisamos respeitar as pessoas e que temos que nos amar como somos. Todos bateram palmas para a história que trouxe uma linda mensagem.

Em seguida as professoras encaminharam suas turmas até as salas de referências, acompanhei a turma 05 anos B, seguimos para sala e acompanhei toda rotina inicial, estudo do calendário, do alfabeto, dos numerais. Sentadas na roda, a professora cantou com as crianças a música: “A Casa” de Vinicius de Moraes.

Depois, a professora pergunta: a música fala de que? As crianças respondem: fala de uma casa. Em seguida, em roda, a professora faz a leitura deleite do livro “Os 3 Porquinhos”, repetindo a mesma metodologia do período anterior. Nessa sequência, foi inserido o tema da aula denominado “Onde eu Moro”, em que a professora perguntou: os 3 porquinhos tinham moradia? E nós temos moradia? Responderam sim, então a professora disse eu sou Maria Virginia, moro na comunidade os Cágados, minha casa é feita de tijolo, as paredes são pintadas de verde, assim as crianças entenderam e cada uma foi falando na sequência. O João Vitor disse: Eu moro na comunidade Água Vermelha e minha casa é de tijolo. O Arthur disse: Eu moro na Comunidade Cágados e minha casa é de tábuas. Todas as crianças falaram, detalharam suas casas, e a professora explicou a importância da casa que devemos cuidar mantendo-as limpas e fortes que todas as casas merecem cuidados. Depois foram desenhar e pintar suas casas trabalharam a pintura com lápis de cor, giz de cera, alguns utilizaram tinta guache, pincel e palito de sorvete para representarem suas moradias. Enquanto as pinturas iam secando, então, a professora propôs que as crianças produzissem uma casa lá na sala, disponibilizou TNT, papel pardo e logo as crianças em pequenos grupos começaram a

organizar-se e foram puxando carteiras, jogando TNT por cima e, em alguns minutos, lá estava à casa do jeito delas. E todas as produções ficaram lindas e criativas

Nossa como a hora passou rápido e, de repente, já era 15h20min, então a professora organizou as crianças para o almoço, saíram, seguiram a rotina e foram para o refeitório. A janta foi carne com arroz, farofa de banana e feijão, é comida típica da nossa região e as crianças gostaram muito. Após a refeição, as crianças aguardaram uns 5 minutos, ai, foram ao banheiro escovar dentes e lavar as mãos. Em seguida, retornaram para sala de referência, pegaram suas pinturas sentaram-se na roda e foram explicando seus. Ouvi atentamente o que cada criança dizia sobre seus desenhos, sua criatividade e autonomia. Após as apresentações as crianças juntamente com a professora foram colocar as atividades no varal e aguardaram seus pais.

No dia 04/03, quarta-feira, a rotina é diferente. Nos dois períodos, as crianças chegam, são recebidas no portão, caminham até a sala de referência, guardam a mochila, retorna ao pátio para tomarem o café da manhã ou lanche da tarde e, nesse dia, não acontece o momento lúdico no pátio. Terminando o lanche, elas já são direcionadas para sala de referência, onde, a professora segue a rotina diária e aguarda a vez da sua turma ir até a quadra participar das atividades do projeto criança ativa. São realizadas atividades de psicomotricidade que é oferecido para crianças de 3, 4 e 5/6 anos de idade. Compete à professora Betânia formada em educação física realizar as atividades com as crianças.

De manhã, as atividades começam em torno das 08h00minh e, à tarde, aproximadamente, as 14h00minh. As atividades começam pela turma de 3 (três) anos. A prof^a Betânia, a professora titular mais a estagiária, caminham com as crianças em torno de 200 metros até a quadra. As atividades realizadas foram de relaxamento, corrida. Deitam-se, esticam as perninhas e braços, pulam, fazem circuito, jogam bola, trabalham a lateralidade, equilíbrio, coordenação motora.

Após 30 minutos, as professoras levam essa turma para o CEI, onde, elas passam no banheiro, lavam as mãos, os pés e retornam para sala de referência, onde, elas vão brincar de forma dirigida até chegar horário do almoço ou do jantar. E na sequência, a Prof^a Betânia e a professora titular levam as turmas de 4 anos e, depois, finaliza com a turma de 5 anos. As imagens abaixo nos mostram a criança praticando atividades psicomotoras.

Imagem 19 - Crianças realizando atividades Psicomotoras.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora foto tirada no dia 04/03/2020.

Segundo Le Boulch (1992), a Psicomotricidade se dá através de ações educativas com movimentos espontâneos e atitudes corporais da criança, onde lhe proporciona uma imagem do corpo contribuindo para a formação de sua personalidade. Sendo uma prática pedagógica que visa contribuir para o desenvolvimento integral da criança no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo os aspectos físicos, mental, afetivo-emocional e sociocultural, buscando estar sempre condizente com a realidade dos educandos.

O desenvolvimento psicomotor tem início a partir do vínculo com o outro, no primeiro momento com a mãe. As primeiras experiências de sensação de movimento permitem ao ser humano realizar atividades e satisfazer suas necessidades, que vem acontecer, em primeira instância, dentro do útero materno. Ao nascer, o bebê experimenta diversas situações que envolvem o movimento, movimentos estes que irão ampliando de acordo com a evolução da criança. A psicomotricidade está presente em todas as atividades da nossa vida cotidiana.

Segundo Piaget (1987) em sua teoria sobre o desenvolvimento infantil já afirmava sobre uma inteligência motora, que é prática, sendo os movimentos reflexos e, a partir do contato com o ambiente, a criança vai construindo um movimento intencional. Todas essas ações fazem com que a criança desenvolva habilidades para a aprendizagem, uma vez que está favorecida pelos estímulos adequados.

Portanto, o trabalho com a Psicomotricidade na Educação Infantil é extremamente importante, auxilia o desenvolvimento das crianças, por meio das experiências motoras, cognitivas e socioafetivas. Todas as crianças que participam das atividades psicomotoras ao

terminarem as atividades, elas passam no banheiro e, somente após fazerem a higienização, seguem para o espaço de referência ou para o refeitório.

Dia 05/03, ainda na sala de 05 anos, após a chegada das crianças por volta das 07h30min, eles seguiram a rotina de ir à sala, guardar as mochilas e retornarem para o pátio então tomaram o café da manhã. Depois, a professora Maria Virginia se sentou com as crianças no pátio. Fizemos uma grande roda para ouvir alguns combinados que estavam sendo descumpridos. Depois, cantamos a música do Jacaré do Pantanal e a cobra. As crianças relaxaram um pouquinho e cantaram a música a casa de Vinicius de Moraes.

A professora Maria Virginia perguntou: Aqui todos tem casa? Elas responderam sim, sabem dizer do que é feita sua casa? Alguns responderam outros ficaram quietos. Ai, ela falou sobre a casa, da qual, refere-se à música. Que não tinha teto, não tinha parede. Asseverou que a nossa casa não é assim. Ela é linda e, por isso, devemos cuidar dela. Disse que o espaço da Creche é também nossa grande casa e precisamos cuidar dela. Em sua sala referencial, a professora Maria Virginia fez toda a rotina inicial, falou da importância da casa com as crianças, elas foram produzir uma casa dentro da sala. Esticaram TNT, fecharam as paredes com papelão, aí pararam a produção um pouquinho para irem almoçar.

Após o almoço, retornaram para sala e continuaram a atividade com criatividade. Colaram papel branco nas paredes da casa que ficou em processo de secagem. O horário passou muito rápido e, logo, já era hora de ir para casa. Então, guardaram os materiais e ficaram aguardando seus responsáveis.

No período vespertino, a turma 05 anos B, chegaram por volta das 12h40min, foram recebidos no portão e seguiram a rotina, com o lanche das 13h30min. Após o lanche, a professora Tica chamou as crianças no pátio fizeram uma grande roda e ela apresentou um lindo livro “A Princesa Arabela, mimada que só”, conta história de uma Princesa africana. A obra é do autor Mylo Freeman. A professora pediu silêncio, abriu o livro e começou a contar a história, depois conversaram um pouco sobre o que ouviram e seguiram para sala.

A professora Maria Virginia pediu para as crianças se sentarem na roda, fez a rotina inicial depois pediu para que as crianças olhassem a sala e falarem o que tem aqui de diferente. As crianças de imediato responderam: que legal tem a casa que fizemos de TNT e outra casa quase pronta de papelão, então hoje, nós vamos terminar de construir a casa de papelão. Antes fizeram a rotina, estudo do calendário, leitura de números, alfabeto, chamada e depois, com ajuda da professora, as crianças foram pintar as paredes da casa, pintaram com pincel, tinta guache e a metade com giz de cera, colocaram o teto de TNT marrom, deixaram

secar um pouco, pois foi preciso passar cola em alguns cantos, enquanto isso brincaram um pouco com brinquedos, boneca, carrinho, avião, telefone, brincaram com os brinquedos que tinha ali. As 16h00minh organizaram-se para jantar. Passaram ao banheiro, lavaram as mãos e degustaram uma deliciosa macarronada. Terminando de jantar, ficaram no pátio por alguns minutos. Depois, retornaram para sala, pois já estava quase na hora de ir para casa. Na sala, organizaram os brinquedos e aguardaram seus responsáveis.

No dia 06/03, sexta feira, as crianças lancharam um delicioso bolo de arroz com chá mate e, logo após o lanche, nos sentamos no pátio e a coordenadora avisou: hoje vamos receber visita do vovô Juca, assim que as crianças o chamam. Ele é pai da coordenadora Jusiane, ancião da comunidade e um grande amigo do CEI Vovó Teófila. Logo que Sr. Juca foi apresentado para as crianças, ele pegou uma cadeira e sentou-se em meio à roda com sua viola de cocho na mão, cumprimentou as crianças e iniciou uma conversa sobre obediência, respeito, regras para o bom viver (valores morais e éticos) e as crianças ouviram atentamente. Quase não se ouvia o sussurro do respiro delas. Depois, ele tocou sua viola e a coordenadora Jusiane afinou o ganzá e juntos tocaram e cantaram. A música estava animada. Após esse momento, Sr. Juca contou uma história de quando ele era criança e saía na roça para cantar Bocaíuva e ia às festas com seus pais e aproveitava para dançar o siriri. Neste momento, as crianças ouviam atentamente e às vezes sorriam de contentamento. Veja abaixo imagem do Sr. Juca conversando com as crianças.

Imagem 20 - Ancião Sr. Juca conversando com as crianças.



Fonte: Arquivo da pesquisadora março/2020.

Foi uma aula muito rica, com muitas informações sobre a cultura local. O que nos mostrou que a Instituição pratica um currículo vivo e ativo.

Quanto à participação do ancião na Instituição, a Resolução CNE/CEB N° 08 de 20 de novembro de 2012, no parágrafo 4° ressalta que as escolas quilombolas e as escolas que

atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas e que ofertam a Educação Infantil devem:

I - promover a participação das famílias e dos anciãos, especialistas nos conhecimentos tradicionais de cada comunidade, em todas as fases de implantação e desenvolvimento da Educação Infantil;

II - considerar as práticas de educar e de cuidar de cada comunidade quilombola como parte fundamental da educação das crianças de acordo com seus espaços e tempos socioculturais;

III - elaborar e receber materiais didáticos específicos para a Educação Infantil, garantindo a incorporação de aspectos socioculturais considerados mais significativos para a comunidade de pertencimento da criança. (CNE/CEB nº 08 de 20/11/2012).

Portanto, as professoras e gestoras estão desenvolvendo um currículo ativo onde as crianças são protagonistas desse processo. A CEI Vovó Teófila está caminhando de acordo com que está estabelecido nas diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica-Diversidade e Inclusão, oportuniza as crianças, professores e toda equipe escolar, ricas experiências a partir de um currículo emancipador, descolonizador, onde todos são sujeitos ativos dentro do processo ensino aprendizagem.

No que se refere ao currículo nas escolas quilombolas, às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica diz:

Art. 34 O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades.

§ 1º Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir dos valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definidos nos projetos político-pedagógicos.

§ 2º O currículo deve considerar, na sua organização e prática, os contextos socioculturais, regionais e territoriais das comunidades quilombolas em seus projetos de Educação Escolar Quilombola.

E assim, as crianças vão se apropriando da sua cultura, recebendo informações e interagindo com o outro desenvolvem vínculo, afetividade, respeito e fortalece sua identidade.

No período da tarde também seguiu a mesma programação. Após, as crianças chegarem e serem direcionadas para sala de referência, as 13h20min, retornaram para o pátio, lavaram as mãos e receberam delicioso bolo de arroz com suco de laranja. Depois, as crianças

sentaram-se na grande roda e lá já estava o Sr. Juca com sua viola de cocho e seu ganzá, a coordenadora professora Jusiane, fez as saudações, conversou com as crianças, apresentou Sr. Juca, disse que é seu pai e vocês podem chamá-lo de vovô Juca e disse que a nossa tarde será diferente, ficaremos aqui no pátio para vovô Juca contar histórias pra nós. Então, com muita alegria, ele cumprimentou as crianças apresentou-se como vovô Juca, aí chamou a profª Jusiane e juntos tocaram a viola e o ganzá. E explicou sobre esses instrumentos musicais que faz parte da nossa cultura. É deles que sai a música que anima o siriri, depois, ele colocou as crianças para dançarem foi uma diversão total e muita criança curiosa, algumas crianças ainda não tinham visto esses instrumentos somente pela foto.

As crianças sentaram-se para ouvirem, Sr. Juca conversou sobre a cultura, danças, festas de santo, sobre crianças respeitarem os pais os avós, as professoras e todos os funcionários da Creche. Nesse momento, Sr. Juca com seu linguajar simples estava falando sobre os valores morais e éticos, valores esse que as professoras vêm trabalhando no dia a dia com as crianças. Então, Sr. Juca contou uma história de quando ele era menino e ia com seus pais na festa, dançava muito e não se cansava e sempre foi obediente e, disse ainda, assim que vocês têm que seguir, sendo crianças educadas, inteligentes e obedientes aos pais e as pessoas mais velhas. Ai Sr. Juca perguntou: Quem daqui que sai de casa escondido, não fala para mãe onde vai? Umas 3 crianças falaram, eu! Ai Sr. Juca disse muito bem tem que falar a verdade, não pode mentir e, agora, eu quero que vocês escutem esta história que vou contar: Então, ele afinou sua viola e disse a história chama-se Assombração.

Sr. Juca conta que certo dia, ele estava com alguns amigos e primos sentados embaixo de uma árvore conversando. Tomaram um copinho de guaraná ralado e continuaram a conversa, quando de repente, ele começa a sentir seu corpo arrepiar. Ele olhou para os lados e ninguém estava estranho, parece que só ele que estava sentindo arrepios. Ai tudo ficou normal, num piscar dos olhos, ele começa a sentir arrepios e logo sentiu um vento forte que chegou e passou pelas suas pernas, enrolou como se estivesse amarrando as pernas com cordas, fez um buraco no chão, tipo buraco de tatu e depois saiu rapidamente.

Dizem que é assombração, que aparece de vários jeitos principalmente para pessoas que mentiram. Esse costuma manifestar-se ao meio-dia ou no final do dia. Sr. Juca fala que depois desse dia, ele nunca mais saiu de casa escondido e nunca mais mentiu para sua mãe e para seu pai. Pois, ele acredita que foi por isso que ele viu a assombração.

E as crianças entenderam a mensagem e Sr. Juca disse vou contar mais uma história, vocês já viram tatu? Conhecem galinha né? Então esta história se chama: **Tatu Galinha!**

Um dia, no final da tarde, peguei a bicicleta e chamei três cachorros e juntos fomos até uma fazenda vizinha perto de onde eu morava e, quando, eu fui abrir a porteira os cachorros começaram a latir, mas eu não estava vendo nada. Então, entrei passei a bicicleta e fechei a porteira. Mas os cachorros continuaram latindo para o nada, eu fiquei com muito medo, aí lembrei que estava com uma espingarda, então, peguei essa espingarda e sai andando perto dos cachorros em direção a uma moita de capim. Quando, de repente, meu corpo arrepiou, passou um vento forte perto de mim e, de repente, saiu de traz da moita um tatu gigante e pulou na minha frente, saltou igual galinha parece que queria voar. Depois que pulou, então, voltou de novo para traz da moita de capim e sumiu. Procurei de todos os lados e não havia rasto, nem buraco de tatu para mostrar para onde foi esse tatu. Depois disso, chamei os cachorros e voltamos para casa. E como não pode mentir, assim que cheguei em casa, já fui logo contando para minha mãe e meu pai. Aí eles disseram-me que muitos caçadores contam que veem na mata um tatu que voa igual galinha. Aparece, acoa os cachorros e depois some e o chamam de tatu galinha. E fala isso é verdade aconteceu comigo.

E as crianças riram com essa estória e o Sr. Juca agradeceu por prestarem atenção e falou que está sempre a disposição de todos da Creche. Recebeu palmas e as crianças disseram volte sempre. Em seguida, foram ao banheiro, lavaram as mãos e sentaram-se no refeitório, jantaram, após a janta, ficaram no pátio uns 5min e depois foram ao banheiro e seguiram para sala de referência para aguardarem seus pais.

O Sr. Juca é um excelente contador de estórias, coloca arte e vida nos relatos, insere-se no contexto da contação. As professoras também possuem a arte da contação, elas dão vida a história. Ao ouvir um conto, uma fábula ou uma lenda, a criança vivencia o imaginário e, ao mesmo tempo, vê-se na ação dos personagens, colaborando para a construção da ética, da identidade e da cidadania.

Assim que as crianças foram indo para casa, sentamo-nos no pátio e em roda de conversa com a coordenadora Prof^ª Jusiane e as professoras Maria Catarina e Maria Virginia, conversamos sobre a importância dos anciãos ali no espaço educacional. Prof^ª Jusiane disse para nós aqui da creche é uma honra podermos contar com a participação do Sr. Juca e dos demais anciãos da comunidade, estão sempre prontos para nos atender. São pessoas sábias, as vezes com pouco estudo, mas tem muito a nos ensinar. E aí, ela nos mostrou algumas imagens de atividades que já foram realizadas pelas professoras com a participação dos anciãos: O trabalho com as Ervas Medicinais, trabalhamos esse tema em todas as turmas e uma das ações era visita na casa do Ancião Sr. Juca e dona Ana. Foram dois dias de visitas e muitos

aprendizados. Vejam as imagens abaixo desse momento de aprendizado das crianças com os Anciãos.

Imagem 21 - Ervas Medicinais no Quintal dos Anciãos Sr. Juca e dona Ana.



Fonte: Arquivo da Instituição.

Imagem 22 - Anciãos Sr. Juca e Dona Ana mostrando às crianças ervas medicinais e sementes.



Fonte: Arquivo da Instituição.

A professora coordenadora Jusiane relata que: No primeiro dia da visita a aula de campo foi Sr. Juca que nos atendeu, mostrou seu quintal, as ervas que tinha ali e, depois, foi fazer um antídoto natural para combater veneno da cobra, utilizou: pulga de lagarto, folha nova, lágrima de Cristo, raiz de cansaço. Sr. Juca também explicou que um chá muito bom para dor de barriga e disenteria é o chá de casca de aroeira ou chá de folha de goiabeira.

No segundo dia de visita, quem nos atendeu foi anciã dona Ana, ela também mostrou o quintal e as ervas e plantas medicinais plantadas e as que já estavam colhidas e guardadas na sacola. Depois, ensinou as crianças a fazerem vermífugo natural. Nesse vermífugo foi utilizado sementes de abóbora, de mamão e erva de Santa Maria. Ficamos muito contentes

com o sucesso dessa atividade, conseguimos a participação das professoras, funcionários, família e anciãos. Nossas crianças participaram atentamente e adquiriram conhecimentos que levarão consigo para toda a vida.

A coordenadora nos conta ainda que trabalham com oficinas pedagógicas onde as crianças aprendem a confeccionar seus brinquedos e, para isso, contam com apoio das professoras, funcionárias, mães e anciãos. Vejam algumas imagens dessas oficinas pedagógicas.

Imagem 23 - Confeção de Brinquedos.



Fonte: Arquivo da instituição.

De acordo com a coordenadora na realização dessa oficina as crianças e professoras contaram com apoio de mães da comunidade. Continua as observações e segue registros realizados na turma de 2/3 de idade.

4.5 Vivenciando as práticas cotidianas na turma de 2/3 anos A/B matutino e vespertino

No dia 9/03, a observação foi feita no espaço de referência 3, onde recebe crianças de 02 e 03 anos de idade. Essa turma foi agrupada devido à falta de espaço para atendê-las de forma adequada. Neste espaço, tem alguns painéis, aniversariantes, letras do alfabeto, numerais de 0 a 5, painel quantos somos 02 armários com muitos brinquedos, 01 *micro system*, 01 mesa para professora apoiar seus materiais e não tem mesinhas para as crianças e para realizar as atividades elas utilizam o chão e as paredes.

No período matutino, estão matriculadas 16 crianças, destas, quatro são em período integral, e elas vem das seguintes comunidades: Assentamento Furnas I, Assentamento Furnas

II, Comunidade local Chumbo, Fazenda Alegre, Comunidade Quilombola Jejum, Comunidade Figueira, Comunidade Santa Helena, Comunidade Água Vermelha. A professora que trabalha com a turma A e B é a Maria Catarina que mora na Comunidade Santa Helena e a estagiária Emanuelle que mora na Comunidade Chumbo. Abaixo imagem de algumas crianças dessa turma de 2/3 anos de idade.

Imagem 24 - Crianças e professora turma 2/3 anos de idade.



Fonte: Arquivo da pesquisadora foto tirada dia 9/03/2020.

Nesta turma, as crianças são menores e utilizam transporte escolar, este não é adaptado para crianças pequenas e não possui monitor, contudo, os pais ficam agradecidos por ter um motorista responsável e paciente.

A partir das 06h40min, as crianças do transporte começaram a chegar, os motoristas as descem com todo cuidado e as entrega para a coordenadora que as encaminha para a professora Maria Catarina. Juntas, seguem para a sala de referência, lá, elas ficam brincando até chegar o horário do lanche. As 07h30min, todas as crianças em fila se dirigem ao banheiro, lavam as mãos e vão para o refeitório. Lá, juntas de outras crianças, fazem a oração, agradecendo o alimento, cantam a música meu lanchinho e aguardam o lanche.

Depois, todas as crianças se sentaram no pátio, em uma grande roda para ouvir a professora Maria Catarina. Ela pediu para as crianças se levantarem e disse vamos brincar de “Boca de Forno” Farão tudo o que o mestre mandar? As crianças disseram vamos! Então, ela faz a pergunta: boca de forno fará tudo que o seu mestre mandar? Sim e ela deu o comando: Agora vocês irão imitar os sons dos animais do pantanal, imita onça pintada, lobo guará, jacaré, macaco, papagaio, manda dar alguns pulinhos. Depois, já cansadas, sentaram-se e,

logo, a professora anunciou a leitura deleite intitulada “Bruxa, Bruxa, Venha a minha festa”, de autoria de Ardren Durce. Todas as crianças ouviram atentamente e ficavam vibrando para ver as próximas imagens que eram grandes e coloridas.

Após a leitura deleite, todas as crianças e professoras foram para sala de referência. As crianças sentaram-se na roda e a professora fez o estudo do calendário, falou o dia, mês, ano, nome da cidade, nome da comunidade e contou em voz alta quantas meninas, quantos meninos, fez à chamadinha colocando uma estrela no nome das crianças presentes e um rostinho triste nos nomes das crianças ausentes. Depois, a professora convidou as crianças para cantarem a música da “Formiga”.

Aos poucos, as crianças foram sentando-se e a professora foi introduzindo o tema da aula semanal denominada “Onde Moro”, é um subprojeto da temática Identidade, então, ela trouxe um lindo livro intitulado “Um Pequeno Grande Mundo” do autor Juba. Ela contou a história, mostrou as imagens e as crianças ficaram encantadas em conhecer o mundo e a rotina das formigas, ficaram surpresas quando ouviram que no formigueiro também tem berçário onde ficam os bebês formigas. Terminando a história, foi feita uma conversa, a professora perguntou do que falava a história, se as formigas têm casa, se elas comem, se elas trabalham, onde ficam os bebês formigas. Elas responderam todas as perguntas, então, ela perguntou e nós temos casa? Como é nossa casa? Algumas crianças responderam que tem casa e que a casa é bem bonita. Em seguida, fomos até o pátio na parte do fundo, lá em contato com a natureza, vimos alguns formigueiros com formigas trabalhando carregando folhas, elas ficaram encantadas com o que viram, observem as imagens abaixo.

Imagem 25 - Crianças visualizando formigueiro.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora imagens registradas no dia 9/03/2020.

Depois de encontrarmos alguns formigueiros então brincamos uns 20 minutos no parquinho, terminando o tempo combinado, elas saíram do parque e foram para o banheiro lavar os pés, as mãos e já aguardaram no refeitório. Às 09h40min, foi servido o almoço um delicioso frango com arroz, feijão e salada de legumes. Terminando o almoço, elas se sentaram no pátio, brincaram com alguns brinquedos que estavam ali, as outras turmas terminando o almoço também se sentaram no pátio e brincaram com brinquedos.

As 10h40min retornaram para sala, organizaram suas coisas e ficaram aguardando seus responsáveis. As 11h10min, as crianças de matrícula integral saem para o banho, como são 4 crianças, elas saem juntas e tomam banho na banheira. Duas professoras acompanham esse momento, os sabonetes são glicerinado, tem *shampoo* e creme para os cabelos, após o banho, as professoras as vestem e eles e os colocam para dormir, o horário de elas acordarem são aproximadamente às 13h15min ou mais.

No período da tarde, são 14 matrículas destes 4 são em período integral, a maioria são da Comunidade Chumbo, 2 crianças da Comunidade os Cágados e 1 do Assentamento Campo Limpo I. As crianças chegam a partir das 12h30min, a secretária as recebe no portão e as encaminham para a Prof^ª Maria Catarina. Elas guardam as mochilas, pegam um brinquedo e aguarda os demais chegarem, enquanto isso, as crianças que estavam dormindo vão acordando, às 13h20min, aproximadamente, saem para o lanche. Após o lanche, ficaram no pátio, cantaram, brincaram de Boca de Forno, fará tudo que seu mestre mandar! Elas divertiram-se muito, rolaram no chão imitando jacaré, pulando igual sapo.

Depois, sentaram-se em roda para ouvirem a Prof^ª Maria Catarina que trouxe uma linda história denominada “Meninas Negras” da autora Madu Costa. A professora contou a história. Entoava a voz quando necessário. Mostrou as imagens e as crianças ouviram atentamente. Em seguida, a professora perguntou se tinha alguma menina na creche que se parecia com as meninas da história. Nessa hora a Katielly, que é uma criança muito ativa, respondeu: Tem eu tia. Meu cabelo, minha cor é igualzinho dela. Foi quando a professora disse: Sim Katielly. Você se parece muito com as meninas do livro e tem mais meninas parecidas. Nós não podemos ter vergonha do nosso cabelo, da nossa cor, temos que ter orgulho de tudo que temos, depois, todos bateram palmas para a linda história. E seguiram para sala sentaram-se na roda, seguiram a rotina diária e a professora contou, em voz alta, quantas meninas, quantos meninos, fez a chamadinha colocando uma estrela no nome das crianças presentes e um rostinho triste nos nomes das crianças ausentes.

Depois, a professora convidou as crianças para cantarem a música da “Formiga” e sentaram-se e a Prof^ª apresentou o livro chamado “Um Pequeno Grande Mundo” do autor Juba. A professora desenvolveu a mesma metodologia utilizada com a outra turma quando foi desenvolvido o trabalho com a mesma obra. A seguir, fomos no pátio perto do parquinho para conhecer a casa das formigas. As crianças gritaram de alegria. Lá vimos alguns formigueiros com formigas trabalhando carregando folhas, elas ficaram encantadas com o que viram e fizeram muitas perguntas.

Após encontrarmos alguns formigueiros, então, fomos cantar outra música da formiguinha chamada “A Formiga corta folha e carrega”. Depois, as crianças brincaram no parquinho por 20 minutos e ficamos mais um tempo embaixo da árvore fazendo novas descobertas. Em seguida, foram ao banheiro lavar os pés, as mãos e já foram direto para o refeitório onde almoçaram e ficaram mais alguns minutos no pátio. Depois, foram para sala com a professora. Lá conversaram sobre o formigueiro, brincaram livremente e aguardaram seus responsáveis.

Tiriba (2018 p.20) destaca que todas as crianças grandes e pequenas têm o direito de viver experiências de contato direto com os elementos da natureza no ambiente escolar.

No dia 16/03, eu saí de casa 05h30min e fui para o ponto onde passa a Van que leva os professores e estagiárias de Poconé-MT, a Escola e ao CEI Vovó Teófila. As 06h10min a Van passou, embarquei com alguns professores. Passamos por mais três pontos, onde entraram mais professores e as estagiárias que trabalham no CEI. As 06h30min já estávamos na estrada, percorremos aproximadamente 40 quilômetros, pelo caminho entramos em uma estrada quase sem movimento. Havia alguns animais na beira da estrada, outros dentro do cercado. De longe, avistei uma família de Ema, estavam no meio da plantação de soja.

Seguimos conversando, passamos no Distrito de Cangas para pegar professores, aí retornamos uns 3 quilômetros e entramos na Rodovia Adauto Leite que dá acesso a Comunidade Quilombola Chumbo. Nesse caminho, passamos pela Comunidade Quilombola Jejum, algumas fazendas, chácaras, sítios e fomos olhando as variadas paisagens. As 06h55min estávamos encostando na frente da escola. Desceram os professores, eu e as duas estagiárias seguimos até CEI que fica uns 200 metros da escola. O motorista disse que o transporte utilizado nessa linha é uma Van, mas no dia anterior apresentou problemas mecânicos então foi disponibilizado a Kombi até que a Van seja consertada.

A seguir, pode-se visualizar a Kombi consiste em um dos transportes utilizados para

conduzir os professores até o CEI Vovó Teófila e Escola Nossa Senhora Aparecida.

Imagem 26 - Kombi.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora registrado no dia 16/03/2020.

Chegamos, 07h05min já tinha muitas crianças sentadas no refeitório, aí fizeram a oração, cantaram e receberam o lanche, hoje foi frutas, maçã, banana e melancia, depois, ficaram no pátio aguardando a tia Jusiane que, com muita alegria, cumprimentou as crianças, cantaram, brincaram de “Passa meu bom barqueiro e Me dá o seu gato”. Depois ouviram uma linda história chamada “O Menino Marron” de autoria de Ziraldo Alves. A professora Maria Catarina contou a história, mostrou as imagens e as crianças ouviram com muita atenção. Ai, ela perguntou quem aqui que se parece com o menino da história? Muitos gritaram respondendo: Eu tia! Eu tia! A professora destacou que estamos trabalhando sobre a nossa identidade, devemos nos amar como somos e respeitar os diferentes.

Já na sala de referência, as crianças sentaram-se na roda. A professora fez a rotina inicial, relembrou o que foi trabalhado no dia anterior e iniciaram um diálogo sobre a casa das formigas, o que elas fazem e sobre a nossa casa. Depois, as crianças brincaram um pouquinho e a professora organizou papel pardo com medidas de 50 /50 cm. Colou na parede e colocou as crianças de 2 em 2 com kit contendo lápis de cores, canetinhas, giz de cera para elas desenharem sobre a historinha das formigas e, as crianças dentro de suas possibilidades, capricharam nas produções. Desenharam o formigueiro, o berçário dos bebês formigas. Elas explicavam o desenho e a professora ia escrevendo o que significava. Depois, a professora colou esses desenhos em um lado só da parede. Abaixo as imagens das crianças reproduzindo os formigueiros.

Imagem 27 - Crianças desenhando Formigueiro.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

As crianças com muita alegria fizeram o desenho em seguida às 09h40min, as crianças saíram, foram ao banheiro para lavar mãos e sentaram-se no refeitório para saborearem uma deliciosa carne seca com arroz, feijão e bananinha. Terminando o almoço, elas retornaram para sala e nós fomos fazer uma visita nas mochilas. Cada criança trazia sua mochila, abríamos e ela falava o que tinha. Olhamos todas as mochilas, ouvi todas as crianças, dentro das mochilas encontrei roupas, sabonete, batão, brinquedos, toalhinha. Em algumas, não tinha nada, mas, a criança sempre dizia que tinha algo imaginário, por exemplo, uma criança me disse: Tia cuidado! que na mochila tem um carrão. Mas não tinha nada real era imaginário, foi legal esse momento. Pensei em quantas esperanças estas mochilas carregam quantos sonhos. Ao terminar de olhar todas as mochilas fechei-as e guardei no lugar de onde peguei. Logo abaixo segue imagens desse momento.

Imagem 28 - Organização das Mochilas.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Já quase 10h40min começaram a chegar às primeiras mães, algumas mães foram olhar o painel e parabenizou as crianças e professora pela atividade realizada. As 11h15min, as crianças de matrícula integral saíram para o momento do banho. Após 10 minutos, voltaram para sala e dormiram.

As 12h30min começaram a chegar às crianças que vem de ônibus, depois, as que moram na comunidade local. Foram recebidas no portão e encaminhadas para professora na sala onde elas guardam as mochilas e brincam um pouquinho. As crianças que estavam dormindo acordam e brincam também. Aproximadamente as 13h30min saem caminham até o banheiro, lavam as mãos e seguem para o refeitório. Fazem a rotina e a oração para abençoar o alimento, cantam a música do lanchinho e recebem o lanche. Após o lanche, as crianças ficaram no pátio, brincaram de “Boca de Forno”. Imitaram alguns animais do pantanal, depois se sentaram para ouvirem a história do “Menino Marrom” de autoria de Ziraldo Alves. A professora Maria Catarina contou a história, mostrou as imagens e as crianças ouviram com muita atenção. Algumas se levantavam para ver as imagens de perto. Ao final, ela perguntou quem aqui se parece com o menino da história? Algumas responderam: Eu! A professora então disse: Então, vocês sabem que aqui estamos trabalhando a nossa identidade, devemos nos amar como somos e respeitar os diferentes.

Terminando, as crianças com suas professoras foram para sala de referência e seguiram suas rotinas. A professora Maria Catarina pediu para as crianças sentarem-se em roda, fez toda a rotina, contou quantos meninos, quantas meninas, fez a chamada. Depois, cantaram a música da formiguinha, relembrou a história, comentaram sobre as casas das formigas, os formigueiros, sobre os bebês formigas. Uma criança disse que na casa dele também tem formigueiro e dos grandes com cada formigona. Foi quando uma criança pediu para professora levá-los de novo para ver as formigas, então a professora convidou vamos crianças, lá foram, ver os formigueiros, saímos e logo já estávamos observando os formigueiros, em uma parte mais no fundo do quintal, perto das bananeiras. Após alguns minutos, as crianças lavaram as mãos e retornamos para sala de referência. A professora recortou papel pardo em quadrado com medidas de 50/50 cm, colou na parede e chamou de 2 em 2 crianças, entregou uma caixa com giz de cera, lápis de cor, canetinhas grossas e pediu para elas desenharem sobre a historinha da formiga, do jeitinho delas. Os desenhos saíram lindos, uma obra de arte. Depois, foram explicar seus desenhos. A professora e a estagiária iam escrevendo os nomes dos desenhos, a dupla que ia terminando, sentavam-se para brincar livremente.

As 15h40min a professora e a estagiária organizaram as crianças para irem ao banheiro lavar as mãos e seguirem para o refeitório. Depois do jantar as crianças ficaram uns 5 minutos no pátio e retornaram para sala e continuaram as atividades, aí se sentaram na roda.

Eu repeti a metodologia utilizada para a visualização do conteúdo da mochila, conforme no período matutino.

Encontrei também um saco de sonhos guardados ali naquelas mochilas. As crianças saem de casas ainda tão pequenas e vem para escola é porque seus pais têm os melhores sonhos para elas e cabe a nós professores, professoras, de modo geral, profissionais da educação, acolhermos muito bem nossas crianças, oferecermos nosso carinho, nosso afeto e apresentarmos um mundo de oportunidades para elas.

Para me inserir na atividade, eu também mostrei a minha mochila e algumas crianças disseram: Há tia, quero ver o que tem aí dentro. Comecei a tirar as coisas. Tinha um notebook, canetas, pasta, caderno, uma bolinha de fazer massagem que deixei elas sentirem nas mãos. Ai, uma criança disse: Mais aí não tem surpresa? Eu respondi surpresa? Tem sim, advinha o que é, e foram falando, balinha, pirulito, eu mostrei que tinha alguns balões entreguei 1(um) para cada criança e elas brincaram felizes com a surpresa. Uma pena nosso horário quase terminando e já começam a chegar às primeiras mães.

Em todas as turmas observadas até aqui, percebe-se que as crianças demonstram muito interesse pelas histórias contadas, sendo notável a imensa curiosidade que apresentam quando está sendo contada uma história, pois, elas vibram felizes, batem palmas. Quando podem, manuseiam os livros e observam suas gravuras coloridas. E na hora das músicas é alegria, a folia toma conta, todos pulam, dançam e cantam no ritmo da música e, aí vão imitando os gestos e movimentos feitos pelas professoras.

As crianças do CEI Vovó Teófila, demonstram imensa alegria em aprender novas coisas, elas são curiosas, ativas, gostam de brincar. Elas cantam e encantam, aos poucos estão conquistando a sua autonomia, estão em constante aprendizado, recebendo novas informações e descobrindo novas aventuras, assim são elas, sem limites para voar.

As DCNEI (2009) evidenciam que as propostas pedagógicas da Educação Infantil das crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, devem:

- I- Reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;
- II- Ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;
- III- Flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;

- IV- Valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;
- V- Prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade.

Todas as crianças, independentemente de serem elas quilombolas, indígenas, ribeirinhas e outros, precisam ter seus direitos respeitados e, sobretudo, viverem as suas infâncias. As crianças devem ser respeitadas como sujeitos ativos, protagonistas de suas histórias e culturas. É preciso que as escolas de educação infantil ofereçam uma educação de qualidade, seja atrativa, deve possuir um espaço adequado, onde elas possam vivenciar diferentes experiências de aprendizagem e que, de fato, possam ser crianças, interagir com outras crianças através de brincadeiras e fazendo descobertas. Para tanto, faz-se importante dizer que os professores e professoras da educação infantil precisam proporcionar às crianças atividades atrativas, lúdicas e repletas de momentos de aprendizagens.

Neste contexto Pasuch (2005) afirma que as escolas são espaços que se relacionam com suas comunidades locais e globais, lugares de valorizações construídas historicamente pelas tantas gerações imbricadas em suas diversidades culturais. Assim, consideramos a escola como um espaço social de potencialidades onde acontecem brincadeiras, vivências, descobertas e interações e valoriza suas especificidades pela natureza de sua função.

É importante registrar que na CEI Vovó Teófila, no ano letivo de 2020, não possui matrícula de criança com deficiência, porém, existe registro de que, em 2014 e 2015, a Instituição tinha uma criança muda e surda, esta tinha o apoio de um profissional com conhecimentos em Libras que a acompanhou durante os dois anos da pré-escola.

Segundo Bueno (1993), no século XVI, na Europa, a educação especial teve uma dupla e contraditória função. Sendo por um lado, a educação especial foi parte do movimento de democratização e expansão da escola moderna, respondendo à ampliação de atendimento às crianças com dificuldades e, por outro lado, cumpriu uma função de segregação social dessas crianças, prevendo e atuando com base em suas dificuldades escolares, antes mesmo de seu ingresso no ensino regular.

Então, a educação especial contribuiu para a manutenção do processo de exclusão das camadas populares da escola regular, colocando no âmbito individual os problemas de rendimento escolar e não oferecendo a todos a oportunidade de superação das suas dificuldades específicas. Contudo, através do termo *excepcional* - abrangente e pouco preciso - excluiu-se uma grande quantidade de crianças do ensino regular, sendo-lhes oferecida uma educação especial incapaz de superar o estigma da deficiência e de escolarizar e integrar socialmente essas pessoas.

Para contrapor a prática de exclusão e visando superar esse duplo papel da educação especial, então, emerge a proposta da educação inclusiva. O termo inclusão e sua proposta surgiram na Declaração de Salamanca, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, em 1994, posteriormente à avaliação, por parte de setores da educação especial e do movimento de defesa dos direitos da pessoa portadora de deficiência, de que a “integração” social e escolar - modelo anterior de inserção da criança portadora de deficiência no ensino regular - não estava de fato se concretizando.

A inclusão surge como um novo modelo para educação especial, em contraposição ao modelo de integração escolar e extrapola as dimensões da educação. Os princípios da educação inclusiva são, segundo Sasaki (1997), a celebração das diferenças, o direito de pertencer, a valorização da diversidade humana, a igual importância das minorias e a cidadania com qualidade que visam garantir a permanência e o desenvolvimento de todas as crianças no ensino regular em todas as etapas e modalidades de ensino.

Ficamos felizes por perceber que a equipe gestora tem um olhar cuidadoso para a questão da inclusão, pois toda criança tem direito a educação. No Artigo 22 das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, estabelece que a Educação Especial é uma modalidade de ensino que visa assegurar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades e superdotação o desenvolvimento das suas potencialidades sócio educacionais em todas as etapas e modalidades da Educação Básica nas escolas quilombolas e nas escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas. O § 1º menciona que “Os sistemas de ensino devem garantir aos estudantes a oferta de Atendimento Educacional Especializado (AEE)”. A Secretaria Municipal de Educação busca atender todas as crianças com deficiência oferecendo o suporte necessário para que o atendimento seja de qualidade.

É importante destacar que após o fechamento da Instituição devido a pandemia do Covid-19, as aulas presenciais foram totalmente suspensas para preservarmos vidas, vidas das crianças, das professoras, das funcionárias, das gestoras e vidas das familiares, pois, muitas pessoas queridas faleceram em decorrência da Covid-19, então, era preciso esse distanciamento social. E a metodologia precisou ser diferenciada devido a nova realidade, assim, as atividades passaram a ser desenvolvida mediante sistema remoto online para as crianças e para as professoras, funcionárias e gestoras o trabalho era presencial escalonada em até duas vezes na semana.

As professoras e funcionárias compareciam a Instituição seguindo orientações de segurança, usando máscara e álcool em gel, mantendo distanciamento e cumprindo seu

horário, planejando e organizando as atividades através da produção de vídeos e confecção das apostilas para serem entregues as crianças.

As atividades eram retiradas pelos pais e a devolutiva mensalmente. Além de material apostilado também era enviada atividades lúdicas, como jogos, contação de histórias, filmes, vídeos e brincadeiras pelo grupo de WhatsApp. Essa metodologia foi seguida até o fechamento do ano letivo de 2020 e continua neste primeiro semestre de 2021. Medidas adotadas para prevenção da não contaminação da Covid 19. Segue abaixo, imagens das professoras, no período da pandemia, dentro do espaço da Instituição recebendo mães para entregar as atividades apostiladas.

Imagem 29 - Professoras com proteção de segurança contra o Covid 19 entregando apostilas para as mães



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

As mães e outros responsáveis que compareciam ao CEI, também tinha a obrigatoriedade de estarem com máscaras, de início passavam pela medida de temperatura do corpo, depois, recebiam álcool em gel, só depois desses procedimentos, que chegavam até a professora para retirar ou entregar as apostilas.

4.6 O Brincar para as Crianças Pantaneiras/quilombolas do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila.

O brincar é importante para o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. Segundo Oliveira (2000), o brincar não é somente recrear, é uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se

consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida. Portanto, através do brincar, a criança pode desenvolver a atenção, memória, imitação, imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

Vygotsky (1998), afirma que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. E nessa perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição que possibilite o processo de constituição do sujeito, rompendo com a visão tradicional de que ela é uma atividade natural de satisfação de instintos infantis.

Vygotsky (1998), ainda se refere à brincadeira como uma maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos conhecimentos surge, nas crianças, através do brincar. Toda criança por intermédio da brincadeira, das atividades lúdicas, atua, mesmo que simbolicamente, nas diferentes situações vividas pelo ser humano, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes.

Portanto, as brincadeiras e todas as atividades lúdicas foram organizadas para os espaços escolares e não escolares. As crianças do CEI Vovó Teófila, são ativas e protagonistas da sua história, elas gostam muito da hora das historinhas que é realizado no pátio e são contadas após o lanche da manhã e lanche da tarde, pela coordenadora ou por uma professora e pode ser contada pelos anciãos da comunidade.

Nesse momento, as crianças ficam empolgadas, acalmam-se, ouvem a historinha com muita atenção, a cada cena contada, percebia o envolvimento da criança no contexto da história. Elas gostam de brincar explorando diversos espaços internos e externos á sala de referência, gostam de manter contato com a natureza. Elas caminham até embaixo de algumas arvores que existem nas proximidades do CEI, lá elas brincam, penduram nos galhos, correm, rolam no chão mantendo uma sintonia com a natureza.

Espaços escolares e outros territórios educativos mais verdes e ricos em elementos naturais contribuem para a construção de conhecimentos por meio de experiências diretas e sensíveis, que geram aprendizados importantes na vida da criança e do jovem. Essas experiências diárias com a natureza são capazes de proporcionar descobertas a respeito da complexidade e da diversidade inerentes a todos os sistemas vivos e suas inter-relações. (DYMENT, J. E.; BELL, 2007, p.83).

Portanto, as áreas naturais escolares favorecem o brincar livre e espontâneo que é rico em entrega, cooperação, autonomia e diversidade. O brincar ao ar livre favorece a articulação exclusiva entre pares, num lento exercício de encontro e contato com o outro, levando a oportunidades para o desenvolvimento de atitudes de empatia, escuta, colaboração e resolução de conflitos. Quando as crianças desenvolvem nesses espaços experiências significativas, elas podem ter a oportunidade de refazer a si mesmas como estudantes capazes, interessados, curiosos, dedicados e criativos.

Mais do que as crianças pantaneiras quilombolas brincam? Elas sabem aproveitar e explorar os espaços que está em seu entorno, dentro e fora do espaço escolar. Nesse período de observação participativa, foi possível vê-las brincando de: cantiga de roda, meda seu anelzinho, boca de forno, meda seu gato, queimada, pula corda, meu bom barqueiro, cobra cega, brincar no parquinho com os brinquedos disponíveis ali, também brincam de casinha, de fazer comidinha, de subir e pendurar nas árvores pulam com saco, brincam com brinquedos comprados e com brinquedos confeccionados por elas com materiais recicláveis, brincam com massinha de modelar, com argila, fazem piquenique.

Abaixo apresentamos imagens das crianças em momentos do brincar nos espaços internos e externos.

Imagem 30 - Crianças brincando nos espaços internos do CEI.



Fonte: Arquivo da pesquisadora março/2020.

Imagem 31 - Crianças brincando nos espaços externos.



Fonte: Arquivo da Instituição

Todas as brincadeiras oportunizadas para as crianças com adultos e crianças com crianças, são experiências significativas que contribuirá para a sua formação no aspecto cognitivo, intelectual e social. É de fundamental importância que aos profissionais da educação infantil possam articular os conhecimentos e experiências significativas para as crianças nos planejamentos das práticas cotidianas, pensadas coletivamente e sistematizadas nas propostas pedagógicas das instituições, acolhendo as diferenças entre as crianças, pois cada uma tem o seu ritmo, seu tempo, desejos, curiosidades e indagações a respeito do mundo.

Para Ostetto (2000, p.176), “planejar é traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças”.

Em conformidade com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2013):

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura (BRASIL, 2013, p. 86).

As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2013) enfatizam que criança deve consistir como figura central do planejamento docente, sendo este desenvolvido para e com as crianças. Na mesma direção, destaca-se a imprescindibilidade das interações e das relações proporcionadas às crianças, de forma a oportunizar situações que envolvam o brincar, a experimentação, a observação, a aprendizagem e o questionamento.

Podemos inferir, portanto, que o planejamento do professor carece considerar as necessidades e os desejos das crianças. Nesta direção, um dos aspectos essenciais quando nos referimos ao planejamento tem a ver com às observações que o professor faz de sua turma. Jablon, Dombro e Dichtelmiller (2009), afirmam que quando observa, o professor tem a oportunidade de adquirir informações valiosas que poderão auxiliá-lo em seu planejamento com a turma, de forma a atender as suas necessidades. As estudiosas destacam que (2009, p. 34), “você pode usar as informações que obtém observando para criar o ambiente físico e social da sala de aula e para planejar suas rotinas e atividades diárias”. Importante se faz destacar que o planejamento não deve ser visualizado pelos professores somente como um documento burocrático cuja finalidade consiste em ficar guardado na escola. (JABLON, DOMBRO e DICHELMILLER 2009, p34).

Coadunando com o pensamento acima evidenciado, Bassedas, Huguet e Solé (1999) afirmam que, por vezes, [...] o planejamento é considerado como um documento que se elabora e guarda na gaveta, à disposição de alguém que o peça. Nesse caso, atribui-se uma conotação extremamente burocrática, que também não corresponde ao seu devido papel [...] (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 113).

Partimos do pressuposto de que o planejamento consiste em um momento de reflexão. Neste sentido, planejar significa ter uma direção, ou seja, o planejamento é parte essencial para que o professor organize seu trabalho, tendo em vista, o que ele tem por intenção a partir disto. Vale ressaltar que mediante a elaboração do planejamento, o professor poderá refletir sobre suas intenções e sobre suas ações não somente em relação à Educação Infantil, mais em toda e qualquer outra etapa da educação.

Barbosa (2009) também compreende que é via planejamento que o professor pode explicitar sua intencionalidade pedagógica:

Uma das características que acentua a intencionalidade pedagógica é poder explicar e compreender os motivos para a seleção das atividades, dos materiais, das brincadeiras – seus modos de apresentação e realização – e das formas de preparação dos recursos e dos grupos. Explicitar a intencionalidade educativa possibilita ao professor, no cotidiano, através do planejamento e registro de suas atividades, oportunizar que as crianças pequenas aprendam e se desenvolvam nas suas múltiplas possibilidades (BARBOSA, 2009, p. 88).

Vasconcellos (2002) contribui com a discussão quanto à importância do planejamento ao defender o ato de planejar envolve diferentes fatores, tais como, a concepção de educação, o currículo e o conhecimento. O autor afirma que “o planejamento se coloca no campo da ação, do fazer; todavia, não parte do nada [...]”. (VASCONCELLOS, 2002, p. 98).

Na perspectiva de pesquisadora, considero o planejamento docente e as práticas pedagógicas como processos que se interligam. Assim, a elaboração do planejamento, sua tessitura é inerente à prática laboral do professor. Podemos afirmar, portanto, que o planejamento está necessariamente vinculado à prática docente e apresentam-se como elementos fundantes do processo educacional que permite ao professor reviver, ainda que mentalmente rememorar sua prática em sala de aula, de forma a retomar os aspectos essenciais relativas à realidade de seus educandos.

4.7 Entre crianças e anciãos: encontros geracionais socializadores da cultura quilombola e pantaneira na comunidade escolar

O Centro de educação Infantil Vovó Teófila está caminhando de acordo com que está estabelecido nas diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica-Diversidade e Inclusão, oportuniza às crianças, professores e toda equipe escolar, ricas experiências a partir de um currículo emancipador onde todos são sujeitos ativos dentro do processo ensino aprendizagem.

Conta com a participação dos Anciãos da comunidade nas atividades pedagógicas, estes são verdadeiros guardiões da cultura local e possuidores de grandes conhecimentos. É de fundamental importância que os saberes locais, a cultura e práticas religiosas sejam trabalhados nas escolas a partir da educação infantil para que desperte o sentimento de valorização, respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, para que desde pequenas comece o trabalho de pertencimento para identificação da sua identidade. Dessa forma, as crianças irão crescer sabendo a história dos seus ancestrais, bem como, crenças e práticas culturais, assim, estarão combatendo o racismo estrutural, discriminação e preconceito.

O Centro de Educação Infantil Vovó Teófila, em sua proposta pedagógica traz o trabalho interdisciplinar apoiados em projetos Pedagógicos, onde conta com a grande e rica parceria da comunidade escolar e os Anciãos da comunidade.

Os Anciãos participam ativamente das atividades sendo presença constate no CEI Vovó Teófila, as crianças e professores estão sempre visitando as residências desses para realização de aula de campo. Assim, o conhecimento é compartilhado de forma prazerosa e alcança melhor resultado.

A orientadora e pesquisadora desta pesquisa reconhecem a valorosa importância dos anciãos nos espaços educacionais, em especial, neste espaço de educação infantil. Foram realizadas entrevistas com os anciãos, os quais foram indicados pela equipe gestora do CEI Vovó Teófila, considerando a participação deles na vida da comunidade escolar. Assim, foi feito o encaminhamento e foram entrevistados três anciãos. Todos possuem perfil de conhecedores da cultura local e são presenças constantes na instituição.

Para realização da entrevista, foram propostas duas opções: primeira de forma virtual, mediante chamada de vídeo pelo WhatsApp. Esta opção não deu certo, pois na comunidade local não se tem um bom sinal de internet e alguns dos anciãos não possuem celular digital. A segunda opção foi a entrevista presencial seguindo as recomendações do Ministério da Saúde. Então em comum acordo com os entrevistados ficou decidido entrevista presencial.

As entrevistas foram realizadas no feriado de 07 de setembro de 2020, de forma presencial na residência dos entrevistados, seguindo os protocolos solicitados pelo Ministério da Saúde, todos usando máscara, manteve-se o distanciamento de 2 metros, higienizamos as mãos com álcool gel. Os anciãos entrevistados foram: Sr. José Atanázio de Lima (seu Juca), Sr.^a Ana Luiza de Almeida Lima e Sr. Benedito Santana Rodrigues Cunha (seu Ditinho).

O primeiro entrevistado foi o ancião José Atanázio de Lima, tem 72 anos, nasceu em 02/05/1948, sua profissão é agricultor. Reside na comunidade desde que nasceu e gosta muito deste lugar.

Sr. Juca afirma que morar nesta comunidade quilombola é muito bom, aqui é muito tranquilo, os moradores são praticamente todos parentes e se preocupam uns com os outros.

Antigamente as famílias trabalhavam a roça, plantavam milho, arroz, banana, abóbora, mandioca tudo junto no mesmo terreno. Nessa época não tinha a roça do José ou da Maria, a roça era de todos. Quando ia colher, se fazia a divisão, todos ficavam com um pouco de cada alimento. Hoje ainda plantamos, lidamos com a roça, mais a prática mudou muito. Ainda permanece a amizade, o cuidado pelos outros. Aqui na nossa comunidade ninguém mexe no que não é seu. Nós cuidamos uns dos outros. E quando é época de festa, ai sim é só alegria, todos reúnem para festejar, eu tocava a viola, ainda hoje tiro a reza nas festas, canto o cururu e ainda tiro um bom verso. Eu digo que é muito bom morar nesta comunidade quilombola, aqui é diferente porque como eu já disse cuidamos uns dos outros e zelamos pela nossa cultura pra não deixá-la morrer. (Entrevista com Sr. José Atanázio de Lima, 07/09/2020).

Ao ser questionado como é a relação com as crianças Sr. Juca afirma que tem uma boa relação com todas as crianças, incluindo aquelas que não moram na comunidade, mas estudam aqui na Creche Vovó Teófila. E com muita alegria, Sr. Juca fala que todas as crianças me chamam de Vovô e me respeitam me pedem a benção e ainda ganho muitos abraços. E aos poucos se emociona!

Em se tratando do que destaca como importante na educação das crianças quilombolas, afirma Sr. Juca:

Eu falo que importante é tudo o que ensinam desde as nossas tradições o cururu o siriri, a nossa cultura, nossas lendas. O cururu e o siriri que eram as nossas diversões desde criança, então é importante as crianças aprenderem na creche, na escola e com a família, também acho importante que as crianças aprendam a rezar, aqui na comunidade tem ótimas catequistas que evangelizam nossas crianças. Eu fui aprender a rezar depois que eu entrei na escola porque quando estava em casa a gente não prestava muita atenção não que a minha mãe não rezava mais era só na sexta Santa que a gente rezava e a gente tinha o terço mas chegava na hora as crianças não prestavam atenção. Eu acho muito bonito ver as criancinhas rezando o Pai Nosso a Ave Maria. A religião precisa ser trabalhada em casa e na escola também, para que as crianças cresçam adultos educados e tenham Deus no coração. Assim teremos um mundo melhor. Também acho importante que os pais ensinem seus filhos a respeitar os professores e as pessoas mais velhas. (Entrevista com Sr. José Atanázio de Lima, 07/09/2020).

Ele explica como são as infâncias nas famílias na Comunidade do Chumbo.

Aqui na nossa comunidade tem crianças que os pais deixam brincar bastante, brincam com irmãos, com seus amiguinhos e primos, no fundo do quintal. Algumas se reúnem para jogar bola na rua, na quadra. E também tem crianças que a gente quase não vê brincando, mais a maioria brinca, brinca bastante, tem uns meninos que saem com pelóte para pelotear os passarinhos (pomba) e também tem aquelas crianças que desde cedo precisam trabalhar para ajudar em casa, elas limpam quintal, vendem alguma mercadoria na porta da casa, é um trabalho que não é pesado. (Entrevista com Sr. José Atanázio de Lima, 07/09/2020).

Sua opinião quanto ao fato de as crianças pequenas estarem na escola desde bebezinhas, menciona que:

Eu acho bom, mas sobre isso é bom ás famílias pensarem melhor, porque eu penso que as crianças com menos de 1 ano deveriam ficar mais tempo com a família, com a mãe, receber carinho, receber o leite materno. Mais aquelas crianças que seu pai sua mãe trabalham aí o melhor é deixar na creche. (Entrevista com Sr. José Atanázio de Lima, 07/09/2020).

Em se tratando do fato em relação a se há algo da cultura quilombola do pantanal que é trabalhado na escola que o faça perceber que a identidade quilombola será socializada com as crianças, Sr. Juca destaca:

Na Creche é trabalhado muitos projetos inclusive sobre a nossa cultura, nossas danças, músicas, nosso modo de falar, as comidas típicas, trabalham também sobre as plantas medicinais. As maiorias das professoras nasceram nesta comunidade e aprenderam com suas famílias e agora ensinam seus filhos e as crianças que estudam na Creche isso faz fortalecer a identidade e valorizar as suas raízes. (Entrevista com Sr. José Atanázio de Lima, 07/09/2020).

Menciona também os pontos positivos e negativos do atendimento das crianças residentes no bioma Pantanal da Comunidade Quilombola Chumbo de Poconé/MT.

Sobre pontos positivos são mais do que os negativos, nós da comunidade são felizes por ter uma creche e uma escola aqui. Tem outras comunidades que gostariam de ter uma escola e não tem, outros tinham e foi fechado e nós aqui temos escola e creche e estamos de braços abertos para receber todos. A creche tem uma boa estrutura física, têm ótimas professoras a maioria filha desta comunidade, então tudo isso é positivo. E sobre os pontos negativos eu vejo é que tem muitas crianças que vem de longe embarca no ônibus cedinho às vezes sem comer nada. Ainda bem que a creche oferece merenda reforçada. (Entrevista com Sr. José Atanázio de Lima, 07/09/2020).

Sua percepção sobre como a escola organiza as práticas pedagógicas promotoras do desenvolvimento da identidade quilombola e pantaneira das crianças da educação infantil é enfática:

Olha, eu estou sempre presente na creche e vejo um lindo trabalho de todos, eles trabalham muito com projeto e chama os pais, os anciãos para participarem. Sempre que me chamam eu vou! Gosto de ensinar o que eu sei, vou lá conto histórias para as crianças, toco a minha viola, canto o siriri eu animo as crianças e também dou muito conselho para elas. As professoras e as crianças também vêm na minha casa as professoras andam com as crianças ai no quintal olham as plantas as ervas medicinais ai quando chega minha vez eu converso com todos, explico e as vezes eu e minha esposa Ana nós fazemos um xarope, um chá para eles entenderem melhor o que esta sendo explicado. Porque vendo aprende melhor. (Entrevista com Sr. José Atanázio de Lima, 07/09/2020).

O Sr. Juca menciona que para a escola ampliar e melhorar a educação dessas crianças, ela pode continuar fazendo o que já faz e buscar as famílias para serem mais presentes na escola de seus filhos. “Para melhoria seria a melhor valorização das professoras e de todos os outros funcionários”.

Após ouvir as ricas contribuições do Sr. Juca, na sequência, foi realizada a entrevista com a anciã Ana Luiza de Almeida Lima de 62 anos. Ela possui nível médio completo, é professora aposentada, chegou nesta comunidade ainda adolescente. E destaca:

Morar aqui é muito bom, aqui tenho minha família, meus filhos são casados e também moram aqui, e meus amigos também. É uma comunidade bastante tranquila onde um morador cuida do outro, não temos violência, roubo. Aqui temos grupos de oração fazemos visitas nas casas, levamos a palavra de Deus, isso ajuda para se ter uma comunidade de paz. Na nossa comunidade é muito forte a questão cultural, temos festas de santos, da padroeira e nesses momentos reunimos toda a comunidade local e vizinhas para festejar, dançar o siri, o cururu. E nessas festas é oferecido o bolo com chá, o almoço e a janta.

Aqui ainda trabalhamos o cultivo da roça, não como antes, mas ainda acontece. Trabalhamos muito sobre as plantas medicinais e os remédios caseiros. Eu e meu esposo o Juca, cultivamos em casa em uma pequena horta, plantas medicinais, produzimos os remédios e sempre que alguém da comunidade precisa, corre aqui porque sabem que nós temos. Aqui conseguimos manter vivos os conhecimentos que herdamos dos antepassados. (Entrevista com Ana Luiza de Almeida Lima, dia 07/09/2020).

Em se tratando da relação com as crianças menciona que:

Eu me relaciono muito bem com as crianças, aqui em casa vem muitas crianças, algumas vem com as professoras para estudar sobre as plantas medicinais, conhecer essas plantas, mostramos cada uma e falamos para o que serve. Para que quando chegarem em casa possam contar para seus pais. E quando me convidam para vir na creche ou na escola eu faço questão de ir e lá conversar com as crianças. (Entrevista com Ana Luiza de Almeida Lima, dia 07/09/2020).

A mesma destaca como importante na educação das crianças quilombolas que elas recebam o conhecimento sobre nossa cultura, sobre a religião e que esse trabalho seja feito na escola junto com a família e explica como são as infâncias nas famílias aqui da Comunidade do Chumbo.

Aqui as crianças gostam muito de brincar, brincam no quintal entre irmãos, com amiguinhos, alguns os pais deixam jogar bola na rua ou na quadra, jogam bets, queimada. Quando estão na creche ou na escola elas brincam lá dentro do espaço com o que os professores oferecem e quando estão fora as nossas crianças mantêm respeito pelos pais e brincam somente do que é permitido. (Entrevista com Ana Luiza de Almeida Lima, dia 07/09/2020).

Sobre as crianças pequenas estarem na escola desde bebezinhas, menciona que:

Penso que ter essa creche, com essa estrutura aqui na comunidade foi uma grande conquista, inclusive eu já trabalhei na creche, quando funcionava no centro comunitário, chamávamos de creche e era responsabilidade da Secretaria de Ação Social. Todo tempo as mães precisaram da creche, sou a favor do atendimento inclusive para os bebês, porque essa interação ajuda no desenvolvimento das crianças. (Entrevista com Ana Luiza de Almeida Lima, dia 07/09/2020).

Em relação a se há algo da cultura quilombola e do pantanal que é trabalhado na escola que a faça perceber que a identidade quilombola será socializada com as crianças, Ana Luiza explica que:

Sim, os profissionais da creche realizam um excelente trabalho através de projetos trabalham sobre a nossa cultura, identidade, nossas raízes, realizam oficinas e algumas com a nossa participação dos anciãos, é um trabalho que envolve as crianças e os pais. Eu vou sempre à creche a pedido das professoras, quando eu não vou, elas e as crianças veem na minha casa eu os recebo, fazemos uma grande roda, aí eu explico sobre as ervas, raízes, cascas e plantas medicinais. As crianças saem da minha casa com vidrinho de xarope e levam para casa. Essa prática vem de nossos ancestrais, eu aprendi e agora ensino meus filhos, minhas filhas que são professoras e as crianças da creche. Também recebo em minha casa muitas mães que vem em busca de receitas ou do remédio pronto, isso porque a criança fala que o remédio é bom. Eu cultivo mudas dessas plantas e quando aparece mães pedindo ajuda eu logo faço a doação dessas mudas. Isso com objetivo de ampliar os conhecimentos. (Entrevista com Ana Luiza de Almeida Lima, dia 07/09/2020).

Como pontos positivos e negativos do atendimento das crianças residentes no bioma Pantanal da Comunidade Quilombola Chumbo de Poconé/MT ela menciona:

Pontos positivos vejo o quadro de profissionais que são todos qualificados com nível superior, as vagas disponíveis para atendimento é um número bom, e lá na creche elas sempre dão um jeito de atender. Sobre os pontos negativos, quanto a estrutura física que precisa ampliar e também penso que o transporte deveria ser adequado para as crianças. (Entrevista com Ana Luiza de Almeida Lima, dia 07/09/2020).

Em se tratando da forma como a escola organiza as práticas pedagógicas promotoras do desenvolvimento da identidade quilombola e pantaneira das crianças da educação infantil, Ana Luiza afirma:

Eu fico feliz por ver creche bem organizada, com excelentes professores, com materiais pedagógicos tudo isso permite sucesso da instituição. As práticas pedagógicas acontecem através de projetos pedagógicos, oficinas com participação de toda comunidade escolar, as famílias e os anciãos. Quando eu trabalhava na creche um dia fomos falar sobre as plantas medicinais e acreditem vocês, que umas mães foram lá na creche para falar que isso era coisa de quem não tinha o que fazer, queria até me expulsar. Então hoje eu fico muito feliz de ver que esse trabalho esta sendo realizado e os pais estão valorizando e aprendendo juntos para manter vivo as nossas raízes. (Entrevista com Ana Luiza de Almeida Lima, dia 07/09/2020).

Para a escola ampliar e melhorar a educação das crianças ela destaca que:

A gestão municipal poderia ampliar salas de aulas e a gestão escolar poderia adquirir mais brinquedos pedagógicos e também trabalhar com mais frequência a confecção de brinquedos para incentivar o brincar com brinquedos recicláveis. Eu sugiro que o currículo seja de acordo com a realidade do local e não o mesmo da cidade. (Entrevista com Ana Luiza de Almeida Lima, dia 07/09/2020).

O terceiro entrevistado Sr. Benedito Santana Rodrigues Cunha, tenho 63 anos, que chegou na comunidade em 1983. Ele menciona que havia estudado até a 4ª série e nos últimos anos voltou a estudar e recentemente conclui o ensino médio pela modalidade EJA. “Estudei aqui na escola da comunidade. Sou agricultor e atualmente estou como administrador geral da comunidade”.

Em se tratando de como é ser um morador da comunidade quilombola, ele explica:

Olha ser morador daqui é muito bom, aqui temos nossa família, nossos filhos, netos e amigos. E somos uma grande família, cuidamos uns dos outros, aqui não tem a violência que tem na cidade. (Entrevista com Sr. Benedito Santana Rodrigues, dia 07/09/2020).

Também evidencia como é a sua relação com as crianças, ao afirmar que:

Tenho uma relação muito boa com as crianças desta e de outras comunidades, pois aqui estuda criança de várias comunidades. Eu sempre vou na Creche para saber se está tudo bem, converso com as crianças e sou respeitado por elas. (Entrevista com Sr. Benedito Santana Rodrigues, dia 07/09/2020).

E destaca como importante na educação das crianças quilombolas “que elas estudem que venham para escola desde cedo para aprender a se relacionar com outras pessoas, aprender algumas escritas e é importante que elas desde cedo aprendam sobre nossa cultura, nossas raízes”.

Sr. Benedito explica como são as infâncias nas famílias na Comunidade do Chumbo.

Aqui nossas crianças brincam bastante em casa nos quintais com seus irmãos e amigos. Infelizmente nossa comunidade não oferece lazer para as crianças, temos uma quadra, campinho, na Creche tem parquinho e brinquedos. Na verdade falta lazer para as crianças. (Entrevista com Sr. Benedito Santana Rodrigues, dia 07/09/2020).

Sobre as crianças pequenas estarem na escola desde bebezinhas, ele destaca que:

Na minha época eu não tive essa oportunidade de estudar desde cedo porque onde eu morava não tinha escola. Então é muito bom que as crianças possam vir para escola desde pequenos, bebê, se a família precisa a Creche tem que atender. (Entrevista com Sr. Benedito Santana Rodrigues, dia 07/09/2020).

Em relação ao fato de que se há algo da cultura quilombola do pantanal que é trabalhado na escola que o faça perceber que a identidade quilombola será socializada com as

crianças, destaca: “Sim, na Creche se trabalha muito da nossa cultura, das danças, artesanatos e o modo de viver desse nosso povo pantaneiro”.

Em se tratando dos pontos positivos e negativos do atendimento das crianças residentes no bioma Pantanal da Comunidade Quilombola Chumbo de Poconé/MT, menciona que:

Pontos positivos é que aqui na nossa comunidade as crianças e seus pais são muito bem atendidos, temos a Creche, o Postinho de saúde, a Igreja, que as crianças são bem atendidas e estão sempre presente. Quanto a educação escolar na Creche possui ótimas professoras que tem todo o cuidado para ensinar as crianças. E o ponto negativo eu vejo que ainda precisa aumentar mais sala de aula na Creche e oferecer mais lazer para nossas crianças. (Entrevista com Sr. Benedito Santana Rodrigues, dia 07/09/2020).

Sobre a forma pela qual a escola organiza as práticas pedagógicas promotoras do desenvolvimento da identidade quilombola e pantaneira das crianças da educação infantil, compreende que:

Na creche eu vejo que estão sempre trabalhando projeto, oficina, levam pais os Anciãos para ajudar nesse trabalho. Eu sou responsável pelo grupo do siriri mirim, é composto por crianças da Creche e da escola. Então eu ensaio as crianças para dançarem nas festas realizadas na comunidade. E as crianças gostam muito, a gente percebe a alegria nos olhos deles. (Entrevista com Sr. Benedito Santana Rodrigues, dia 07/09/2020).

Em se tratando da forma como a escola pode ampliar e melhorar a educação das crianças explica que:

Vejo que poderia melhorar, assim o poder público ampliar a creche para ter mais salas porque aqui falta sala de aula, mesmo assim a diretora e a coordenadora acolhem todas as crianças não deixam nenhuma criança fora da escola. (Entrevista com Sr. Benedito Santana Rodrigues, dia 07/09/2020).

Como sugestões para melhoria ou para uma política de Educação Infantil Quilombola. Menciona “que se realizem cursos para formação dos professores quilombolas”.

As entrevistas com os três anciãos nos mostram que os anciãos estão sempre presentes na instituição de educação infantil contribuindo com ações da prática pedagógica. Tal participação na vida da creche evidencia o entrelaçamento de diferentes dimensões da educação em que cada possibilidade educativa contribui com o processo formativo das crianças.

Na verdade, a educação é um processo anterior e muito mais amplo do que aquele desenvolvido pela escola; ela se dá em todas as instâncias sociais na família, na

igreja, no local de trabalho, no lazer de forma difusa ou sistemática, com vistas a transmitir às novas gerações, crenças, ideias e valores, o saber comum, os modelos de trabalho, as relações entre os membros, o modo de vida de cada sociedade ou grupo social, enfim a forma peculiar como estes entendem e materializam seu dia-a-dia. (PORTO, 1987: 36).

Podemos afirmar que a educação comunica normas sociais de comportamento, valores e atitudes que agem de forma explícita ou implicitamente, na relação com os aspectos culturais de cada sociedade. Os valores, contudo, construídos pela cultura educativa da Creche Vovó Teófila não evidencia conflitos, diferenças, antagonismos, o que causa estranheza, uma vez que inexistente simetria necessária entre um modelo universal pronto, a ser internalizado e necessariamente seguido.

Ou seja, na prática, em um determinado grupo social, as pessoas agem de forma diferente, de acordo com a perspectiva de seu ambiente, ditada “[...] por gestos manuais, suas habilidades e seus estratagemas e pela enorme gama das condutas que abrange, desde o saber-fazer até a astúcia.” Contudo, há que se considerar que se existe um conflito latente entre os diferentes grupos sociais produzido em especial pelo grau de coerção que um desenvolve sobre o outro, a tendência é de que aqueles que pertencem a uma instância de poder tentem estabelecer sua maneira político-social de visualizar o mundo aos que estão à margem do processo construtivo de identidade. (CERTEAU, 1994: 156).

É diante do contexto de formação de identidade que se encontra a escola atual, como instituição encarregada de desenvolver as possibilidades necessárias para atender as finalidades educativas propostas pela sociedade. Sociedade esta, em que os homens e as mulheres são divididos em categorias diferenciadas de sujeitos, com oportunidades desiguais, incluídas as oportunidades educacionais. Nesta perspectiva, Brandão (1996), entende que a educação se apresenta também como propriedade, mediante sistema e escola, sendo que o controle, que já se acontece em outras instâncias, em geral, relativo aos modos de produção, vai acontecer também junto do que se ensina e a quem ensina.

Para Brandão (1996), o processo educativo ocasionado pela edificação do saber e da cultura popular se dão na perspectiva de reapropriações decorrentes das transformações que incidem necessariamente em transformações sociais. A educação popular, em consonância com o ideário de Freire (1992) e Brandão (1986), se apresenta na perspectiva de um fenômeno de elaboração e apropriação das invenções culturais, disseminados mediante um sistema aberto de ensino e aprendizagem. Ou seja, compõe-se de conhecimentos referenciados advindos da experiência dos sujeitos que fazem parte de grupos sociais diferentes, sendo que,

cada um deles utiliza de metodologias incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas.

Tal perspectiva na visão de Freire:

A questão do empoderamento da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora através de suas próprias experiências, na sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. [...] Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta. (FREIRE, 1998: 138).

Sen (2000) compreender empoderamento como sendo o elo entre as pessoas cuja corporeidade nutre a forma de produção e reprodução social e a coletividade da qual tais pessoas são parte. Evidencia-se desta forma a relação dialética entre reflexão e ação na responsabilidade individual e coletiva via impacto que as escolhas individuais causam na realidade. (GARRAFA, 2005:6).

Corroborando com Freire (1988), Sen argumenta destaca que:

Para que se torne possível superar a fome, a pobreza, as ameaças de destruição do meio ambiente e outras formas de iniquidade, exige-se da sociedade uma postura de cumplicidade fortalecedora da idéia de liberdade, da qual ela mesma não pode se furtar (SEN, 2000, p.06).

Podemos constatar que, de acordo com a percepção de Freire (1998) e Sen (2000), a idéia de empoderamento das pessoas em uma perspectiva individual, em especial em se tratando daquelas em situação de vulnerabilidade em função do processo histórico e das especialidades culturais relativas às sociedades das quais fazem parte, transcorre o todo social, agindo como componente com capacidade para ampliar as vozes dos segmentos destituídos do poder de decisão de forma a promover sua inserção social.

Podemos afirmar que as metodologias utilizadas pela educação sistemática, em articulação com a educação popular, como no da Creche Vovó Teófila, evidenciam o desenvolvimento de conteúdos e possibilidades de avaliações processuais perpassados por um alicerce político estimulador de modificações sociais e orientados por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade, construção identitária e de felicidade. Veja a imagem a seguir que mostra o Ancião Sr. Juca conversando com as crianças dentro da sala de referência.

De acordo com as observações realizadas e com as ricas experiências vivenciadas na comunidade é possível afirmar que os elementos significativos que constituem a educação infantil pantaneira quilombola estão presentes nas: músicas, cantigas, estórias locais, lendas, brincadeiras de roda, brincadeiras tradicionais, vocabulários-modo de falar, festas de santo,

danças, culinária, plantas e ervas medicinais, instrumentos musicais e a relação com o meio ambiente. Estes são elementos da cultura pantaneira e da cultura quilombola que estão presentes no espaço educacional e na comunidade. Comunidade esta que ensina para seus filhos e filhas o valor a vida, aos seres vivos, o respeito e os valores morais para formação de um bom caráter e em comum acordo com a Instituição que busca no trabalho pedagógico atividades que auxiliam as crianças na sua formação humana e cidadã.

No texto intitulado “A Educação Infantil no contexto da Base Nacional Comum Curricular: Em defesa das crianças como seres da natureza, herdeiras das tradições culturais brasileiras” Tiriba e Flores (2016), afirmam que:

Uma proposta curricular pressupõe maneiras de compreender e de desejar a vida. Pressupõe, portanto, formas de conceber o ser humano, a sociedade, o conhecimento. É em consonância com essas concepções que as funções da educação e o papel da escola se definem. A seleção dos conteúdos e dos elementos da cultura cuja vivência será oportunizada pela escola dependerá das concepções de mundo daqueles que formulam os currículos. (TIRIBA e FLORES, 2016, p.169).

Mesmo diante da constatação de que a educação na atualidade em boa medida está a serviço do mundo, do capital, visualizamos uma luz no fim do túnel quando encontramos espaços educativos como o desta pesquisa, em que os atores sociais envolvidos no desenvolvimento da proposta educativa na Educação infantil acreditam na possibilidade de criação de um outro mundo possível via práticas educativas significativas, desenvolvidas a partir de uma realidade carente de sentidos para uma condição específica- a de crianças quilombolas.

Conforme salientam Tiriba e Flores (2016),

Religar com a Natureza, entendida não como simples matéria prima morta para os processos fabris, mas como a própria vida; conceber a escola como espaço de aprender a viver integralmente e não – apenas ou fundamentalmente – como espaço de transmissão/apropriação de conhecimentos (TIRIBA E FLORES, 2016, p. 178).

Na prática, este tem sido o esforço da comunidade da CEI Vovó Teófila, por compreenderem que “Estas são referências fundamentais para construirmos estratégias educacionais que contribuam para uma sociedade planetária em que a espécie humana, em

comunhão com as outras espécies, possa seguir desfrutando a existência em nossa casa maior, nossa Pachamama, a Terra” (TIRIBA e Flores 2016, p.178).

Em conformidade com o pensamento de Vygotsky, é mediante o processo de significação que são desenvolvidos os processos formativos mediatizados pela CEI Vovó Teófila, uma vez que:

A significação, quer dizer, a criação e o uso de signos, é a atividade mais geral e fundamental do ser humano, a que diferencia em primeiro lugar o homem dos animais do ponto de vista psicológico (1995:84). Nos níveis mais altos de desenvolvimento, emergem relações mediadas entre pessoas. A característica essencial dessas relações é o signo ... Um signo é sempre, originalmente, um meio/modo de interação social, um meio para influenciar os outros e só depois se torna um meio para influenciar a si próprio (1995:83) ... (O signo) é o próprio meio/modo de articulação das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem (VYGOTSKY, 1996:114).

Trata-se, portanto de ações desenvolvidas no âmbito da coletividade, com capacidade para fazer a síntese em dado tempo histórico “de um lugar de articulação de diferentes questões e áreas de investigação e que produz um deslocamento conceitual e viabiliza novos modos de compreensão da significação enquanto atividade humana, enquanto prática social”. (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, SILVA & CARVALHO, 2003, p.55).

4.8 As crianças pantaneiras quilombolas e as músicas que alegrem seus cotidianos no CEI Vovó Teófila

A música é uma importante ferramenta pedagógica, desenvolve diferentes habilidades como: o raciocínio, a criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética, além de desenvolver a linguagem oral, a afetividade, a percepção corporal e também promover a socialização, ela traz consigo uma mensagem, que é trabalhada mostrando o lado positivo e negativo.

Para Weigel (1988, p. 15), assegura que o trabalho com a música pode proporcionar essa integração social, já que as atividades geralmente são coletivas e o trabalho em grupo produz compreensão, cooperação e participação.

A afetividade é uma sensação de prazer que possibilita expressão dos sentimentos perante os outros, desenvolvê-la acarreta uma sensação de segurança. Quando expressamos nossos sentimentos ocorre o desenvolvimento da sensação e de realização.

De acordo com Leda Osório Mársico (2011), estudos realizados permitem dizer que a infância é um grande período de percepção do ambiente que nos cerca, pois a criança é influenciada pelo que acontece a sua volta. A música desenvolve uma linguagem que comunica e expressa sensações, proporciona o fortalecimento do vínculo, expressa alegria e segurança entre criança com criança e criança com adulto.

No CEI Vovó Teófila possui uma rotina para o cantar, de início antes do lanche, das refeições, após as refeições no pátio e nas salas de referência antes de iniciar as atividades e durante a execução de alguma atividade, como forma de socialização e introdução a temática proposta.

Apresentamos algumas letras de músicas que foram trabalhadas no período das observações participativas como complemento pedagógico.

A música meu lanchinho cantada antes das refeições, este trabalha a importância de se alimentar, as crianças e professoras cantam fazendo gestos. Veja a letra da música:

Meu Lanchinho

Meu Lanchinho! Meu lanchinho,
vou comer! Vou comer!
Para ficar fortinho! E crescer!
Quem não come, quem não come!
Passa mal, passa mal!
Fica bem doente e vai para o hospital!

Outra música muito cantada foi a Pombinha Branca, a partir desta música foi conversado que criança não namora e sobre o cuidar da limpeza do ambiente e da sala.

Pombinha Branca:

Pombinha Branca, que está fazendo
Lavando roupa pro casamento
Vou me lavar, vou me trocar
Vou na janela pra namorar
Passou um moço, de terno branco
Chapéu de lado, meu namorado
Mandei entrar, mandei sentar
Cuspiu no chão
Limpa aí seu porcalhão
Tenha mais educação
Limpa aí seu porcalhão
Tenha mais educação.

E a música Jacaré do Pantanal, muito animada bem dançante. Com esta música refletiu-se sobre os animais do pantanal da nossa comunidade, em especial, sobre o jacaré, que quando as crianças saírem para pescar com seus pais tomem cuidado com o jacaré que é perigoso. E que também não pode matar nossos animais.

Jacaré do Pantanal

Eu sou, eu sou, eu sou o jacaré do Pantanal,
 Balança o rabo jacaré, balança o rabo jacaré,
 balança o rabo jacaré do Pantanal .
 Eu sou, eu sou, eu sou o jacaré do Pantanal,
 Balança o rabo jacaré, balança o rabo jacaré,
 balança o rabo jacaré do Pantanal.

As músicas sobre casa foram trabalhadas introduzindo o tema onde moro como é minha casa e a valorização da sua casa do jeitinho que ela é.

A Casa

Era uma casa Muito engraçada
 Não tinha teto, não tinha nada
 Ninguém podia entrar nela, não
 Porque na casa não tinha chão
 Ninguém podia dormir na rede
 Porque na casa não tinha parede
 Ninguém podia fazer pipi
 Porque penico não tinha ali
 Mas era feita com muito esmero
 Na Rua dos Bobos número Zero

A casa bem fechada

Era uma casa, bem fechadinha
 Abre a janelinha, deixa o sol entrar
 Perto da casa tem uma arvore
 E os passarinhos, pousam nela assim
 Perto da arvore, tem uma ponte
 E por baixo dela passa um rio assim
 Esta trovejando e escurecendo
 Fecha a janelinha, que já vai chover.
 Dentro da casa tem um anjo que Jesus mandou
 pra cuidar de mim!Que Jesus mandou !
 Pra cuidar de mim.

Com a música Formiguinha foi trabalhada a questão da solidariedade, ajudar o próximo e introduziu a temática onde moro. Mostrou que os animais, os insetos e os seres vivos também têm moradia e cuida, zelam do seu espaço. Para melhor compreender a temática da música, foi realizado aula no espaço externo do CEI, no quintal. As crianças saíram em busca da casa da formiga, o formigueiro.

Formiguinha

A formiguinha corta a folha e carrega
 Quando é pesada a outra pega
 Oh! que exemplo glorioso,
 A formiga ensinando o preguiçoso
 Deus não quer preguiçoso em sua obra
 Deus não quer preguiçoso em sua obra
 Porque se não o tempo.

As crianças também tinham os momentos das brincadeiras livres que aconteciam, na sala de referência no pátio, cantavam livremente. Estas são algumas das músicas:

Formiguinha

Fui ao mercado comprar café
 E a formiguinha subiu no meu pé
 Eu sacudi, sacudi, sacudi
 Mas a formiguinha não parava de subir
 Fui ao mercado comprar batata roxa
 E a formiguinha subiu na minha coxa
 Eu sacudi, sacudi, sacudi
 Mas a formiguinha não parava de subir
 Fui ao mercado comprar melão
 E a formiguinha subiu na minha mão
 Eu sacudi, sacudi, sacudi
 Mas a formiguinha não parava de subir
 Fui ao mercado comprar gerimum
 E a formiguinha subiu no meu bumbum
 Eu sacudi, sacudi, sacudi
 Mas a formiguinha não parava de subir
 Fui ao mercado comprar um giz
 E a formiguinha subiu no meu nariz
 Eu sacudi, sacudi, sacudi
 Mas a formiguinha não parava de subir
 Fui ao mercado comprar café
 E a formiguinha subiu no meu pé
 Eu sacudi, sacudi, sacudi
 Mas a formiguinha não parava de subir

A cobra

A cobra não tem pé, a cobra não tem mão
 como é que a cobra sobe no pezinho de limão?
 como é que a cobra sobe no pezinho de limão?
 A cobra vai subindo, vai, vai, vai
 Vai se enrolando, vai, vai, vai

A cobra não tem pé, a cobra não tem mão
 Como é que a cobra desce do pezinho de limão?
 Como é que a cobra desce do pezinho de limão?
 A cobra vai descendo, vai, vai, vai
 Vai desenrolando, vai, vai, vai.

Voa Borboleta

Eu vi uma borboleta voando no jardim, tão bonitinha voava assim!
 Voa borboleta, voa borboleta, voa...
 Eu vi uma formiguinha andando no jardim, tão bonitinha andava assim!
 Anda formiguinha, anda formiguinha, anda assim!
 Eu vi um tatu bola rolando no jardim, tão bonitinho rolava assim!
 Rola tatu bola, rola tatu bola, rola assim!

Tango tarango tango (cantiga de roda)

Tango tarango tango, pé de carrapicho joga a fulana (o) na lata do lixo,
 Tango tarango tango, pé de carrapicho joga a fulana (o) na lata do lixo,
 Tango tarango tango, pé de carrapicho tira a fulana (o) da lata do lixo,
 Tango tarango tango, pé de carrapicho já saímos todos da lata do lixo

Para entrar na casa do ZÉ

Pra entrar, pra entrar na casa do Zé
 Tem que bater o pé!
 Pra entrar na casa do Zé, tem que bater o pé!
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Mas você tem que bater palmas também
 Mas você tem que bater palmas também
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Mas você tem que dá um pulinho também
 Mas você tem que dá um pulinho também
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Mas você tem que dá uma rodada também
 Mas você tem que dá uma rodada também
 Dá uma rodada, dá um pulinho.
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Mas você tem que dá uma rebolada também
 Mas você tem que dá uma rebolada também
 Dá uma rebolada, dá uma rodada, dá um pulinho.
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé

Lê lê a, agora já posso entrar
 Lê lê a, agora já posso entrar
 Mas você tem que abraçar o colega também
 Mas você tem que abraçar o colega também
 Abraçar o colega, dá uma rebolada, dá uma rodada, dá um pulinho.
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Bater palma, bater o pé, para entrar na casa do Zé
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Olê ola lá! Agora já posso entrar
 Olê ola lá! Agora já pode entrar
 Olê ola lá! Agora já pode entrar

Lá vem seu Manoel

Lá vem seu Manoel comandando o batalhão
 O macaco vem montado na cabeça do leão,
 O gato faz miau, miau, miau!
 O cachorrinho Bidu faz au, au, au,au!
 O peru faz glu, glu, glu!
 O bode faz bé, bé, bé!
 O galo ganizé faz queré, queré!

4.9 Entrelaçando as significações e tecendo a RedSig

Em conformidade com o pensamento de BaKhtin (2009), as palavras são tecidas á partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (p. 42). Ou seja, as palavras se apresentam como fios ideológicos nas tramas e nas relações sociais vivenciadas com e entre os sujeitos.

Nesta direção, apresentamos outras vozes que participaram da tessitura da pesquisa para compor nossa “Rede de significações” a respeito da educação infantil quilombola, partindo da idéia de que as significações são estabelecidas nas diferentes possibilidades de interação social, nas ações e nas práticas cotidianas.

Rossetti- Ferreira e as demais autoras que elaboraram a perspectiva da RedSig (2004) enfatizam que significação diz respeito a criação e o uso de signos caracterizando-a como a atividade mais fundamental do ser humano. Elas são expressas mediante linguagem manifestadas também nas ações do dia a dia.

Ao analisarmos a educação infantil ofertada às crianças de uma comunidade quilombola no pantanal mato-grossense, município de Poconé – MT, foi possível constatar que a modalidade é desenvolvida mediante o entrelaçamento entre as diferentes possibilidades

educativas que levam em consideração a educação formal e sistemática, a educação não formal e a informal e também a educação popular em uma perspectiva harmônica.

Nossa percepção é a de que:

As crianças do campo têm rotinas, experiências estéticas e éticas, ambientais, políticas, sensoriais, afetivas e sociais próprias. Os tempos de plantar e de colher, os ciclos de produção, de vida e de morte, o tempo das águas e estiagem, as aves e bichos do mato, dos mangues, dos pantanais, a época de reprodução dos peixes, aves, pássaros e outros animais, o amanhecer e o entardecer, o tempo de se relacionar com os adultos e 128 crianças, tudo isso marca possibilidades diferenciadas de viver a infância, na multiplicidade que o campo brasileiro se configura, numa relação orgânica com a terra que pinta os pés com força e marca a pele, os dedos e as unhas e delinea sorrisos. (SILVA e PASUCH, 2012 p.1).

A creche e ou a escola consiste no local de desenvolvimento de diferentes capacidades: cognitivas, afetivas, físicas, éticas, de inserção social e de relação interpessoal, dentre outras, mas, as aprendizagens também dependem de como esse processo educativo está organizado em suas diferentes dimensões: políticas, técnicas, administrativas e pedagógicas. De modo que, a educação precisa contribuir progressivamente para a formação de cidadãos capazes de responder aos desafios colocados pela realidade atual.

E para que aconteça uma formação que contribua para isto, a escola deve garantir aos seus estudantes às crianças aprendizagens diversificadas, possibilitando que ao longo da escolaridade adquira conhecimentos que lhe dê sustentabilidade desde seu processo formativo até ser possível ocorrer mudanças no seu cotidiano.

Sabe-se que a creche e ou a escola consiste na principal agência democrática de produção e transmissão do patrimônio cultural da humanidade; de que múltiplos processos educativos ocorrem de forma difusa, de maneira informal, envolvendo a sociedade como um todo; de que há espaços de educação onde os processos de ensino e de aprendizagem podem ser planejados, de que as necessidades atuais da sociedade e do mundo do trabalho exigem dos profissionais de educação uma diversificação maior de funções em razão dos próprios pais que, na sua maioria, e, pela obrigação do trabalho, não conseguem mais tempo para ficarem com seus filhos, com isso, as responsabilidades que são suas passam a dividir com os professores.

A escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz não é uma tábula rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas”, questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem provisoriamente. Por causa disso, muitas vezes, o ensino choca-se de frente com as *concepções dos aprendizes* (PERRENOUD, p.28, 2000).

Por tudo isso, a necessidade da escola oferecer aos estudantes condições para que realmente eles tenham uma aprendizagem que colabore para seu desenvolvimento e, ao professor, é preciso saber em que consiste a aprendizagem, ou seja, como se aprende, para saber como ensinar e, a partir daí, construir caminhos e buscar respostas educacionais efetivas para atender as necessidades específicas de cada criança, só assim conseguiremos oferecer um ensino de qualidade.

O papel do professor centraliza-se na provocação de oportunidades de descobertas, através de uma espécie de facilitação alerta e inspirada e de estimulação do diálogo, de ação conjunta e da construção do conhecimento pela criança (EDWARDS, p.153, 2016).

Pensando no trabalho da escola de educação infantil, visualizamos nas práticas desenvolvidas pela CEI Vovó Teófila, o envolvimento no processo educativo das crianças e possuem muito claro a concepção de criança, além de assegurar formas de trabalho da equipe no sentido de atender às novas finalidades atribuídas, na atualidade para a educação infantil. Pensar a escola desta maneira significa pensar também na formação do professor, valorizando-o que necessita de condições adequadas de trabalho para que seja realizado com sucesso.

Entende-se como formação de qualidade, aquela que oferece recursos para o profissional ou futuro professor, conhecer com clareza os objetivos do ensino; conhecer com profundidade as condições histórico-sociais do processo educacional, conhecer as estruturas institucionais em que vai atuar, conhecer também as características psicológicas, sociais e culturais de seus alunos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB – Lei nº. 9.394/1996, artigo 32, nos incisos II e III, enfatiza a formação cidadã, formação esta que proporciona ao educando compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores em que se fundamenta a sociedade.

A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades de modo a favorecer a compreensão e a intervenção dos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruírem as manifestações culturais nacionais e universais (MEC, p.45, 1996).

Assim sendo, há necessidade de uma formação que possa proporcionar ao educando o conhecimento dos componentes curriculares, a compreensão do ambiente natural e social,

da política e da tecnologia, bem como, a formação de atitudes e valores prepositivos para a sociedade.

Portanto, o professor precisa estar realmente preparado e, esta preparação, faz-se nos cursos de formação e ele tem a obrigação de ir à procura de aprimoramento permanente, tem que ter um apreço pelo ofício que adotou e ser capaz de aplicar sua autoridade com prudência e neutralidade, estando a todo o momento preparado para ponderar, acerca de sua metodologia, seu comportamento em sala de aula, a reorganizar sua atividade didática, como propósito de incentivar o aprendizado e o encorajamento dos seus educandos, de forma que cada um deles possa ser um indivíduo independente, ciente, comunicativo, que tenha um senso questionador de sua realidade.

A creche consiste no lócus onde se dá o início da aprendizagem da criança que, uma vez afastado de seu ambiente pessoal, é o educandário que assume o controle do acesso ao conhecimento da criança e, para que isso atue de forma harmonizada, é fundamental oferecer circunstâncias para que ela se sinta amparada e zelada. Assim sendo, fica claro a importância do professor no processo de aprendizagem que detenha o discernimento de seu valor, não apenas para reprisar as ações cotidianas, mas agir como um verdadeiro transformador da rotina, com visão de senso crítico das situações, gerando assim, a ânsia pelo conhecimento.

A pesquisa evidencia que a CEI Vovó Teófila, está a serviço das necessidades e características de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, independentemente do sexo, etnia, cor, situação socioeconômica, credo, religião e ideologia política, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana e contraria qualquer forma de preconceito ou de discriminação.

Quanto ao pensar e fazer a Educação Infantil é primordial explorarmos nas crianças as suas habilidades e atitudes, e não somente no campo cognitivo. Pensando e acreditando nisso, é que a CEI Vovó Teófila propicia às crianças desde pequenas a serem instigadas a observar fenômenos, relatar acontecimentos, formular hipóteses, prever resultados para experimentos, conhecer diferentes contextos históricos e sociais.

Além do cuidado e da educação com a criança, possibilitar aos pais estarem inseridos no mercado de trabalho, melhorando, assim, as condições sociais da família. Respeitando o aluno na sua faixa etária, características e necessidades, estimulando-o a descobrir alternativas e aplicar os princípios no seu viver diário, valorizando cada experiência proporcionando espaços para que vivam suas infâncias.

É possível perceber que a CEI Vovó Teófila tem como objetivo, de um modo geral, efetivar no educando, sua participação ativa no processo de aprendizagem, seu preparo para a cidadania, o seu desenvolvimento dos aspectos cognitivos, social, físico, psicológico, intelectual, moral e identitária.

Ao pensarmos no atendimento integral da criança, é preciso levar em consideração o tempo em que essa criança fica no ambiente escolar. Sendo assim, é preciso que esse período seja prazeroso, divertido e traga aprendizado significativo para a criança. A referida creche, a fim de estabelecer os objetivos gerais da educação infantil, parte da concepção de criança de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

A proposta curricular da educação infantil na CEI Vovó Teófila busca, em consonância com as teorias interacionistas de Piaget e Vygotsky, desenvolver o que preconizam os principais documentos estruturantes da Educação Infantil: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), Parâmetros de Qualidade para Educação Infantil, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola e Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Pensando e acreditando nas dimensões políticas que perpassam o contexto formativo é que a CEI Vovó Teófila propicia às crianças, desde pequenas, a oportunidade de observar os fenômenos da natureza, relatar acontecimentos, formular hipóteses, prever resultados para experimentos, conhecer diferentes contextos históricos e sociais.

A prática desenvolvida pela CEI Vovó Teófila busca, mediante a prática educativa desenvolvida, formar cidadãos críticos, capaz de analisar, entender e dominar a realidade em que está inserido. Assim, possibilita ao educando, sua participação ativa no processo de aprendizagem, seu preparo para a cidadania, o seu desenvolvimento dos aspectos cognitivos, social, físico, psicológico, intelectual e moral.

Através das atividades pedagógicas desenvolvidas pela CEI Vovó Teófila, propõe-se que a criança se relacione, crie, invente, construa, imagine, experimente, observe, fantasie, brinque, questione e acima de tudo, divirta-se, por meio de novos momentos de comunicação

construindo o conhecimento e a aprendizagem com diferentes formas de linguagens, pois, através das suas expressões, as crianças constroem a si mesmo e sua cultura.

Na perspectiva da participação da comunidade, no processo educativo desenvolvido pela CEI vovó Teófila, conforme foi descrito anteriormente, a presença dos anciãos no dia a dia no Centro de Educação Infantil Vovó Teófila, mistura os elementos da educação sistemática com a educação popular. Tal perspectiva pode ser visualizada mediante a contação dos contos, sendo que eles assinalam o imaginário de diferentes gerações, localidades geográficas e culturais, de maneira que, mesmo na contemporaneidade, atribuem sentido para muitos.

Queiroz (2007) afiança que o ritmo, a teatralização e os gestos do contador de histórias possibilitam um resultado sinérgico que envolve a todos, remexendo fortemente na imaginação dos ouvintes. Nesse sentido, parece que a ambiência da comunidade permite ou se auxilia na composição das narrativas, o que, talvez, em função da conjuntura, uma vez que nem todas as crianças possuem acesso a brinquedos eletrônicos, tecnologias de comunicação que possam desviar a atenção.

No dia a dia da rotina da CEI Vovó Teófila, a televisão é pouco utilizada. Tal realidade contribui para o desenvolvimento do diálogo e as narrativas possam fluir sem pressa, mediatizadas pela história e memória dos anciãos. A ambiência do espaço educativo aproxima as pessoas e contribui no processo de valorização das narrativas, de forma a tornar as pessoas mais unidas umas às outras. Importante se faz destacar que os valores tais como o respeito, a educação, a partilha, a união e a amizade são sempre lembrados e reiterados nesses instantes educativos, além de perpassados pelas histórias.

Podemos afirmar que os idosos, talvez sem que saibam, cumpriam com o desempenho familiar de práxis pedagógica espontânea, uma vez que são eles que desenvolvem a posição de contador. Bosi (1994) destaca que os anciões são detentores de uma memória abastada de histórias do vivido, edificada no movimento de sua existência. Halbwachs (1998) completa asseverando que os contadores de histórias, ao narrarem, divulgam suas lembranças e memórias mais profundas.

Pollak (1992) compreende que os velhos desempenham o papel de dar continuidade às tradições e valores socioculturais, tendo em vista que, na perspectiva de guardiões da palavra e da memória, evidenciam o universo cultural da ambiência em que vivem.

Segundo Castilho e Campos (2019, p. 185), “em relação às narrativas na ambiência de comunidades negras, Hampaté Bâ (2010) e Vansina (2010) também ressaltam a importância dos idosos na sua sustentação da história do grupo, no qual, eles seriam o alicerce e a base onde se reúnem a memória e a enciclopédia da comunidade. Por isso, são considerados os guardiões dessas histórias, com todos os seus sistemas simbólicos de significação”.

Castilho e Campos (2019, p. 187), continuam que “os seres humanos, ao longo dos tempos, sempre contaram histórias, e suas narrativas espontâneas, reais ou fictícias refletiam a busca de explicação e compreensão da ambiência em que viviam. Nesse contexto, nascem os mitos e as lendas. No enfoque das perspectivas de Krugers (2011), há uma ligeira diferença entre elas”.

Castilho e Campos (2019, p. 188 apud Bosi 1994), “argumenta que, em comunidades tradicionais, os idosos são tidos como os guardiões da palavra, os narradores-mestres, portanto, os responsáveis pela preservação de um tesouro espiritual de apreço para o grupo, por semearem as tradições culturais na ambiência. Hampaté Bâ (2010 apud), para algumas populações africanas, a explicação é que a oralidade surgiu a partir do momento em que Deus (Maa Ngala), ao fazer a natureza incompleta, criou o homem (Maa) para dar continuidade à sua obra, e aperfeiçoá-la. Mas, para que isso sucedesse, houve necessidade de criar, entre ambos, uma forma de comunicação”.

Então, Castilho e Campos (2019, p. 188-189), “nesse cenário é que surge a palavra, fruto da ponte dialógica entre o homem e os deuses, a qual se deu mediante pelo sopro divino. A palavra, de divina, se tornou, então, sagrada. Para o mesmo autor, a tradição oral se baseia em certa concepção de homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo. Nesse panorama a sociedade ancestral negra é considerada uma das referências nessa tradição, em que histórias, contos, lendas, mitos e rituais são criados, narrados e compartilhados por avós, pais, filhos e todos da coletividade social”.

Em conformidade com o que já fora mencionado anteriormente, a comunidade quilombola Chumbo, onde foi realizada esta pesquisa, fundamentada em Castilho e Campos (2019, p.189), “têm na oralidade uma dimensão importante das significações de sua vida e vivência”.

A pesquisa evidencia a necessidade de ao falarmos da dimensão relativa às relações étnico-raciais no campo educativo e mesmo em outros locais de nosso dia a dia, temos a tarefa

de pensar necessariamente nas ações afirmativas, a fim de buscar atribuir em nossa realidade uma igualdade de oportunidades na sociedade.

Nesta direção Munanga (2005), destaca que:

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os educadores (as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-la em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade (MUNANGA, 2005, p.147).

Na atualidade, o Brasil vivencia como umas das iniciativas de ações afirmativas a implementação de políticas educacionais voltadas para diversidade existentes no país mediante a Lei nº 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas instituições de ensino, além das políticas de cotas que já estão em vigor em diferentes instituições de ensino.

Tendo em vista que no ano de 2008, a Lei nº 11.645/08 alterou a Lei nº 9.394/96, que também foi alterada pela Lei nº 10.639/03, tais alterações nas políticas educacionais brasileiras, passam a balizar as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico Raciais-ERER e evidenciam certas proposições quanto ao ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, no qual é válido destacar que algumas determinações, tais como:

É importante destacar que não se trata de mudar o foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeu por uma africana, mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira [...], História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no 2º Estudo das Relações Etnicorraciais. Brasil e serão abordados temas relativos:- o papel dos anciões e dos gritos como guardiões da memória histórica; - a história da ancestralidade e religiosidade africana (...) como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade (BRASIL, 2009).

Tal efetivação na legislação educacional reafirma que a comunidade escolar assume a tarefa de se posicionar na construção e defesa da democracia e da humanização na escola, a fim de assegurar a aprendizagem. Nesta direção, a escola deve visualizar o estudante em seu desenvolvimento biológico, psicológico, social e cultural, para “que considere seus interesses e de seus pais, suas necessidades, potencialidades, seus conhecimentos e sua cultura.” (BRASIL, 2009, p.7).

No que tange às Diretrizes Quilombolas e a importância da aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 na escola bem como os seus objetivos, estes estão evidenciados no Plano Nacional

para EREER e visam à formação dos sujeitos no ambiente escolar, de forma a possibilitar formas para trabalhar a questão da diversidade e do multiculturalismo.

Outro documento essencial na educação brasileira e relativo à temática consiste na resolução 08/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, e diz respeito a um marco histórico em relação à Educação Quilombola Escolar e as lutas do Movimento Negro no Brasil.

O documento institui as seguintes atribuições:

§1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I- organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e se alimentado:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas remanescentes;
- c) dos marcos civilizatório;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo país;
- h) da territorialidade.

II-compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica e Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância.

III-destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica (BRASIL, 2012).

O documento deixa claro quais são as atribuições relativas à Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, fruto de diversas manifestações e contribuições do movimento negro, das lideranças quilombolas, de pesquisadores e órgãos da educação, cujas determinações apresentadas neste documento estabelecem as possibilidades de desenvolvimento da política pública educacional para as comunidades quilombolas em interface com sua produção cultural, social, política e econômica.

Em se tratando do currículo escolar, este apresenta desafios a serem vencidos. Importante se faz pensar a respeito de um currículo que de fato esteja voltado para a diversidade, que consiga trabalhar a cultura e suas significações no ambiente escolar isso se deve ao fato de que apesar das atuais políticas voltadas para esse foco, como as Diretrizes

Nacionais Curriculares para Educação Escolar Quilombola já em parte apresentado neste trabalho.

É com base nos aspectos até aqui apresentados e relativa à temática em questão que chamamos a atenção para uma abordagem sobre o currículo, tendo em vista que se faz imprescindível ir além do que está expresso lei. Ou seja, se faz importante que as creches e escolas em articulação com os órgãos de educação responsáveis, como as secretarias de educação elaborem um currículo escolar com capacidade para atender a demanda da sociedade, a fim de levar em consideração a forma pela qual estão organizadas as escolas quilombolas, como está inserido em seus territórios e que práticas culturais são estabelecidas nesse espaço.

Mais do que nunca, se faz necessário entender o contexto sociocultural das comunidades quilombolas, a fim de desenvolver uma educação que permita o envolvimento das pessoas com a história desses sujeitos sociais a fim de que estes se reconheçam e queiram ser cada vez mais reconhecidos na sociedade em geral. “O currículo se expressa em usos práticos, que, além disso, tem outros determinantes e uma história” (SACRISTÁN, 2000, p. 202).

Lopes e Macedo (2011), ao realizarem uma leitura pós-estruturalista de currículo no que diz respeito à cultura como sistema de significação destacam o caráter expresso na teoria de Hall, de forma a esclarecer que inexistente sentido no objeto em si, em sua materialidade, mas sim mediante a inserção dessa materialidade em dado conjunto de linguagem e ainda na compreensão desse pensamento. Neste sentido declaram que:

[...] múltiplos aspectos da materialidade que não são utilizados na nomeação das coisas e que, por isso, passam despercebidos como se não existissem. A cor da pele, por exemplo, é usada para nomear as raças e, por isso é observada como característica que diferencia os sujeitos, enquanto o formato das unhas [...] nunca é levado em consideração para tal fim. [...] É linguagem que institui a diferença e é assim, cúmplice das relações de poder [...] Esse é o núcleo central do pensamento pós-estrutural (LOPES e MACEDO, 2011, p. 203).

É possível constatar que o processo cultural na perspectiva definida por Lopes e Macedo (2011), considera que os sentidos são edificados mediante a linguagem. Ou seja, é a cultura que institui os sentidos que busca dar significado. Nesta direção o currículo se apresenta, como tantas outras em uma prática de atribuir significados, um discurso que constrói sentidos. O currículo é, necessariamente, uma prática cultural.

[...] Não estamos tratando a cultura como objeto de ensino nem apenas como a produção como a produção cotidiana de nossas vidas. Estamos operando 16 como

uma compreensão mais ampla de cultura como aquilo mesmo que permite significação (LOPES e MACEDO, 2011, p. 203).

De acordo com (SILVA, 2011),

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso, é autobiografia, é documento de identidade, é um lugar onde as identidades são construídas e nele se discute tempo, espaço, autonomia e existência. É no currículo que se debate a importância da diversidade levando em consideração os diferentes lugares e a trajetória percorrida pelos grupos.

Partimos do pressuposto de que o currículo consiste em um processo social perpassado por diferentes conflitos, dentre os quais, os de cunho sociais, simbólicos, culturais e os interesses marcados por ideologias e dominação, interligados a fatores relacionados à raça, gênero, língua e etnia, sendo sempre carregado de intencionalidade. Tal perspectiva vai sendo elaborada mediante a construção de um currículo escolar que seja edificado com um olhar para diversidade cultural. Nesta direção, em sintonia com a dimensão legal em relação a atribuição dos currículos da educação básica na educação escolar quilombola, o documento apresenta algumas determinações como:

Art.34 o currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades.

§1º Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir de valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definindo nos projetos político-pedagógicos. (BRASIL, 2012, p. 34).

Tendo em vista as atribuições estabelecidas via Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012, o currículo escolar quilombola carece ser construído de forma a abranger valores e interesses das populações quilombolas no que diz respeito aos seus saberes e tradições. O documento destaca em seu art. 35, que:

I - Garantir ao educando o direito a conhecer o conceito, a história dos quilombos no Brasil, o protagonismo do movimento quilombola e do movimento negro, assim como o seu histórico de lutas;

II- implementar a Educação para as Relações Étnico-raciais e o Ensino da História e cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos da Lei nº 9.394/96, na redação dada pela Lei nº 10.639/03, e da resolução CNE/CP nº1/2004. III- reconhecer a história e a cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional, considerando as mudanças, as recriações e as ressignificações históricas e socioculturais que estruturam as concepções de vida dos afro-brasileiros na diáspora africana. (...) V-garantir as discussões sobre a identidade, a cultura e a linguagem, como importante eixo norteador do currículo [...] (BRASIL, 2012, p. 34-35).

O currículo escolar quilombola em conformidade com a legislação em vigor avigora as premissas estabelecidas pelo Plano Nacional da Educação para as Relações Etnicorraciais e a importância que apresenta a lei nº 10.639/03. O documento destaca a necessidade de garantia de um trabalho profícuo nas escolas quilombolas mediante a construção de um currículo que possibilite aos alunos conhecerem suas raízes históricas, esforço fortemente evidente na CEI Vovó Teófila, sendo possível perceber o engatinhar para o currículo intercultural.

Ao realizarmos a análise dos dados evidenciados pela investigação é possível perceber que as estratégias utilizadas pelas professoras da CEI Vovó Teófila, se materializa também mediante a construção de projetos pedagógicos que contemplem a história africana e cultura afro-brasileira a fim de aplicarem atividades referentes ao contexto histórico, cultural e social dos quilombos. Em conformidade com o pensamento de Gomes (2003) essa tarefa:

Implica a construção de práticas pedagógicas de combate à discriminação racial, um rompimento com a “naturalização” das diferenças étnico/raciais, (...) Uma alternativa para a construção de práticas pedagógicas que se posicionem contra a discriminação racial (GOMES, 2003, p.77) .

Tais práticas são desenvolvidas na CEI a fim de que os estudantes compreendam as diferenças étnico-raciais. Nesta direção, na CEI em questão, as professoras desenvolvem práticas educativas voltadas para a diversidade cultural e social no ambiente educativo do quilombo. Tal contexto leva a compreender a creche como um espaço sociocultural perpassada por diferentes saberes, práticas educativas e identidades que carece abordar em seu ambiente a valorização e a importância da construção histórica e cultural de nosso país no que tange a diversidade étnico-racial quanto parte da formação de nossa sociedade.

Nessa visão Munanga e Gomes (2006) argumentam que:

É lutando pela legitimação dos valores culturais do povo, que a escola poderá perceber toda a riqueza e complexa simbologia que o aluno traz. Sistematizar toda a essência estética da nossa cultura é fugir das armadilhas ideológicas do preconceito e do recalçamento (2006, p. 133).

A tarefa não consiste somente em conhecer o passado sem adotar práticas e discursos que viabilizem a valorização das questões étnico-raciais do âmbito escolar. “A questão curricular se desdobra também na necessidade de uma política educacional, para reverter positivamente às novas gerações (...), nova interpretação da história e uma nova abordagem da construção de saberes.” (SOUZA, 2012, p.25).

Desse modo, compreendemos o valor dessa valorização aos saberes quilombola a partir de um olhar acerca de sua cultura e história, que devem ser evidenciados na escola, já

que esta é um espaço de transmissão de culturas. É preciso descolonizar e construir uma nova história uma nova prática onde a criança negra desde pequena sinta orgulho de suas raízes, se sinta feliz. Wallon (1989), defende a importância do meio social para o desenvolvimento do processo educativo e da construção identitária. Para o autor, o fator mais importante para a formação da personalidade não é o meio físico, mas sim o social. Destaca ainda a importância do aspecto emocional, afetivo e sensível do ser humano e elege a afetividade, intimamente fundida com a motricidade, como desencadeadora da ação e do desenvolvimento da ação e do desenvolvimento psicológico da criança.

Em se tratando da educação Infantil, a creche na perspectiva de um espaço de construção do conhecimento,

É tecida pelas significações constituídas nas/pelas interações das pessoas possibilitando às crianças a constituição de sentidos para suas vidas escolares. Se a escola tem sentido para a vida das crianças, ela constitui-se como um espaço-tempo de crescimento e valorização humana, do cuidado e da educação do “SER”, das aprendizagens e das relações com o saber. (PASUCH, 2005, p. 19).

Diante do exposto, podemos inferir que é na especificidade do contexto escolar que as crianças estabelecem contornos singulares relativos à forma de se relacionar, de se constituir como sujeitos protagonistas e fortalecem a sua identidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário atual de dificuldades que apresenta a educação infantil frente às questões de quebra de paradigmas e no sentido de traçar propostas curriculares que atendam a realidade das crianças considerando sua própria região, ações essas que hoje são restritas a obrigações curriculares previamente estabelecidas, é que se exalta a importância da presente pesquisa. Com o desenvolvimento deste estudo pode-se afirmar que grandes são os reflexos da prática pedagógica docente no desenvolvimento da imaginação e da fantasia, na perspectiva do processo formativo na educação infantil com crianças, principalmente com as crianças da faixa etária estudada que frequentam a creche.

A referida pesquisa demonstra que o processo de desenvolvimento das crianças da educação infantil na CEI Vovó Teófila, ocorre mediante o desenvolvimento dos eixos estruturantes as Interações e Brincadeira, onde elas exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências e a partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, e para que serve sua produção. Diante desta necessidade, a investigação evidencia que as professoras pesquisadas respeitam as manifestações e necessidades das crianças e oportunizam o contato com suas múltiplas linguagens, com as histórias diárias, desenhos livres e dirigidos, brincadeiras musicais, de roda, as brincadeiras no parque, as dramatizações, pinturas, os cantinhos lúdicos, o faz de conta, aguçando a fantasia e a imaginação das crianças.

Todas essas linguagens são no geral ainda pouco conhecidas na educação das crianças pequenas e conseqüentemente, pouco priorizadas e trabalhadas, por isso hoje se requer do profissional que está na linha de frente, na educação infantil, que ele tenha um olhar minucioso e sensível na observação da criança pequena, que não se deixe levar pelos mais diversos motivos, entre eles, a falta de formação profissional, o pouco recurso material e pessoal, a desmotivação devido à desvalorização da profissão docente.

Assim, a formação continuada como meio de assegurar um caminho de qualificação do trabalho docente deve ser valorizada, e implica a possibilidade de aproximar as teorias apropriadas da prática exercida, produzindo um novo nível de compreensão que corresponde a uma transformação da prática, mesmo que isso ocorra prospectivamente e pressupõe a constituição de uma rede de interações e mediações capaz de potencializar o processo de aprender a ser professor.

Precisamos de fato de uma formação continuada que efetive esses saberes, que leve o professor e a professora a uma reflexão da prática pedagógica, onde a criança seja realmente sujeito de direitos, que seja respeitada como um ser social que tem muito a nos ensinar sobre suas especificidades e compreender sua multiplicidade de linguagens.

Com base nestas afirmativas é que se identifica a necessidade de buscar, através de um olhar crítico, atualizar o papel de cada um dos envolvidos no desenvolvimento da criança, ou seja, tornar cada vez mais íntima a parceria entre escola-família-sociedade. Uma vez que, na instituição escolar a família e a sociedade têm o objetivo de promover ações visando o pleno desenvolvimento da criança, preparando-a para exercer seu papel de cidadania adequadamente.

Com a compreensão sobre os temas abordados, como os de múltiplas linguagens, de ensino aprendizagem, e da trajetória das crianças durante a interação de diversas linguagens e motivados a compreender e contribuir para um ensino voltado para uma educação clara e objetiva, buscando introduzir ao ensino muito mais do que o ler e escrever, mas sim despertar nessas crianças sua imaginação, através de estímulos linguísticos, como a arte, a música, as cores, dentre muitas outras, buscando possibilitar a construção de suas identidades.

Analisando o (PPP) Projeto Político Pedagógico da CEI Vovó Teófila, conclui-se que está em concordância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil do Campo, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, no Documento Referência do Estado de Mato Grosso.

O texto é tecido por fios teóricos e empíricos que indicam a necessidade de que os professores se tornem conscientes de seus processos de aprendizagem, reflitam sobre os mesmos, ao mesmo tempo em que estão cientes de que não existe um modo generalizado de aprendizagem docente, mas que esta ocorre a partir de diferentes caminhos em direção a profissionalidade.

Desse modo, é possível afirmar que a construção do conhecimento pedagógico compartilhado pressupõe a constituição de uma rede de interações e mediações capaz de potencializar o processo de aprender a ser professor.

A pesquisa foi de grande importância para a minha compreensão da prática pedagógica, da formação continuada, a relevância de nós educadores estarmos sempre a par de novas formações e das aprendizagens das crianças, onde o professor atua como mediador

entre a criança e seu contexto social, utilizando-se de representações dos recursos do próprio ambiente tais como o espaço físico, materiais concretos, jogos e equipamentos básicos, disponíveis no cotidiano da comunidade escolar. Tendo como ponto de partida os saberes das crianças e se considere a necessidade da criança de explorar atividades que trabalhem corporeidade e movimento, em volta de atividades lúdicas baseadas na construção do conhecimento e da personalidade da criança, contribuindo ainda, com o desenvolvimento em seus aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Assim, percebe-se a importância de se trabalhar a diversidade para o desenvolvimento integral e a aprendizagem da criança, tendo por meio das interações e Brincadeira com o outro, que a criança desenvolva sua capacidade simbólica, o que a torna mais consciente de sua própria existência, possibilitando situações de aprendizagens que agucem a sua curiosidade por novas descobertas e tudo o que a encanta através das diferentes linguagens que a circulam socialmente, tendo em vista que não se pode deixar de considerar o cuidar, o educar e o brincar, pois são os aspectos que entrelaçam o contexto histórico da Educação Infantil.

Diante do que foi exposto até aqui, posso afirmar que a cada palavra escrita neste texto me remeteu ao um passado repleto de brincadeiras prazerosas da minha infância, onde nos foi oportunizado naquela época na mais simples brincadeira, experiências essenciais para a construção da minha identidade. Onde ao observar as brincadeiras das crianças, as experiências, os momentos lúdicos, as músicas, as pinturas e as mais diversas atividades que são desenvolvidas dentro de um espaço de Educação Infantil nos remetem ao um passado cheio de memórias afetivas, de cheiros, cores e sabores.

É perceptível o esforço coletivo no desenvolvimento de uma educação de qualidade, com capacidade para criar nas crianças quilombolas o sentimento de pertença assim como de respeito à sua origem e identidade. Contudo na prática muitos são os desafios, tendo em vista a necessidade de articulação entre o projeto de ensino e a prática pedagógica desenvolvida.

Cabe ressaltar que são muitos os pontos positivos evidenciados na pesquisa. No entanto destacamos alguns pontos negativos no que se refere aos direitos das crianças que estudam na Instituição pesquisada e que transitam no ônibus escolar por ser este o único transporte oferecido. Esses ônibus não possuem adaptações e monitor para atender crianças pequenas, ficando estas na responsabilidade do motorista que divide atenção entre cuidar a direção e as crianças.

Quanto à estrutura física há uma necessidade urgente de ampliação para melhor atendimento das crianças, pois o espaço é pequeno e dificuldade a organização das crianças dentro desse espaço.

No que se refere às práticas pedagógicas das professoras, enalteçemos a alegria, a força de vontade de cada uma em desenvolver os projetos pedagógicos, contudo percebemos que se faz necessário se utilizar mais e mais os espaços externos e explorar o contato com a natureza.

A pesquisa apontou que a laicidade ainda não está em vigência na CEI Vovó Teófila porque ainda realiza práticas de rezar o pai nosso e cantar música religiosa. Porém, tais práticas que acontecem está alicerçada nos princípios da igreja católica e evangélica. Evidencia e enaltece Deus, é preciso evidenciar que Deus está presente em todas as religiões, inclusive, na religião afro-brasileira.

Percebe que há uma preocupação em educar religiosamente as crianças para que elas fiquem obedientes, sensíveis, amável, agradável, carinhosa, dóceis e saibam respeitar os pais, os familiares, os amigos, os colegas, os professores e outras pessoas. No entanto há de se trabalhar no contexto do estado laico como determina a Constituição de 1988.

A comunidade escolar também tem a preocupação quanto à continuidade do trabalho pedagógico para o ano seguinte devido à troca de professores, pois sempre precisam retornar, porque se muda o corpo docente. Também evidenciam uma vontade no sentido de trazer para a Instituição profissionais que tenham descendência e ou que sejam quilombolas e amarrar como critérios nos processos seletivos no início do ano.

É perceptível que os profissionais do CEI, vem buscando descolonizar antigas práticas, e vem inserindo novas metodologias para de fato alcance um currículo vivo e ativo que favoreça o processo de empoderamento e promova experiências de interação com os outros, resgatando os processos de construção das nossas identidades culturais. E assim realmente possam seguir na dinâmica educacional dentro de uma perspectiva intercultural.

Encerro esse estudo enfatizando a importância desta pesquisa que traz como personagens centrais as crianças pantaneiras e quilombolas, pesquisa está que de acordo com o balanço de produção é inédita no meio acadêmico. Dizer que não foi fácil pesquisar uma temática tão desafiador e importante. Assim com meu coração em gratidão tenho certeza de que já não sou mais a mesma que fui ontem, um gostinho de quero mais, mais alegria, mais esperança, mais cores, mais e muito mais para nossas crianças, pois elas sabem o que querem, querem brincar, querem cantar, querem sonhar, querem imaginar, e nós temos que proporcionar tudo isso e um pouco mais para elas, proporcionar um mundo onde elas sejam o que quiserem em sua imaginação, ajudá-las a viverem definitivamente suas infâncias, sem medo, sem sofrimento, sem violência sem maltrato, que recebam uma educação de qualidade, e que possam ter á escola que respeite a infância. A escola que faça florescer sorrisos!

Imagem 32 - Crianças manifestando alegria e sorrisos.



Fonte: Arquivo da pesquisadora fotografia registrada no ultimo dia da observação participativa março/2021.

Poconé, minha Terra Natal! Portal de entrada do Pantanal!
 Lugar onde nasci, cresci, sonhei, estudei e idealizei!
 Daqui saí para estudar o ensino superior, voltei formada graças a Deus nosso Senhor! Aqui me casei, tive minhas filhas! Aqui eu moro com minha família!
 Aqui exerço minha profissão de professora! E também pesquisadora!
 Aqui foi realizada a pesquisa com a criança pantaneira quilombola do CEI Vovó Teófila, que desde pequenas já conhecem o Sr. Juca e sua viola.
 Participaram da pesquisa as crianças, anciãos, funcionárias, gestoras e as queridas professoras! Aqui eu milito nos movimentos sociais e luto pela educação com inclusão, diversidade e suas especificidades!
 Acesso, permanência e educação de qualidade para todo esse povo gentil a partir da educação infantil.

(Marileide do Carmo Amorim Arruda)

REFERÊNCIAS

- ALTET, M. et. al. Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências? 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001
- ALMEIDA, Renato. **História da Música Brasileira**. 2. ed. Rido de Janeiro: Briguiet.1942
- ANACLETO, MARCIA LUCIA. **“Ser quilombola”:** território, identidade e educação na cultura infantil' 11/12/2015 230 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Unicamp.
- ANDRADE, Mário. **Dicionário Musical Brasileiro**. São Paulo. 1982.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARRUDA, Marileide do Carmo Amorim. **Diário de Campo:** anotações diárias sobre a pesquisa: A Educação Infantil das Crianças Pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo em Poconé-MT. Poconé-MT, 2019 e 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN Maria da Graça Souza: **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil - Bases para a reflexão sobre as Orientações Curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil**.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977). 2006.
- BASSEDAS, Eulàlia; HUGUET, Teresa; SOLE, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Promulgada em 20 de dezembro de 2017. +Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola**. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: outubro de 2009.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Memória e sociedade**. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão**, Brasília, 2013.

BUENO, J.G.S. **Educação especial brasileira: integração / segregação do aluno diferente**. São Paulo, EDUC, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. 2001. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global.

CASTILHO, S. D. **Quilombo contemporâneo: educação, família e cultura**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Educação Escolar Quilombola: avanços e desafios**. Cuiabá-MT: Editora Sustentável, 2019.

CASTILHO, Suely Dulce de; CAMPOS, Jocimar Jesus. **As narrativas míticas da Comunidade Quilombola de Morrinhos/Poconé-MT e os fazeres escolares**. In:

CASTILHO, Suely Dulce de (org). **Educação Escolar Quilombola: avanços e desafios**. Cuiabá- MT: Editora Sustentável, 2019.

CAVALHEIROS, F. P. & Stadtler, H. H. C. (2010). Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. Revista Katálysis, 13(1), 133-139. Acesso em 08 de setembro de 2020, em <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/16.pdf>

CHARLOT, Bernard. **Professores, Alunos, Escola, Saber – relações atravessadas pela contradição: entrevista com Bernard Charlot**. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [39]: 15 - 35, maio/agosto 2011.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber, elementos para uma teoria**. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**, Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes. ”” 3 ed. ”” Porto Alegre: ARTMED, 296 páginas, 2010.

COSTA, Benedita Rosa da. Comunidade Quilombola Tanque do Padre: Memórias, Narrativas e Vivências. / Dissertação (Mestrado)-Cuiabá: Benedita Rosa da Costa. -2017, 110 f. : il. color. ; 30 cm.

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991.

DETONI, Joana D. Meira. 2004. *O Siriri na Baixada Cuiabana: um estudo sobre a popularização de uma dança folclórica*. Monografia de Graduação, Universidade de Brasília. 2004.

DYMENT, J. E.; BELL, A. C. **Grounds for movement: green school grounds as sites for promoting physical activity**. Health Education Research, v.23, n.6., p. 952–962, out. 2007.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2006.

- FARIA, A. B. G. de. **O Pátio escolar como ter[ritó]rio [de passagem] entre a escola e a cidade.** In: AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs.). O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011. p. 38.
- FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. Saberes ambientais: olhares, vivências e educação na comunidade do Garcês – Cáceres-MT./ Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira. Dissertação (Mestrado)-Cuiabá: UFMT, 2007. 104 f.
- FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara **Educação Escolar Indígena na Terra Indígena Apiaká - kayabi - em Juara - MT: Resistências e desafios.** / Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira. - Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.
- FERNANDES, Rogério. KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Sobre a história da infância.** In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (org.). **A infância e sua educação – materiais, práticas e representações.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Décio. **Palmares a guerra dos escravos .** 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- FLEURI, R.M.; BITENCOURT, S.M.; SCHUCMAN, L.V. **A questão da diferença na educação: para além da diversidade.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25., 2002, Caxambú. Anais... Caxambú: ANPED, 2002. Disponível em: Acesso em: 19 jan 2021.
- FREURI, Reinaldo Matias. **Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais.** Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB. Campo Grande, MS, n. 37, p. 89-106, jan./jun. 2014
- FONSECA, Edilberto; TRAVASSOS, Elizabeth & VIANNA, Letícia. **“Viola de cocho – patrimônio nacional”.** In: Andréa Falcão (org.). *Série Encontros e Estudos 6: Registro e Políticas de Salvaguarda para as Culturas Populares.* pp. 75-89. 2005.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para Trabalhos Científicos: explicitação das normas da ABNT.** 15 ed. Porto Alegre, s.n. 2009.

GARRAFA, Volnei. **Inclusão social no contexto político da bioética**, SBB, In: Revista Brasileira de Bioética, v. 1; n. 2, Brasília, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GIL, Sílvio F. **Espaço, representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. Ra e Ga o espaço geográfico em análise**. Curitiba, v.3, n.3, p. 91-120, 1999.

GOMES, Marineide de Oliveira Gomes. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação**. In: MUNANGA, Kabengele. (org.). Superando o Racismo na Escola. 2ª Ed. rev. Brasília: SECAD, 2005. p.143-154.

_____. **Cultura Negra e Educação**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago, n° 23, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acesso em : 20 de jan. de 2021.

_____. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Revista Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr, 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/currículo-e-relaçõesraciais-nilma-lino-gomes.pdf>. Acesso em: 22 de jan de 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva**. In: Ki Zerbo, (org.). História geral da África I: metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p.167-212.

HALBAWCHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1998.

KRUGER, M.F. **Amazônia mito e literatura**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

HUIZINGA, J. Homo Ludens. 4. ed. São Paulo: **Perspectiva**, 1996, 236p.

JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHELMILLER, Margo L. **O poder da observação: do nascimento aos 8 anos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JARDIM, Juliana Gomes. **O USO DA ETNOGRAFIA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. XI Congresso Nacional de Educação: EDUCERE 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10590_6107.pdf. Acesso em 20/09/2021.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educativas e profissão docente.** – 6. ed.- São Paulo : Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, (Coleção magistério Série Formação do professor). 2008.

LOPES, Alice C., MACEDO, Elisabeth. **Teorias de currículo** São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, Helena Theodoro, José Jorge SIQUEIRA, e Beatriz NASCIMENTO, 1987, Negro e Cultura Negra no Brasil, Rio de Janeiro, UNIBRADE/UNESCO.

LOUREIRO, Roberto. **Cultura mato-grossense: Festas de santos e outras tradições.** Cuiabá: Entrelinhas. 2006.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU 1986.

MARCONDES, Marco Antônio. **Enciclopédia da Música Brasileira: Erudita, folclórica, popular.** 1977

MATO GROSSO. POCONÉ. **Projeto Político Pedagógico-** Centro Municipal de Educação Infantil Vovó Teófila. Poconé-MT: 2019.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada.** In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MAARSCHALK, J. **Scientific literacy and informal science teaching.** J Res. Sci. Teac., n. 25, p. 135-146, 1988.

MÁRQUEZ, G. G. **Viver para contar.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. **História oral: como fazer, como pensar.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M.C. de S. (2010). O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco.

MOURA, Glória. Educação Quilombola. Ministério da Educação . Salto para o Futuro, Brasília , Boletim 10, p.3-14, 2007.

MOURA, Maria da Glória da Veiga. **Ritmos e ancestralidade na força dos tambores negros: o currículo invisível da festa**. 1997. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 1997.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Rodrigues. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006. (Coleção para entender)

MUNANGA, Kabengele (Org). superando o Racismo na Escola. Ministério da Educação , Brasília DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele, 1995, “Identidade, Cidadania e Democracia: Algumas Reflexões sobre os Discursos Anti-racistas no Brasil”, QUINTAS, Fátima (org.), O Negro: Identidade e Cidadania, Anais do IV Congresso Afro-Brasileiro, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Editora Massangana.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e as histórias da sua vida**. In NÓVOA, Antonio (org) Vida de professores. Portugal: Editora Porto, 1992.

NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das ráticas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.25, n.1, p.11-20, 1999.

OLIVEIRA, Z M. R. . Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011 .

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OSTETTO, L. E. **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando experiências de estágios. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PASUCH, Jaqueline. **A escola das crianças**. Tese de Doutorado. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005.

PEREIRA, Luciano da Silva. **Trajetória de vida, estratégias de resistência e protagonismo de Professoras Quilombolas da Comunidade de Chumbo/Poconé/MT**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT. 2017.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária Ltda,1987.

PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Função social da escola**. Revista Brasileira. São Paulo: Atlas, 1987.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992

RIBEIRO, João. Dicionário do Folclore Brasileiro. **O Folk-lore “cururu”**. Rio de Janeiro, 1919.

RIBEIRO, Suely de Souza. **A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância**. 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia> Acesso em 05 de novembro de 2020.

ROSSETTI-(FERREIRA, Maria Clotilde, AMORIM, Kátia S., Selva, ANA PAULA S. & CARVALHO, Ana Maria A. [Orgs] 2004). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre/RS: Artmed, 2004.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K.S.; VITÓRIA, T. Emergência de Novos Significados Durante o Processo de Adaptação de Bebês à Creche. *Coletâneas da ANPPEP*, vol. 1, n. 4.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; SILVA, A.P.S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 13, n. 2.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Trad. ROSA, Ernani F. da F. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Ângela Maria; SILVA, João Bosco da. (Orgs.) **História e Cultura Negra: Quilombos em Mato Grosso**. Cuiabá-MT: Seduc/MT, 2008.

SANTOS, Antônio Carlos Banzato Afonso. **Educação estética e formação inicial de professores da educação básica: um estudo hermenêutico do projeto político pedagógico, na modalidade de educação à distância**. (Dissertação de Mestrado). Universidade da Cidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 26, n. 91, 2005, p. 361 – 378.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

STERING. Silvia Maria dos Santos. **Ritmos e tons das ações instituintes da educação popular: um olhar fenomenológico da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal**.

Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Pós-graduação em Educação. 2008.

SILVA, Ana Paula S.; Pasuch, Jaqueline. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo.** In: Seminário Nacional Currículo em Movimento: Perspectivas atuais, 1., 2010. Anais... Belo Horizonte, 2010.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Trad. ROSA, Ernani F. da F. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SANTOS, Ângela Maria; SILVA, João Bosco da. (Orgs.) **História e Cultura Negra: Quilombos em Mato Grosso.** Cuiabá-MT: Seduc/MT, 2008.

SILVA, Adriana Maria Paulo. **Reinventando um passado: diversidade ética e social dos alunos das aulas públicas de primeiras letras na corte, na primeira metade do século XIX.** Xinxins: Cadernos PANESB, v.8, dez. 2006.

SILVA, Tomas Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** -3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 3 ed. Petrópolis, Vozes, 2004

SOUZA, Cleonice de Fátima de. **Inclusão da História da África nos currículos das Escolas Públicas do Paraná.** Disponível em www.isapg.com.br/2010/ciepg/download.php?id=175. Acesso em 04/11/2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TIRIBA Lea e FLORES Maria Luiza Rodrigues. **A Educação Infantil no contexto da Base Nacional Comum Curricular: Em defesa das crianças como seres da natureza, herdeiras das tradições culturais brasileiras.** Debates em Educação - ISSN 2175-6600 Maceió, Vol. 8, nº 16, Jul./Dez. 2016 falta 2005

TIRIBA, Lea. Prefácio. In: BARROS, Maria Isabel (org). **O Desemparedamento da Infância – A escola como lugar de encontro com a natureza.** Rio de Janeiro: Instituto Alana/Projeto Criança e Natureza, 2018.

TIRIBA, Léa. Crianças, natureza e Educação Infantil. Rio de Janeiro: PUC, 2005, 249p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino. Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**. In: Ki Zerbo. (Org.). História geral da África I: metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139 -166.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

VIGOTSKI, L.S. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1989.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves, **Brincando de música**. Porto Alegre RS, Kuarup, 1988.

XIMENES, T. M. **Educação e violência: a produção da demanda para a educação não- -formal**. In: SIMSON, O. R. M. V; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (Org.). Educação não- -formal: cenários da criação. Campinas, SP: Editora UNICAMP/CMU, 2001. p. 41-58.

Sites Consultados:

Confederação Nacional dos Municípios. www.cnm.org.br.

<https://aquelemato.org/pantanal-viola-de-cocho/>

Site oficial do evento: www.cururusiriri.com.br

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pantaneiro>

ANEXOS

**ANEXO I - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTORES/AS DA INSTITUIÇÃO
DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CHUMBO**

<p>OBS. Explicar os objetivos e foco do estudo, porque a escola foi escolhida para ser pesquisada; sigilo das informações; liberdade de responder; pedir licença para gravar.</p> <p><u>Quem entrevistar:</u> pessoas vinculadas à direção da escola: diretor(a), vice-diretor(a), coordenador(a) pedagógico(a).</p>	
I – IDENTIFICAÇÃO	
1.1 Da Escola: município, endereço, telefone, email.	
1.2 Do Entrevistado: nome, idade, formação, função	
II – ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO DAS CRIANÇAS	
2.1 Critérios de matrícula /Demanda na comunidade.	
2.2 Gestão da escola/ Participação da comunidade e famílias.	
2.3 Especificidades do calendário da escola.	
2.4 Condições da Estrutura Física/Manutenção/Limpeza...	
2.5 Projeto político-pedagógico (existência de documento escrito).	
2.6 Critérios de agrupamento das crianças/número de turmas e de crianças por turma	
2.7 Organização das experiências com as crianças:	
a) Organização das atividades diárias (existência de rotina planejada) com as crianças.	
b) Materiais disponíveis para as crianças (de 0 a 3 e de 4 a 6 anos)	
b) Uso dos espaços internos e externos da escola.	
c) Organização do sono, banho e alimentação das crianças (de 0 a 3 e de 4 a 6 anos) .	
2.8 Transporte das crianças moradoras da zona rural para a escola/Responsabilidade/Condições/Trajetos.	
2.9 Inclusão de crianças com deficiência (se existe e como ocorre o atendimento).	
2.10 Formação continuada dos professores e demais profissionais/Periodicidade/Tema/Organização.	
2.11 Participação das famílias no cotidiano da escola/Reuniões/Ações.	
2.12 Conhecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e das Diretrizes da Educação Quilombola.	

III – OPINIÕES / SUGESTÕES SOBRE O TEMA	
3.1 Pontos positivos e negativos do atendimento das crianças residentes no bioma Pantanal da Comunidade Quilombola do Chumbo de Poconé/MT.	
3.2 Como a escola organiza as práticas pedagógicas promotoras do desenvolvimento da identidade quilombola e pantaneira das crianças da educação infantil.	
3.4 Como a escola poderia ampliar / melhorar a educação dessas crianças especificamente.	
3.6 Sugestões para melhoria ou para uma política de Educação Infantil Quilombola.	
3.7 Deseja expressar mais alguma ideia, sugestão ou tem alguma pergunta?	
Agradecer e desligar o gravador de forma visível	

**ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES/AS DA
INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
CHUMBO**

<p>OBS. Explicar os objetivos e foco do estudo, porque a escola foi escolhida para ser pesquisada; sigilo das informações; liberdade de responder; pedir licença para gravar.</p> <p><u>Quem entrevistar:</u> professoras e professores que atuam na Instituição.</p>	
I – IDENTIFICAÇÃO	
1.1 Do Entrevistado: nome, idade, formação, função, qual turma atua	
1.3 Há quanto tempo atua na educação infantil? E nessa escola?	
1.4 Qual o sentido de trabalhar nessa escola com essa turma?	
II – ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO DAS CRIANÇAS	
2.1 Critérios de matrícula /Demanda na comunidade.	
2.2 Gestão da escola/ Participação da comunidade e famílias.	
2.3 Especificidades do calendário da escola.	
2.4 Condições da Estrutura Física/Manutenção/Limpeza...	
2.5 Projeto político-pedagógico (existência de documento escrito).	
2.6 Critérios de agrupamento das crianças/número de turmas e de crianças por turma	
2.7 Organização das experiências com as crianças:	
a) Organização das atividades diárias (existência de rotina planejada) com as crianças.	
b) Materiais disponíveis para as crianças (de 0 a 3 e de 4 a 6 anos)	
b) Uso dos espaços internos e externos da escola.	
c) Organização do sono, banho e alimentação das crianças (de 0 a 3 e de 4 a 6 anos) .	
2.8 Transporte das crianças moradoras da zona rural para a escola/Responsabilidade/Condições/Trajetos.	
2.9 Inclusão de crianças com deficiência (se existe e como ocorre o atendimento).	
2.10 Formação continuada dos professores e demais profissionais/Periodicidade/Tema/Organização.	
2.11 Participação das famílias no cotidiano da escola/Reuniões/Ações.	
2.12 Conhecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e das Diretrizes da Educação Quilombola.	

III – OPINIÕES / SUGESTÕES SOBRE O TEMA	
3.1 Pontos positivos e negativos do atendimento das crianças residentes no bioma Pantanal da Comunidade Quilombola do Chumbo de Poconé/MT.	
3.2 Como a escola organiza as práticas pedagógicas promotoras do desenvolvimento da identidade quilombola e pantaneira das crianças da educação infantil.	
3.4 Como a escola poderia ampliar / melhorar a educação dessas crianças especificamente.	
3.6 Sugestões para melhoria ou para uma política de Educação Infantil Quilombola.	
3.7 Deseja expressar mais alguma ideia, sugestão ou tem alguma pergunta?	
Agradecer e desligar o gravador de forma visível	

**ANEXO III- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS DE APOIO DA
INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
CHUMBO**

<p>OBS. Explicar os objetivos e foco do estudo, porque a escola foi escolhida para ser pesquisada; sigilo das informações; liberdade de responder; pedir licença para gravar.</p> <p><u>Quem entrevistar:</u> profissionais de apoio .</p>	
I – IDENTIFICAÇÃO	
1.1 Do Entrevistado: nome, idade, formação, função	
1.4 Há quanto tempo trabalha na instituição de educação infantil? E nessa escola?	
1.4 Qual o sentido de trabalhar nessa escola com essa função?	
II – ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO DAS CRIANÇAS	
2.1 Explica como funciona a sua função e como se relaciona com os demais adultos profissionais da escola.	
2.2 Explica como funciona a sua função e como se relaciona com as crianças.	
2.3 Explica como funciona a sua função e como se relaciona com as famílias das crianças.	
2.4 Condições da Estrutura Física/Manutenção/Limpeza...	
2.5 Explica se há algo da cultura quilombola aqui do pantanal que é trabalhado aqui na escola no âmbito da sua função.	
III – OPINIÕES / SUGESTÕES SOBRE O TEMA	
3.1 Pontos positivos e negativos do atendimento das crianças residentes no bioma Pantanal da Comunidade Quilombola do Chumbo de Poconé/MT.	
3.2 Como a escola organiza as práticas pedagógicas promotoras do desenvolvimento da identidade quilombola e pantaneira das crianças da educação infantil.	
3.4 Como a escola poderia ampliar / melhorar a educação dessas crianças especificamente.	
3.6 Sugestões para melhoria ou para uma política de Educação Infantil Quilombola.	
3.7 Deseja expressar mais alguma ideia, sugestão ou tem alguma pergunta?	
Agradecer e desligar o gravador de forma visível	

**ANEXO III- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PESSOAS SIGNIFICATIVAS DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CHUMBO**

<p>OBS. Explicar os objetivos e foco do estudo, porque a escola foi escolhida para ser pesquisada; sigilo das informações; liberdade de responder; pedir licença para gravar.</p> <p><u>Quem entrevistar:</u> pessoas significativas da comunidade quilombola do chumbo.</p>	
I – IDENTIFICAÇÃO	
1.1 Do Entrevistado: nome, idade, formação, profissão	
1.5 Há quanto reside na Comunidade do Chumbo?	
1.4 Como é ser um morador da comunidade quilombola? Explica o que é diferente aqui?	
II – ORGANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO DAS CRIANÇAS	
2.1 Como é a sua relação com as crianças?	
2.2 O que destaca como importante na educação das crianças quilombolas?	
2.3 Explica como são as infâncias nas famílias aqui da Comunidade do Chumbo.	
2.4 Com relação a escola, qual a sua opinião sobre as crianças pequenas estarem na escola desde bebezinhos.	
2.5 Explica se há algo da cultura quilombola aqui do pantanal que é trabalhado na escola que lhe faça perceber que a identidade quilombola será socializada com as crianças.	
III – OPINIÕES / SUGESTÕES SOBRE O TEMA	
3.1 Pontos positivos e negativos do atendimento das crianças residentes no bioma Pantanal da Comunidade Quilombola do Chumbo de Poconé/MT.	
3.2 Como a escola organiza as práticas pedagógicas promotoras do desenvolvimento da identidade quilombola e pantaneira das crianças da educação infantil.	
3.4 Como a escola poderia ampliar / melhorar a educação dessas crianças especificamente.	
3.6 Sugestões para melhoria ou para uma política de Educação Infantil Quilombola.	
3.7 Deseja expressar mais alguma ideia, sugestão ou tem alguma pergunta?	
Agradecer e desligar o gravador de forma visível	

ANEXO IV/1- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Sujeitos da pesquisa Profissionais da Educação do CEI Vovó Teófila (Gestores/as, Professores/as, Profissionais de apoio escolar)

Convidamos V. S^a, _____, profissional do Centro de Educação Infantil Vovó Teófila, localizada na Comunidade do Chumbo no município de Poconé /MT para participar, como voluntário/a da pesquisa que está sendo realizada pela Mestranda Marileide do Carmo Amorim Arruda, no curso de Mestrado em Educação/Cáceres-MT. Após a leitura deste documento, caso aceite fazer parte desse estudo, favor assinar ao final, as duas vias, uma que ficará com a (o) Senhora (o) e a outra para a pesquisadora responsável. Em caso de recusa não haverá penalidades. As dúvidas poderão ser dirimidas no Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT pelo telefone: (65) 3221 0000 ou pelo e-mail: cep@unemat.br.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Educação Infantil das Crianças Pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo em Poconé - MT.

Pesquisadora responsável

Prof^a. Dra. Jaqueline Pasuch

Endereço: Rua dos Pássaros, nº 376, Bairro: Nossa Senhora Aparecida.

Sinop-MT- CEP: 78. 556-339

Telefone: (66) 35315233 ou (66) 9988-7747 e-mail: jaquep@terra.com.br

Pesquisadora (orientanda)

Marileide do Carmo Amorim Arruda

Rua C Quadra 05 nº 06

Poconé MT, CEP 78.175-000

Telefone: (65) 3345-3320 ou (65) 99956 1924 ou (65) 99242 1290 e-mail: marileide_amorim@yahoo.com.br

Descrição da pesquisa:

A pesquisa aqui apresentada propõe a observação participativa na qual procuraremos significar e buscar os significados atribuídos pelos sujeitos desta pesquisa a respeito da infância e da educação infantil das crianças quilombolas/pantaneiras da escola de educação infantil da Comunidade do Chumbo. No caso específico desta investigação, as vivências das crianças, os contextos nos quais elas vivem e convivem, as formas de vida, os elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais serão elementos de observação para compor a matriz sócio histórica.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, terá como técnicas: entrevistas semiestruturadas com gestores/as, professores/as, profissionais de apoio e pessoas significativas da comunidade, observações dos espaços-tempos de vida na comunidade escolar, procurando compreender os significados da identidade quilombola/pantaneira. Nesse sentido procuraremos lançar um olhar para os sujeitos da pesquisa a partir de suas interações e vivências cotidianas buscando as significações que eles atribuem sobre a educação ofertada às crianças. Esse processo de observação se dará nos seus diferentes modos presentes no aqui e agora, nos tempos e espaços da criança moradora na comunidade quilombola no município de Poconé /MT.

Depois de reunidos os dados, estes serão descritos, confrontados, na perspectiva da Rede de Significações tendo como referencial teórico a literatura nacional e internacional sobre sociologia da criança e políticas educacionais com foco nos relatos orais dos sujeitos participantes e observações realizadas pelo pesquisador.

Forma de acompanhamento

O acompanhamento será um processo contínuo em que a pesquisadora estará buscando estabelecer uma relação de trocas entre os sujeitos da pesquisa, tendo como foco as observações e as entrevistas narrativas destes. Sempre tendo a ética como parâmetro para seus procedimentos de visitas, observação e narrativas com os sujeitos da pesquisa. Será garantido no decorrer do processo de pesquisa o acesso aos dados coletados aos sujeitos nela envolvidos demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido.

Esclarecimentos

Será garantido no decorrer do processo de pesquisa o acesso aos dados coletados aos sujeitos nela envolvidos demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido. Os participantes poderão se desligar do projeto a qualquer momento do seu andamento. A identificação dos sujeitos da pesquisa não será exposta durante a pesquisa nem nas publicações, só mediante autorização, assinada neste termo garantindo assim o anonimato dos participantes. Quaisquer recursos ou reclamações poderão ser encaminhados à pesquisadora responsável.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa

Os resultados da pesquisa serão de caráter público, dessa forma os sujeitos, instituição envolvida e sociedade em geral poderão apropriar-se resultados da pesquisa, rediscuti-los e propor novas reflexões acerca dos estudos das crianças/infâncias moradoras nos espaços de vida pantaneiro/quilombola.

Período de participação

A referida pesquisa tem previsto em seu cronograma o período de fevereiro a junho de 2020.

A assinatura deste termo é fundamental como forma de orientação e autorização, marque x nas opções que você autoriza.

- () Autoriza a sua participação na Pesquisa.
- () Autoriza uso de imagem e voz.
- () Autoriza a identificação do seu nome durante a pesquisa e em futuras publicações.

Estando assim de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento as partes envolvidas.

Poconé - MT, _____ de _____.

Nome: _____

Cargo: _____

Endereço: _____

RG _____

Assinatura _____

Responsável pela Pesquisa

Marileide do Carmo Amorim Arruda - Mestranda em Educação – UNEMAT

ANEXO IV/2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Sujeitos da pesquisa (Pessoas significativas da comunidade Ancião e Anciã)

Convidamos o (a) Sr. (Sr^a) _____, pessoa significativa (Ancião/Anciã), da Comunidade da Comunidade Quilombola do Chumbo no município de Poconé /MT para participar, como voluntário/a da pesquisa que está sendo realizada pela Mestranda Marileide do Carmo Amorim Arruda, no curso de Mestrado em Educação/Cáceres-MT. Após a leitura deste documento, caso aceite fazer parte desse estudo, favor assinar ao final, as duas vias, uma que ficará com a (o) Senhora (o) e a outra para a pesquisadora responsável. Em caso de recusa não haverá penalidades. As dúvidas poderão ser dirimidas no Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT pelo telefone: (65) 3221 0000 ou pelo e-mail: cep@unemat.br.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Educação Infantil das Crianças Pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo em Poconé - MT.

Pesquisadora responsável

Prof^a. Dra. Jaqueline Pasuch

Endereço: Rua dos Pássaros, nº 376, Bairro: Nossa Senhora Aparecida.

Sinop-MT- CEP: 78. 556-339

Telefone: (66) 35315233 ou (66) 9988-7747 e-mail: jaquep@terra.com.br

Pesquisadora (orientanda)

Marileide do Carmo Amorim Arruda

Rua C Quadra 05 nº 06

Poconé MT, CEP 78.175-000

Telefone: (65) 3345-3320 ou (65) 99956 1924 ou (65) 99242 1290 e-mail: marileide_amorim@yahoo.com.br

Descrição da pesquisa:

A pesquisa aqui apresentada propõe a observação participativa na qual procuraremos significar e buscar os significados atribuídos pelos sujeitos desta pesquisa a respeito da infância e da educação infantil das crianças quilombolas/pantaneiras da escola de educação infantil da Comunidade do Chumbo. No caso específico desta investigação, as vivências das crianças, os contextos nos quais elas vivem e convivem, as formas de vida, os elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais serão elementos de observação para compor a matriz sócio histórica.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, terá como técnicas: entrevistas semiestruturadas com gestores/as, professores/as, profissionais de apoio e pessoas significativas da comunidade, observações dos espaços-tempos de vida na comunidade escolar, procurando compreender os significados da identidade quilombola/pantaneira. Nesse sentido procuraremos lançar um olhar para os sujeitos da pesquisa a partir de suas interações e vivências cotidianas buscando as significações que eles atribuem sobre a educação ofertada às crianças. Esse processo de observação se dará nos seus diferentes modos presentes no aqui e agora, nos tempos e espaços da criança moradora na comunidade quilombola no município de Poconé /MT.

Depois de reunidos os dados, estes serão descritos, confrontados, na perspectiva da Rede de Significações tendo como referencial teórico a literatura nacional e internacional sobre sociologia da criança e políticas educacionais com foco nos relatos orais dos sujeitos participantes e observações realizadas pelo pesquisador.

Forma de acompanhamento

O acompanhamento será um processo contínuo em que a pesquisadora estará buscando estabelecer uma relação de trocas entre os sujeitos da pesquisa, tendo como foco as observações e as entrevistas narrativas destes. Sempre tendo a ética como parâmetro para seus procedimentos de visitas, observação e narrativas com os sujeitos da pesquisa. Será garantido no decorrer do processo de pesquisa o acesso aos dados coletados aos sujeitos nela envolvidos demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido.

Esclarecimentos

Será garantido no decorrer do processo de pesquisa o acesso aos dados coletados aos sujeitos nela envolvidos demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido. Os participantes poderão se desligar do projeto a qualquer momento do seu andamento. A identificação dos sujeitos da pesquisa não será exposta durante a pesquisa nem nas publicações, só mediante autorização, assinada neste termo garantindo assim o anonimato dos participantes. Quaisquer recursos ou reclamações poderão ser encaminhados à pesquisadora responsável.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa

Os resultados da pesquisa serão de caráter público, dessa forma os sujeitos, instituição envolvida e sociedade em geral poderão apropriar-se resultados da pesquisa, rediscuti-los e propor novas reflexões acerca dos estudos das crianças/infâncias moradoras nos espaços de vida pantaneiro/quilombola.

Período de participação

A referida pesquisa tem previsto em seu cronograma o período de fevereiro a junho de 2020.

A assinatura deste termo é fundamental como forma de orientação e autorização, marque x nas opções que você autoriza.

- () Autoriza a sua participação na Pesquisa.
- () Autoriza uso de imagem e voz.
- () Autoriza a identificação do seu nome durante a pesquisa e em futuras publicações.

Estando em comum acordo, assinam o presente Termo de Consentimento as partes envolvidas.

Poconé - MT, _____ de _____.

Nome: _____

Cargo: Pessoa significativa para a comunidade e para o Centro de Educação Infantil

Endereço: _____

RG _____

Assinatura _____

Responsável pela Pesquisa

Marileide do Carmo Amorim Arruda - Mestranda em Educação - UNEMAT

ANEXO V- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ÀS CRIANÇAS

Você criança matriculada na escola de educação infantil da Comunidade Quilombola do Chumbo está sendo convidado (a), para participar, como voluntário (a) da pesquisa que está sendo realizada pela Mestranda Marileide do Carmo Amorim Arruda no curso de Mestrado em Educação/Cáceres-MT. Após a leitura deste documento, caso aceite fazer parte desse estudo, favor assinar ao final. Em caso de não aceitar, não haverá penalidades. As dúvidas poderão ser dirimidas no Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT pelo telefone: (65) 3221 0000 ou pelo e-mail: cep@unemat.br.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Educação Infantil das Crianças Pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo em Poconé - MT.

Pesquisadora responsável

Prof^a. Dra. Jaqueline Pasuch

Endereço: Rua dos Pássaros, nº 376, Bairro: Nossa Senhora Aparecida.

Sinop-MT- CEP: 78. 556-339

Telefone: (66) 35315233 ou (66) 9988-7747 e-mail: jaquep@terra.com.br

Pesquisadora (orientanda)

Marileide do Carmo Amorim Arruda

Rua C Quadra 05 nº 06

Poconé MT, CEP 78.175-000

Telefone: (65) 3345-3320 ou (65) 99956 1924 ou (65) 99242 1290 e-mail: marileide_amorim@yahoo.com.br

Descrição da pesquisa:

A pesquisa aqui apresentada propõe a observação participativa na qual procuraremos significar e buscar os significados atribuídos pelos sujeitos desta pesquisa a respeito da infância e da educação infantil das crianças quilombolas/pantaneiras da escola de educação infantil da Comunidade do Chumbo. No caso específico desta investigação, as vivências das crianças, os contextos nos quais elas vivem e convivem, as formas de vida, os elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais serão elementos de observação para compor a matriz sócio histórica.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, terá como técnicas: entrevistas semiestruturadas com gestores/as, professores/as, profissionais de apoio e pessoas significativas da comunidade, observações dos espaços-tempos de vida na comunidade escolar, procurando compreender os significados da identidade quilombola/pantaneira. Nesse sentido procuraremos lançar um olhar para os sujeitos da pesquisa a partir de suas interações e vivências cotidianas buscando as significações que eles atribuem sobre a educação ofertada às crianças. Esse processo de observação se dará nos seus diferentes modos presentes no aqui e agora, nos tempos e espaços da criança moradora na comunidade quilombola no município de Poconé /MT.

Depois de reunidos os dados, estes serão descritos, confrontados, na perspectiva da Rede de Significações tendo como referencial teórico a literatura nacional e internacional

sobre sociologia da criança e políticas educacionais com foco nos relatos orais dos sujeitos participantes e observações realizadas pelo pesquisador.

Forma de acompanhamento

O acompanhamento será um processo contínuo em que a pesquisadora estará buscando estabelecer uma relação de trocas entre os sujeitos da pesquisa, tendo como foco as observações e as entrevistas narrativas destes. Sempre tendo a ética como parâmetro para seus procedimentos de visitas, observação e narrativas com os sujeitos da pesquisa. Será garantido no decorrer do processo de pesquisa o acesso aos dados coletados aos sujeitos nela envolvidos demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido.

Esclarecimentos

Será garantido no decorrer do processo de pesquisa o acesso aos dados coletados aos sujeitos nela envolvidos demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido. Os participantes poderão se desligar do projeto a qualquer momento do seu andamento. A identificação dos sujeitos da pesquisa não será exposta durante a pesquisa nem nas publicações, só mediante autorização, assinada neste termo garantindo assim o anonimato dos participantes. Quaisquer recursos ou reclamações poderão ser encaminhados à pesquisadora responsável.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa

Os resultados da pesquisa serão de caráter público, dessa forma os sujeitos, instituição envolvida e sociedade em geral poderão apropriar-se resultados da pesquisa, rediscuti-los e propor novas reflexões acerca dos estudos das crianças/infâncias moradoras nos espaços de vida pantaneiro/quilombola.

Período de participação

A referida pesquisa tem previsto em seu cronograma o período de fevereiro a junho de 2020.



Estando assim de acordo, assinam o presente Termo de Assentimento as partes envolvidas.

Este termo autoriza a participação dos sujeitos criança de 4 e 5 anos a participarem da pesquisa bem como o uso de imagem, voz e identificação da criança com primeiro nome. É importante registrar que os pais também assinarão o termo. Estando assim de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento as partes envolvidas.

Poconé, _____ de 2020.



Assinatura das crianças, sujeitos da pesquisa:

NOME: _____

SIM 	NÃO 
--	--



RESPONSÁVEL: _____

NOME: _____

SIM 	NÃO 
--	--



RESPONSÁVEL: _____

NOME: _____

SIM 	NÃO 
---	---

RESPONSÁVEL: _____

NOME: _____

SIM 	NÃO 
--	--

RESPONSÁVEL: _____

Responsável pela Pesquisa_____
Marileide do Carmo Amorim Arruda – Mestranda em Educação - UNEMAT

ANEXO VI- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Convidamos V. S^a, pais/responsáveis das crianças de 0 à 5 anos de idade, da Instituição de Educação Infantil da Comunidade Quilombola do Chumbo, Poconé /MT para participar, como voluntário da pesquisa que está sendo realizada pela Mestranda Marileide do Carmo Amorim Arruda, no curso de Mestrado em Educação/Cáceres-MT. Após a leitura deste documento, caso aceite fazer parte desse estudo, favor assinar ao final, as duas vias, uma que ficará com a (o) Senhora (o) e a outra para a pesquisadora responsável. Em caso de recusa não haverá penalidades. As dúvidas poderão ser dirimidas no Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT pelo telefone: (65) 3221 0000 ou pelo e-mail: cep@unemat.br.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: A Educação Infantil das Crianças Pantaneiras na Comunidade Quilombola do Chumbo em Poconé - MT.

Pesquisadora responsável

Prof^a. Dra. Jaqueline Pasuch

Endereço: Rua dos Pássaros, nº 376, Bairro: Nossa Senhora Aparecida.

Sinop-MT- CEP: 78. 556-339

Telefone: (66) 35315233 ou (66) 9988-7747 e-mail: jaquep@terra.com.br

Pesquisadora (orientanda)

Marileide do Carmo Amorim Arruda

Rua C Quadra 05 nº 06

Poconé MT, CEP 78175-000

Telefone: (65) 3345-3320 ou (65) 99956 1924 ou (65) 99242 1290 e-mail: marileide_amorim@yahoo.com.br

Descrição da pesquisa:

A pesquisa aqui apresentada propõe a observação participativa na qual procuraremos significar e buscar os significados atribuídos pelos sujeitos desta pesquisa a respeito da infância e da educação infantil das crianças quilombolas/pantaneiras da escola de educação infantil da Comunidade do Chumbo. No caso específico desta investigação, as vivências das crianças, os contextos nos quais elas vivem e convivem, as formas de vida, os elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais serão elementos de observação para compor a matriz sócio histórica.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, terá como técnicas: entrevistas semiestruturadas com gestores/as, professores/as, profissionais de apoio e pessoas significativas da comunidade, observações dos espaços-tempos de vida na comunidade escolar, procurando compreender os significados da identidade quilombola/pantaneira. Nesse sentido procuraremos lançar um olhar para os sujeitos da pesquisa a partir de suas interações e vivências cotidianas buscando as significações que eles atribuem sobre a educação ofertada às crianças. Esse processo de observação se dará nos seus diferentes modos presentes no aqui e agora, nos tempos e espaços da criança moradora na comunidade quilombola no município de Poconé /MT.

Depois de reunidos os dados, estes serão descritos, confrontados, na perspectiva da Rede de Significações tendo como referencial teórico a literatura nacional e internacional sobre sociologia da criança e políticas educacionais com foco nos relatos orais dos sujeitos participantes e observações realizadas pelo pesquisador.

Forma de acompanhamento

O acompanhamento será um processo contínuo em que a pesquisadora estará buscando estabelecer uma relação de trocas entre os sujeitos da pesquisa, tendo como foco as observações e as entrevistas narrativas destes. Sempre tendo a ética como parâmetro para seus procedimentos de visitas, observação e narrativas com os sujeitos da pesquisa. Será garantido no decorrer do processo de pesquisa o acesso aos dados coletados aos sujeitos nela envolvidos demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido.

Esclarecimentos

Será garantido no decorrer do processo de pesquisa o acesso aos dados coletados aos sujeitos nela envolvidos demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido. Os participantes poderão se desligar do projeto a qualquer momento do seu andamento. A identificação dos sujeitos da pesquisa não será exposta durante a pesquisa nem nas publicações, só mediante autorização, assinada neste termo garantindo assim o anonimato dos participantes. Quaisquer recursos ou reclamações poderão ser encaminhados à pesquisadora responsável.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa

Os resultados da pesquisa serão de caráter público, dessa forma os sujeitos, instituição envolvida e sociedade em geral poderão apropriar-se resultados da pesquisa, rediscuti-los e propor novas reflexões acerca dos estudos das crianças/infâncias moradoras nos espaços de vida pantaneiro/quilombola.

Período de participação

A referida pesquisa tem previsto em seu cronograma o período de fevereiro a junho de 2020.

A assinatura deste termo é fundamental como forma de orientação e autorização, marque x nas opções que você autoriza.

- Autoriza a participação do seu filho ou da sua filha nesta pesquisa.
- Autoriza a sua participação na Pesquisa.
- Autoriza uso de imagem e voz.
- Autoriza a identificação do seu nome durante a pesquisa e em futuras publicações.

Estando em comum acordo, assinam o presente Termo de Consentimento as partes envolvidas.

Poconé - MT, _____ de _____.

Nome: _____

Endereço: _____

RG _____

Assinatura _____

Responsável pela Pesquisa

Marileide do Carmo Amorim Arruda - Mestranda em Educação – UNEMAT